



# MANTERE MA KWÉ TĨNHIN

HISTÓRIAS DE  
MALOCA ANTIGAMENTE

Pichuvy Cinta Larga

Organização: Ana Leonel Queiroz, Ivete Lara Camargos Walty e Leda Lima Leonel

ACERVO MARI

MDI 280

8BFW

MANTERE MA  
KWÉ TINHIN  
HISTORIAS DE  
MALOCA ANTIGAMENTE  
Pichuvy Cinta Larga

BIBLIOTECA DO MARI  
GRUPO DE EDUCAÇÃO INDIGENA  
Nº TOMBO 77

AC/CIMI  
1ª Edição  
1988

MDI 280

# MANTERE MA KWÉ TĨNHIN

HISTÓRIAS DE  
MALOCA ANTIGAMENTE

Pichuvy Cinta Larga

SEGRAC/CIMI

1ª Edição

1988

MARI - EDUCAÇÃO INDÍGENA  
DEPTO. DE ANTIPOLOGIA - USP  
Caixa Postal 8.110/15 TOMBO: 148  
05508 - São Paulo, S.P. - BRASIL

**Co-edição:**

SEGRAC - Sociedade Editora e Gráfica de Ação  
Comunitária e CIMI - Conselho Indigenista  
Missionário.

**Organizadores:**

Ana Leonel Queiroz  
Ivete Lara Camargos Walty  
Leda Lima Leonel

**Ilustração:**

Pichuvy e outros Cinta Largas

**Proj. Visual e Capa:**

Alexandre de Lourenço

Todos os direitos reservados à  
SEGRAC - Sociedade Editora e Gráfica  
de Ação Comunitária e  
CIMI - Conselho Indigenista Missionário.

C574           Cinta Larga, Pichuvy  
                  Mantêre ma Kwé tñhim – Histórias de maloca antigamente  
/ Pichuvy Cinta Larga. –  
Belo Horizonte.: SEGRAC-CIMI, 1988.  
                  132 p.: il.  
                  1. Etnologia - Brasil 2. Índios Cinta larga-Brasil I. Título II  
Título: Histórias de maloca antigamente.

CDD 572.981  
CDU 39 (81)

# INDICE

## PARTI I - OS MITOS

Agronomia 7  
Palavras Pa Ma To Ma 9  
Palavras Alhoas - Reseña de Litter 10

Ngué 17  
Dapala - Dona da Casa 25  
Pobá - Fogo 27  
Nguá Mungá Werébá - Fim do Mundo 29  
Pindá - Ka A - Primeira Noite 31  
Aché Mí - Casamento 33  
Mandá de Fera - Dama do Mato 35  
Níwá - Fogo 37  
Njé - Fim do 39  
Pindá - Primeira Parvada 41  
Níwá - Fogo 43  
Pa Njé - O Anjo 45  
Njé - Fogo 47  
Sodá - Fim do Mundo 49  
Al - Sessão 51  
Njé - Fogo 53  
Njé - Fogo 55  
Njé - Fogo 57  
Njé - Fogo 59  
Njé - Fogo 61  
Njé - Fogo 63  
Njé - Fogo 65  
Njé - Fogo 67  
Njé - Fogo 69  
Njé - Fogo 71  
Njé - Fogo 73  
Njé - Fogo 75  
Njé - Fogo 77  
Njé - Fogo 79  
Njé - Fogo 81  
Njé - Fogo 83  
Njé - Fogo 85  
Njé - Fogo 87  
Njé - Fogo 89  
Njé - Fogo 91  
Njé - Fogo 93  
Njé - Fogo 95  
Njé - Fogo 97  
Njé - Fogo 99

## PARTI II - OUTRAS VETORIAS

Fala - Casa Antiga 101  
Primeira Noite - Branco 103  
Njé - Fogo 105  
Njé - Fogo 107  
Njé - Fogo 109  
Njé - Fogo 111  
Njé - Fogo 113  
Njé - Fogo 115  
Njé - Fogo 117  
Njé - Fogo 119  
Njé - Fogo 121  
Njé - Fogo 123  
Njé - Fogo 125  
Njé - Fogo 127  
Njé - Fogo 129  
Njé - Fogo 131  
Njé - Fogo 133  
Njé - Fogo 135  
Njé - Fogo 137  
Njé - Fogo 139  
Njé - Fogo 141  
Njé - Fogo 143  
Njé - Fogo 145  
Njé - Fogo 147  
Njé - Fogo 149  
Njé - Fogo 151  
Njé - Fogo 153  
Njé - Fogo 155  
Njé - Fogo 157  
Njé - Fogo 159  
Njé - Fogo 161  
Njé - Fogo 163  
Njé - Fogo 165  
Njé - Fogo 167  
Njé - Fogo 169  
Njé - Fogo 171  
Njé - Fogo 173  
Njé - Fogo 175  
Njé - Fogo 177  
Njé - Fogo 179  
Njé - Fogo 181  
Njé - Fogo 183  
Njé - Fogo 185  
Njé - Fogo 187  
Njé - Fogo 189  
Njé - Fogo 191  
Njé - Fogo 193  
Njé - Fogo 195  
Njé - Fogo 197  
Njé - Fogo 199

## MANTÉRE MA KWÉ TĨNHIN<sup>(1)</sup>

MANTÉRE - Passado, antigamente

MA - Nossa

KWÉ - Fala, expressão derivada do radical Ngu - boca

TĨNHIN - Pintado, registro, escrever

1. As palavras nativas que aparecem no texto são o resultado de uma aproximação da Língua Portuguesa. As transcrições fonéticas, segundo o alfabeto internacional, encontram-se no rodapé, entre colchetes [ ]. (Nota de Inês Hargreaves).

# ÍNDICE

**Apresentação** 7

**Paikinim Pa Mã Pa Mã** 9

**Palavras Alheias - Recado ao Leitor** 10

## PARTE I - OS MITOS

**Ngurá** 17

**Bepuixi - Dono da Chuva** 25

**Pokã** - Fogo 27

**Ngoin Mangá Werebá - Fim do Mundo** 29

**Pandere Sa Ka A - Primeiro Nós** 31

**Asaid Nã - Casamento** 33

**Histórias de Pawo - Dono do Mato** 35

**Wāwā - Pajé** 47

**Njap - Flecha** 51

**Pasakui - Paxiuba Barriguda** 53

**Ndapúa - Cipó** 55

**Po Pakey - Os Animais** 57

**Neku - Onça** 59

**Sunkip - Filho de Mutum** 63

**Álá - Besouro** 70

**Kasat Kwé Tíhinh - Histórias de Arara** 73

**Waçá - Anta** 77

**Ngabey - Marimbondo** 79

**Wázo** - Tatu 81

**Uindin - Passarinho Grande** 83

**Bebé - Porco** 85

**Uirapuru Que Comeu Índio** 87

**Ikulun - Gavião** 88

**Baiaku - Urubu** 91

**Koruya - Sapo** 95

**Toto** 99

## PARTE II - OUTRAS HISTÓRIAS

**Fazer Como Antigamente...** 103

**Primeiro Não Tem Branco...** 105

**Meu Mãe é Outro Aldeia** 113

**Velho Que Conta História de Noite** 115

**Branco Derruba Até no Serra** 121

**Cabou Vida Nossa de Índio** 127



# APRESENTAÇÃO

“O ÍNDIO PACÍFICA O BRANCO”<sup>(1)</sup>

Pichuvy consegue neste livro expressar as coisas do sentimento, a história de seu povo num relato apaixonante do universo TUPI MONDÉ<sup>(2)</sup>.

A história que Pichuvy nos apresenta revela detalhes impressionantes de um observador privilegiado. Ele é o sujeito ativo e passivo do conflito de duas civilizações, de dois planetas; da invasão selvagem das terras indígenas, dos massacres, da degradação física e cultural, do assalto às riquezas naturais, do desmatamento impiedoso das florestas tropicais, da gana e avareza do homem dito civilizado – pretensioso representante da civilização ocidental.

A antiguidade da ocupação indígena e a concentração de povos de matriz essencialmente Tupi, representada por cinco famílias linguísticas (Mondé, Rama-Rama, Kawahib, Arikén, Tupari) a noroeste do Brasil, nos atuais estados de Mato Grosso e Rondônia, imprimiu, num espaço de milhares de anos, variáveis nas línguas, tornando algumas mutuamente incompreensíveis. Apesar disso, distinguiu-se um tronco linguístico e delimitou-se uma região cultural Tupi. Concluiu-se, deste modo, que os povos Tupi

que habitavam a Costa Atlântica no século XVI originaram-se de fato do noroeste brasileiro, e que, através de ondas migratórias, atingiram o litoral.

Inverte-se assim a História oficial dos colonizadores e invasores europeus, ao narrar o contato com os povos nativos.

A realidade hoje é a mesma de 488 anos atrás, sofisticada, sim, mas não menos cruel!

Ou o homem moderno, já no limite do ano 2.000, aprende a lidar com as diferenças e com a riqueza humana do planeta Terra, valorizando o homem, o prazer, a qualidade de vida e a preservação incondicional do que ainda nos resta da natureza e recursos naturais, ou, estaremos selando o futuro e o destino incerto da humanidade em nome do que se chama desenvolvimento e progresso.

1. “O índio pacífica o branco” foi o título da matéria escrita por Mário Chimanovitz em 1974, ao cobrir a chegada e contato amistoso de grupo Cinta Larga em Humboldt, Aripuanã, quando os Cinta Larga distribuíram colares, flechas e enfeites. Dos 69 Cinta Larga morreram de gripe e 31 retornaram à aldeia.

2. Fazem parte do grupo Tupi-Mondé os grupos Cinta Larga, Suruf, Zoró, Gavião, Arua, Salomá, Mondé e possivelmente os arredios Andaroup.

instituição da história

A região em foco, os valores do Aripuanã e Roosevelt, território tradicional ocupado imemorialmente pelos "TUPI MONDÉ" permaneceu até bem pouco tempo intocada e ignorada pela sociedade nacional.

As dificuldades de acesso, a densa e estratégica ocupação indígena nas cabeceiras dos grandes rios, a hostilização dos invasores pelos índios em defesa de suas terras, possibilitou a sobrevivência dessas sociedades sabiamente adaptadas.

Os viajantes do início do século, a rota de Rondon na Comissão das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas e a expedição Roosevelt/Rondon, ao atravessarem as cabeceiras e vales do Aripuanã, Roosevelt, Jí Paraná, deixaram no rastro o nefasto destino...

A caça ao índio – massacres promovidos pelos grupos econômicos, mineradores e seringalistas – fulminou aldeias inteiras com bombas, venenos, armas. Em 1963, o bárbaro massacre do paralelo 11 promovido pela firma Arruda e Junqueira, nas cabeceiras do rio Juína, declara guerra aos Cinta Larga.

Então, se abatem sobre a região os grandes projetos de desenvolvimento, a BR 364 e os planos de integração nacional direcionados para a Amazônia, objetivando a ocupação dos "espaços vazios".

As equipes de contato e "pacificação" do SPI/FUNAI foram financiadas pelos grupos econômicos, mineradores e seringalistas que pretendiam "amansar os índios" e explorar suas terras.

A população Tupi Mondé foi estimada em cerca de 10.000 habitantes, destes, 5.000 eram Cinta Larga. No mesmo período, 1971, a população total de não-índios no município Matogrossense de Aripuanã não ultrapassava 2.000 pessoas.

O que aconteceu a partir daí?

Esta é uma história que incomoda e envergonha.

Os Suruí, Cinta Larga, Gavião, Zoró, Arara, Andaroup e tantos outros de que não chegamos nem mesmo a conhecer o nome, foram fulminados pela irresponsabilidade, cobiça e insensatez do Estado Brasileiro e estão reduzidos a cerca de 2.000 pessoas, das quais 1.000 são Cinta Larga.

Projetos de colonização, fazendas, garimpos, estradas, cidades, hidrelétricas, desmatamentos, transformaram impiedosamente os territórios indígenas em verdadeiros campos de batalha.

As atuais Áreas Indígenas – AI Parque Aripuanã (PI Tenente Marquês), AI Roosevelt (PI Roosevelt, PI 14 de abril, PI Capitão Cardoso), AI Serra Morena (PI Serra Morena, PI Vigilância), AI Aripuanã (PI Rio Preto), AI Sete de Setembro (PI Sete de Setembro, PI Linha 9, PI Linha 11, PI Linha 14), AI Zoró (PI Zoró, PI Barreira), AI Igarapé Lourdes (PI Lourdes, PI Nova Colina, PI Iterap), são parte apenas do território imemorial que vem sendo reduzido e esquadrihado dia após dia.

É por isso que Pichuvy, indignado, vem nos reclamar. Reclamar RESPEITO!! Mas ele vai além, e através de um modo íntimo e legítimo dos seus – o MBEREWÁ – o canto, a narrativa da realidade e da vida, revela aos brancos e reafirma aos seus, a grande sabedoria dos guerreiros, a criação do mundo, a origem dos Kabân, Mâm e Kakin, mistérios das florestas, as leis da natureza, a aventura dos animais, o poder do povo, o universo do Ngurá, de onde vem a certeza de que ainda vale a pena pacificar os brancos.

*Inês Hargreaves*  
*Aripuanã, dezembro/1987.*

# PAIKINIM PA MÃ PA MÃ

RECALDO AO LECTOR

Em 1983, iniciei uma pesquisa sobre a habitação dos índios Cinta Larga: arquitetura, estratégia de ocupação e exploração da Floresta Tropical, assim como as determinantes sociais do processo de habitação.

Desde então, visitei várias vezes a Aldeia Cinta Larga do Posto Indígena Roosevelt.

Nestas ocasiões presenciei e participei de atividades tradicionais – festas, caçadas, pescarias, plantios e colheitas, a construção de uma casa tradicional.

Partilhei, também, de suas angústias diárias: doenças e mortes, precário atendimento médico, dificuldades com a FUNAI no atendimento de suas necessidades e constante invasão de suas terras.

No início de 1985, começamos Pichuvy e eu, a gravar histórias. Direta e indiretamente, toda a aldeia colaborou: no mato, no posto, na maloca, sempre havia gente por perto, escutando, lembrando passagens, desenhando, participando.

Enquanto eu pesquisava a habitação, Pichuvy também fazia sua pesquisa: procurou os mais velhos, resgatou histórias, sanou dúvidas, informou-se sobre os primeiros contatos com os brancos, gravou depoimentos.

Pichuvy começa falando de Ngurá – o criador – e vai nos contando do mundo Cinta Larga até a chegada dos brancos. Reflete sobre as consequências do contato, as reações dos índios, suas expectativas.

Embora não haja uma ordem cronológica definida, as histórias se organizam em função de um plano interno irreversível – da harmonia mítica à desintegração histórica.

O que conseguimos gravar e reunir neste livro é uma pequena parte do universo Cinta larga, mas acredito que ainda assim possui, como deseja Pichuvy, a força de um Mberewá – o canto tradicional – que preserva a cultura transmitindo o saber.

Agradecemos, Pichuvy e eu, a todos os que se associaram a nós neste trabalho, especialmente a Ana e Ivete – responsáveis pelo estabelecimento do texto e a Inês, leitora atenciosa, que forneceu as transcrições fonéticas das palavras Tupi-Mondé.

Espero que, como nós, outras pessoas possam aceitar o convite de Pichuvy e dos Cinta Larga: Paikinim pa mã, pa mã! – Estamos aqui, vamos nos olhar, vamos nos conhecer.

*Leda.*

# PALAVRAS ALHEIAS - RECADO AO LEITOR

“E muita vez que eu falava que índio tem que lembrar como foi antigamente, como que velho contava pra nós. Que velho contava muita história pra nós. Por isso que eu conta muita história assim”.

Ao justificar as muitas histórias contadas, Pichuvy expressa funções milenares do ato de contar, inerente ao homem de qualquer sociedade. Narrar e viver são duas faces da mesma moeda. Quanto mais intenso o viver, mas se cultua o hábito de narrar. É por isso que Walter Benjamin <sup>(1)</sup>, ao afirmar que hoje a experiência da arte de narrar está em vias de extinção, demonstra que tal arte está intrinsecamente ligada à “faculdade de intercambiar experiências”.

Pichuvy aprendeu com os antepassados as histórias da tribo Cinta Larga e quer passar para os mais novos para que eles as passem para seus descendentes. É esta a função do mito: explicar o mundo, organizar o caos através da transmissão de crenças, valores, leis – diretrizes que assegurem a vida na comunidade.

Contar é, pois, uma forma de sobrevivência. Não apenas de sobrevivência pessoal, mas de sobrevivên-

cia coletiva, de um grupo, de uma comunidade. Narrar histórias é resistir à morte. Não é sem razão que as histórias de *As mil e uma noites* foram contadas por Sherazade para escapar à ameaça do assassinato e as do *Decameron* nos refúgios da peste. Mas as de Pichuvy são duplamente forma de sobrevivência: a natural, ligada a um hábito milenar e a outra, forma de resistência à invasão do branco. E aí se instala o paradoxo. As histórias estão sendo contadas também ao branco. É preciso sobreviver de qualquer forma. O registro escrito, em livro – forma consagrada do chamado mundo civilizado – exige a mediação de outras pessoas, brancas, que tentam dar à narrativa uma forma que a torne publicável e circulável enquanto produto de consumo. Enquanto mediadoras destes textos somos conscientes de nossas contradições, mas queremos que outros possam também “ouvir” Pichuvy e “escutar” seus conselhos, isto é, participar das experiências de seu povo, refletindo sobre elas. Pichuvy não pode escrever; nós, atrevidamente, gravamos sua fala e a transcrevemos. Trata-se do que Philippe Lejeune chama de “autobiografia daqueles

o livro

a transcrição

\*\*\*  
mito  
de  
\*\*\*

que não escrevem”<sup>(2)</sup>. Querendo ou não, interferimos no texto, mesmo procurando registrá-lo fielmente.

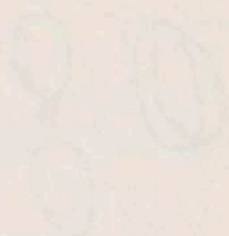
É importante lembrar que procuramos manter a oralidade da narrativa, o registro linguístico utilizado pelo narrador, que reflete a estrutura de sua língua nativa, tentando apenas tornar mais claras as passagens que se mostravam obscuras para o leitor. Isso ocorre porque quem ouve a fita gravada e, mais ainda, quem lê as histórias impressas não conta com as mesmas condições de quem as ouve, em tom baixo, ao pé do fogo na penumbra, partilhando espaço e tempo com os outros ouvintes, todos da tribo Cinta Larga, podendo interromper, perguntar, comentar, em seu papel de interlocutor. O contar lento e monótono, repetitivo e detalhado é parte do dia-a-dia daquele povo. As histórias, retiradas de seu espaço e de seu tempo, perdem características essenciais, por isso é que, algumas vezes, interferimos no texto. Juntamos nossos nomes ao de Pichuvy e aos de outros Cinta Larga, mas o fizemos para que nossa voz se junte à deles para engrossar o coro de resistência: há outras formas sociais, há outras culturas, há outros povos.

Pichuvy, em seu papel de contar e recontar, quer reconstruir a cadeia de gerações quebrada pelo branco e, ao mesmo tempo, ao permitir o registro gráfico de suas histórias, fazer sobreviver a memória de seu povo no seio dessa cultura que a sufoca, e esta foi a maneira encontrada para se alcançar tal objetivo. Eis o livro e as “Histórias de Maloca Antigamente”. Com a palavra, Pichuvy.

Ana  
Ivete  
Leda

1. Benjamim, Walter. O narrador. *Obras escolhidas*. Vol. 1 São Paulo, Brasiliense, 1985.

2. Lejeune, Philippe. *Je est un autre*. Paris, Seuil, 1980.



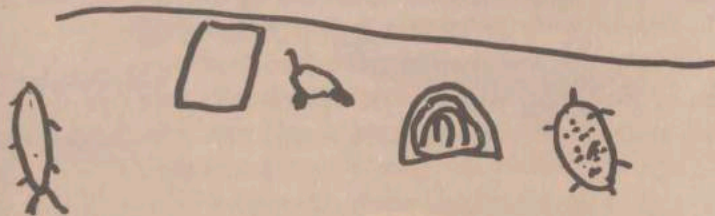
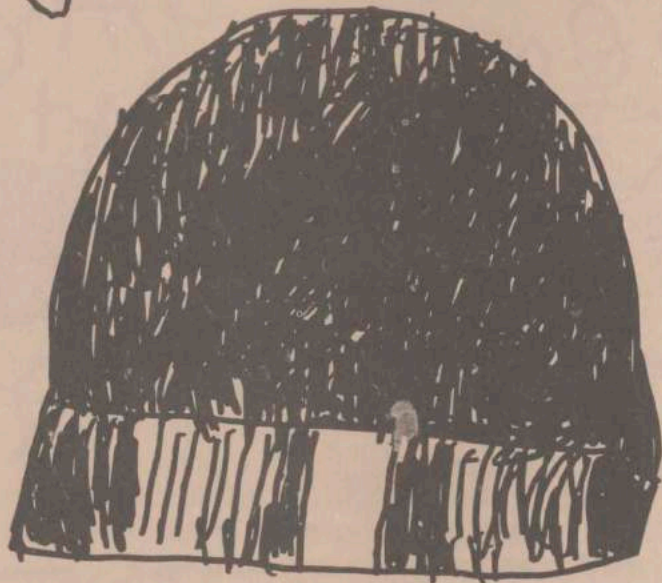
# OS MITOS

É um livro maravilhoso, escrito por um autor que sabe muito sobre a cultura dos povos indígenas. O livro é dividido em capítulos que abordam diferentes aspectos da vida dos povos indígenas, desde a organização social até a arte e a religião. O autor utiliza uma linguagem simples e acessível, tornando o livro uma excelente ferramenta para o ensino de História e Cultura Indígena. Além disso, o livro é muito bonito, com muitas ilustrações e fotos que ajudam a entender melhor o conteúdo.

*“Meu doutor é Wāwā  
É sim, rapaz, Wāwā grande.  
Eu gosto muito dele.”*

Para Dr. José Sílvio Resende

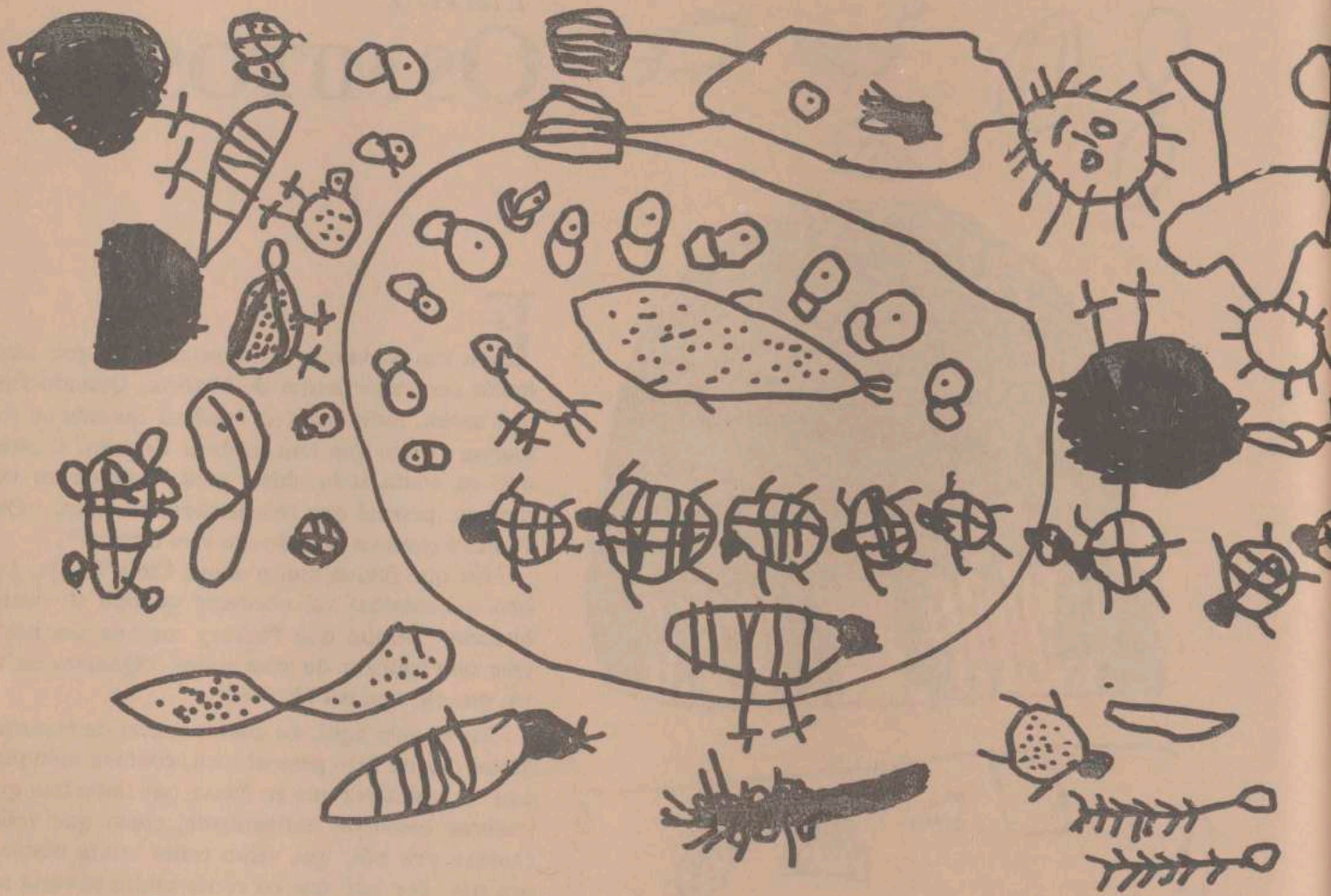
Parte I  
**OS MITOS**



**E**u vou conversar agora pessoal. Eu quis fazer muito conversar assim de história. Quando fizemos assim, índio que tem lembrar quando eu vou morrer. Índio que tem lembrar de mim. É assim que eu conta tudo aldeia meu. Quando eu vou morrer, pessoal que tem lembrar de mim. “Que Pichuvy contava quando era vivo é assim”.

Eu que falava muito daqui Cinta Larga. Por isso que pessoal vai obedecer quando eu contar história. “Assim que Pichuvy contava pra nós”. Que tem lembrar de mim assim. “Quando ele vivo, que ele contava história”.

Eu tô vivo aqui, eu contar muito de historia. Assim que eu faço pessoal meu, contava meu pessoal. E muita vez que eu falava que índio tem que lembrar como foi antigamente, como que velho contava pra nós, que velho conta muita história pra nós. Por isso que eu conta muita história assim.



Jorge

# NGURÁ<sup>(1)</sup>

Ngurá nasceu de pedra. Primeiro que nós nasceu Ngurá, né?

Ngurá chama a mãe, pedra. Primeiro Ngurá falava com a pedra, a conversar com ela ainda. O pedra falava ainda Ngurá porque Ngurá nascido de pedra.

Ngurá fazeu muita coisa primeiro daqui do terra. Foi Ngurá fazeu essa terra primeiro. Ngurá fazeu primeiro nós. Depois que ele fazeu o bicho pra criar no terra. E depois, Ngurá fazeu o mato. Ngurá só falava, o mato brotando começar, o terra brotando pra virar mato. Foi Ngurá foi falava também fazer água também. Depois ele fazeu o bicho – o passarinho fazeu também – tudo bicho que por aí andar.

É assim que Ngurá fazeu essa terra pra nós morar. Depois que ele foi fazer a comida. Ele só conversava, falava, aí comida aparecer.

Foi Ngurá primeiro morava essa terra. Depois Ngurá foi embora pro céu lá em cima, né? Ninguém olha mais Ngurá. Ninguém, qualquer pessoal não vê Ngurá mais.

Foi Ngurá foi assim história nossa.

Ngurá mora lá em cima. Ele morava essa terra.

Agora ele mora lá em cima, né? Ngurá que sabe tudo, né? Ngurá sabe tudo, tudo coisa, até doente Ngurá sabe. Ngurá mora no céu. Quando gente muito doente, quando morrer, aí Ngurá aparecer. Nem assim a gente fica doente assim, ninguém vê Ngurá não. Quando fica doente muito, quando gente morre, aí Ngurá aparece a ver a gente.

Disse que foi Ngurá morava primeiro aqui na terra. Foi Ngurá morava aqui. Foi Deus fazer essa terra pra ele mesmo morar. Branco chama Ngurá Deus. Ele morava ainda sozinho aqui. Aí depois que Ngurá foi fazer filho dele no pedra. Mulher dele é pedra. Aí Ngurá nasceu dentro de pedra. Pedra é quente... ele não nasceu igual gente que nasce hoje não. Ngurá é ovo igual passarinho... galinha...

Vinte e cinco dias pedra chocou Ngurá. Primeiro que Ngurá conversar pedra. Disse que pedra é bonita pra ele mulher. Depois quando muita gente tem já, pedra virou pedra. Antigamente pedra era mulher.

1. [<sup>1</sup>Gurá] – Ngurá – Entidade criadora e ascendente – o Pai do mundo, dos animais, vegetais e humanos.

Meu vô... tudo velho que morreu contava pra nós.

Ngurá fez Ngurá. Tem dois Ngurá igualzinho que sabe tudo. Tu não sabia que tem pai de Ngurá, não? Mulher dele é pedra.

Aí depois falava assim: "o pai do Deus quer de pedra pra mulher dele, pra fazer o filho". Por isso que Deus fez o filho dele de pedra.

Ngurá nasceu no pedra. Esse daí que fez, depois, primeiro gente: Cinta Larga, branco, tudo gente...

Pai dele fez só filho pra fazer isto. Ele morava dois junto nesta terra. Depois que ele fez neto dele. Filho fez neto. Ele fazer terra pra ele, pra ajudar companheiro dele. Esse daí ninguém sabe como ele fazer. Filho não tem filho... tem neto.

Ngurá morava junto filho dele ainda. Aí depois que ele fez primeiro gente. Esse pandere sa ka a<sup>(2)</sup>, primeiro nós, é primeiro neto Ngurá fez.

Ngurá fez primeiro mato, né? Depois que mato deu fruto, ele fez mato. Ngurá conversar... queria mato... falava. Mato vai aparecer. Vai saindo... brotando raiz, folha, espinho, tudo...

Depois Ngurá fez água só falando. Aí água... rio... água foi aparecendo tudo...

Então... então Ngurá fez neto. Aí Ngurá foi embora láaaa... deixou filho sozinho. Então o pai dele foi embora. Então Ngurá, filho dele ficou.

Depois que Ngurá foi embora, Ngurá Tisup<sup>(3)</sup> foi embora também. Foi passear outro muito longe... Levou neto pra acompanhar ele. Por isso Cinta larga tem sempre companheiro dele até hoje.

Aí quando ele voltou, neto fez Cinta Larga. Primeiro era quente, não tinha mato, não tinha nada. Primeiro era sol.

Primeiro tinha sol, era muito quente! Então aí

depois que pai de Ngurá manda Ngurá fazer e ele fez mato... rio... gente... tudo...

Primeiro tinha pedra só junto Ngurá. Só pai mesmo que sabe. Primeiro só tinha pedra. Por isso que pai de Ngurá fez ele dentro de pedra. Não morre nunca... fica velho... Troca casca igual cobra... calango... Foi por isso que Ngurá fez filho dele de pedra. Depois que ele foi embora... só filho dele ficou.

Quando ele foi embora, Ngurá foi passear outro mundo. Não sei que ele fez branco já. Talvez que ele fez branco pra lá... Ngurá fez branco longe, onde foi passear. Não sei como que fez isto. Esse aí pedra virou pedra mesmo!

Aí depois que Ngurá fez primeiro nós. Depois que espalhou tudinho e chama Suruí, Cinta Larga, Nambiquara, Zoró... fez tudinho de uma vez, depois que gente espalhou...

Neto de Ngurá fez o índio. Transava fruto. Ngurá não tinha mulher. Sabe por quê? Ngurá tá fazendo desenho no pedra pensando. Até hoje que tem muito desenho em tudo que é pedra, desenho que Ngurá fez. "Como é que eu vou fazer gente, como eu vou fazer?" Ngurá tá desenhando lá e neto dele tá transando. Primeiro que neto dele transava terra. Fazia buraco na terra com pedacinho de pau e mete lá dentro. Não saía zup<sup>(4)</sup> nada. Terra seca tudo. Chupa tudo zup. Então Ngurá não sabia que neto tava transando de barro. Depois que neto transava fruto. Aí foi que deu de fazer o índio.

2. [Pandere Tsa Ka A] - Pandere Tsa Ka A - Neto de Ngurá, primeiro homem, o que vem na frente.

3. [<sup>n</sup>Gurá Tisup] - Ngurá Tisup - Neto de Ngurá.

4. [<sup>n</sup>Dzup] - zup - Esperma, sêmen.

Primeiro ele transava o coco de castanha. Coco de castanha tem boca que cabia Jibaca<sup>(5)</sup> dele. Aí zup ficou lá dentro castanha. Aí Ngurá viu já. Aí viu neto transando o coco de castanha. Gente já nasceu dentro de castanha. Abelha tá comendo zup lá dentro. Neném fica gritando nhem... nhem... Por isso Ngurá vem olhar e foi viu neném. Por isso que neném começa a nascer igual de gente mesmo.

Aí Ngurá foi lá ver e tirou indiozinho e foi gente começando aumentar. Quem foi nascido no coco de castanha Ngurá chamou Mãm Ey<sup>(6)</sup>, que castanha não chama Mãm?

Agora neto transou fruto. Transava fruto amarelo de Kakin, fez gente Kakin. Kakin é de casca duro, amarelo. Fruto seco, ele fez buraco e transou. Zup lá ficou. No fruto seco. Nasceu Kakin. Então que depois neto transou fruto de novo e fez Kabãn. Por isso que tem Cinta Larga Mãm, Kakin, Kabãn. Foi assim história de Ngurá que faz gente. Gente velha falou pra gente que história de Deus é assim.

Depois que Ngurá foi passear no mato. Levou neto também... foi longe andando... Depois que ele voltou onde que ele morava, onde que fez nós. Aí depois que ele chorava. Lembrou pai dele, quer pai dele. Mundo todo já tinha mato, virou mato mesmo. Todo mundo mato já tinha virado. Aí que quando já tinha mato tudo, é muito escuro a noite. Muito escuro!...

Primeiro que Deus fez Njoy Kap<sup>(7)</sup>, estrela. Sabe por quê? Pessoal falou assim também história de estrela que apareceu:

Que Ngurá fez índio e índio ficou morrendo de sol quente. Índia, até criança morreu tudo, né? Não tem nem uma folha nascer, sabe? Quando nascer, a

folha morre todo o tempo. Aí Ngurá falou assim:

– Então, vou mandar escuro pra dormir. Dia todo não dá pra dormir.

Aí ficou mandar escuro índio ficou medo. Disse que ficou medo que vai acabar mundo. Aí Ngurá falou assim:

– Olha, agora melhor o escuro pra vocês! Amanhã tem outro dia...

Aí índio pensando que tudo vai ser noite. Então Ngurá mostrou estrela. Estrela saiu clareando tudo bastante e índio ficou alegre muito...

Agora lua... Deus fez lua pra ficar clareando mato. Fez lua... história de lua é assim: Ngurá mandou Ngati<sup>(8)</sup> ficar clareando noite. Nós achava que lua tinha pena, pena muito forte igual pena de gavião chapéu<sup>(9)</sup> gente. Daquele tipo, pena branca clareando muito... Lua usa aquele chapéu, sabe por quê? Primeiro não tem lua. Disse que lua casou com irmã. Lua é gente também. Irmã de lua era gente, tinha noivo. Lua chegava escondido e ia namorar com ela no escuro. Irmã pensando que é noivo dela. Lua trazia carne pra ela comer e mulher pensa que é namorado. Tá escuro, né? Ninguém vê. Mulher pensava: “Ah, eu vou passar tinta na cara de homem. Amanhã

5. [Dzibaga] – pênis.

6. [Mãm Ey] – descendente do mãm, castanha do Pará.  
[Kabãn Ey] – Descendentes do Kabãn, árvore de grande porte.  
[Kakin Ey] – descendentes do fruto do Kakin, cipó da floresta.  
Mãm Ey, Kabãn Ey, Kakin Ey – Divisão interna que ordena as relações sociais, políticas, casamentos. Se dividem em linhagens e sub-grupos.

7. [Dzoit kap] - /njoy kap/ - estrela.

8. [Gati] - Ngati – lua.

9. Chapéu - Cocar.

vou ver cara dele”. Mulher passou jenipapo<sup>10</sup> na cara de homem. Pra conhecer cara. Outro dia mulher pensava: “Ah, meu irmão tá namorando comigo. Eu pensando que era o noivo namorando no escuro e é meu irmão”. Aí mulher contou pra Ngurá: “Meu irmão tá transando comigo”.

Ngurá ficou bravo muito... mandou lua vai embora. Ngurá não gosta que lua irmã namorava. Cê já viu estrela voando? Assim lua foi pro céu voando igual estrela e lua virou.

Mulher pintou cara de lua com jenipapo. Por isso que lua tem mancha pintado no meio. Lua ficou raiva e mandou menstruação pra mulher. Pra mulher não transar toda hora não. Ficou ciúme. Lua transava tudo mulher. Por isso casou irmã dele. Lua que manda menstruação. Por isso que mulher todo tempo menstruada. Aí que mulher não pode olhar cara de lua não, que sangue muito vem. Se mulher fica olhando muito, lua transa ela.

Quando mulher sonha homem transando, qualquer mulher, é lua. Lua clareia, vê tudinho! Se mulher dorme com perna aberta, lua pad-panzuá<sup>11</sup> ela. No mesmo dia ela fica menstruada muito... Mulher não olha nunca pra cara de lua. Lua é marido de toda mulher.

De primeiro, mulher não tem isso. Lua que fez assim. Quando lua cansar, não vem pra trabalhar. Fica escuro muito ainda. Então Ngurá manda estrela clarear mais ainda. Melhor ainda. Aí depois que ele foi fazer nuvem.

O pai de Ngurá mesmo fazer lá em cima outra terra no céu. Igualzim. Tinha três nuvens. Então essa nuvem... não tinha chuva. Então Deus pensa de novo: “Como eu vou fazer chuva?” No chão, lá em ci-

ma, não tem chuva.

Foi assim que ele fez tudo: Kakin, Mãm, Kaban... Por isso tem família assim.

Ngurá não morre. Ngurá não fica velho. Nós fica velho. Nós fica velho, morre... fica velho logo... Ngurá quando fica velho, troca de couro. Descasca igual calango, ganha couro novo. Igual cobra. Fica novo outra vez igual criança. Depois que ele fez gente. Fez nuvem pra ninguém vê ele subindo. Fez nuvem de fumaça. Eu sei que é de fumaça...

Velho falava que fumaça tava lá em cima. Mandou vento soprar. Vento levou fumaça lá prá cima. Nuvem que Ngurá foi embora era grande. Aí não vê mais Ngurá. Mora lá até hoje. Tem muito Ngurá... Me falava assim...

Guyan<sup>12</sup> é outro Ngurá. Ele é dono da chuva.

Eu vou contar do história do Ngurá de novo...

Ngurá nasceu pra nós assim. Nasceu de pedra.

Então Ngurá nasceu de pedra, depois que ele foi fazer a gente.

É assim que foi história de Cinta Larga: “Como é que eu vou fazer a gente...” Ngurá pensava.

E dá que Ngurá foi transar a fruta. E daí gente já tinha, e quando já tinha gente já, Ngurá morava junto nós.

O velho falou pra nós história Ngurá é assim: então Ngurá morava essa terra. E daí Ngurá foi morava essa terra, então o índio tava morando junto

10. Jenipapo – Fruta da qual extraem tintura negra para pintura.

11. [Pad panzuá] – pad - nós  
pa - nós  
nzuá - esperma, origem da vida.  
pad panzuá - Vamos nos transar.

12. [Guyan] – Guyam - Trovão, dono da chuva.

Ngurá ainda. Então Ngurá pensava depois... já tinha mulher, o índio, né? Então Ngurá foi virava criança pequena. Ngurá foi chorava no colo de mãe. Mãe de outro neném.

Então quando Ngurá chorava, parece que foi corpo de gente ele chorava. Aí depois mulher bonita levava no caminho assim longe... Então Ngurá apareceu lá no mato foi transou mulher bonita. Mulher era bonita. Aí depois que mulher gestante, o índio foi perguntou:

– Quem fez esse neném? Essa mulher? – o índio falava assim.

E depois o índio falou:

– Foi Ngurá foi fazer, foi Ngurá mesmo. Ngurá ficou bravo, ele mandou prender de maloca virando pedra.

Assim é história pra nós.

Ngurá fechou no pedra e Ngurá ficou lá fora. Então o pessoal ficou lá dentro. Fazer barulho lá dentro... aí Ngurá ficou escutando lá dentro, né? Aí Ngurá ficou chorando de fora.

Então tinha veadinho lá fora. Veadinho falou pra Ngurá:

– Ngurá, chama arara pra furar pedra.

Arara fura pedra... Fazer furo no pedra e pessoal foi saindo. Fazer buraco pro pessoal sair. Então Ngurá foi chamando arara tudinho!...

Então arara chegou, outro arara chegou assim e Ngurá falava com ele:

– Fura essa pedra pra mim?

Tinha outro arara – que bico de arara não aguentava de pedra que ele mordeu. Pedra quebrou bico dele.

Ngurá chama outro arara. Esse aí arara que foi

furou. Então quando furando pedra, pessoal saindo tudo... Pessoal saiu a metade. E daí que pessoal saindo aí Ngurá falou:

– Agora meu mulher vai sair! – Ngurá falou assim.

Então mulher tava grávida. Tinha aquele barriga grande... então mulher saindo buraco e mulher enganchou lá barriga, sabe? Então prendeu lá, mulher prendeu o índio pra sair no buraco, sabe? Então mulher ficou lá.

Então foi história antigamente é assim. Outro Ngurá foi assim, também. Outro Ngurá é dono de chuva. Ele chama pra nós Bepuixi<sup>(13)</sup>, né? Então Bepuixi foi assim que mandou chuva... parece, sabe? Ele mesmo que manda chuva. Parece assim que ele é dono de chuva.

Então, história de Ngurá também.

Outro Ngurá também que nome é Tiriri<sup>(14)</sup>. Tiriri é aquele faz barulho quando começar queimar de roça. Então quando é barulho, esse primeiro trovão que fazer barulho, a gente queima roça. A gente sabendo que é pra nós queimar roça. Plantar no hora, né?

Ngurá morava daqui essa terra. Então primeiro que nós falava assim. Pajé nosso falava que Ngurá tá lá no baixo terra, no fundo, né? Aí depois que Pajé descobriu não tá lá não. Então foi embora pro céu.

Então tem outro pajé falava assim lá tem outro pessoal lá tem baixo. Só Wāwā<sup>(15)</sup> sabe isso de histó-

13. [<sup>m</sup>Bépuisi] - mbé - caminho  
Puit - grande  
Si - água/líquido

Bepuixi - Caminho da água, o dono da chuva.

14. [Tiriri] - Tiriri: o dono do barulho do trovão, da queima da roça.

15. [Wāwā] - Wāwā - Pessoa com poderes elevados que conversa com animais, plantas, espíritos, fazendo a ligação entre o mundo espiritual e material - pajé.

ria Ngurá morava. Pra nós não.

Quando nós rezava assim, quando doente assim, nós rezava. Pajé foi assim: rezava, cantava... aí ele chama espírito, ne? Para salvar doente. Então história foi assim, mas ninguém sabe onde tem Ngurá.

Ngurá tem tudo canto. Parece todo canto Ngurá morava, né? Acho que Ngurá morava daqui. Morava ainda lá em baixo também. Disse que tem lugar bom. Tem lugar bom, tem água, tem lugar não tem água... Se Wāwā eu olhava. Assim eu olhava, só o espírito de gente olha. Não é assim a gente mesmo não. Assim que é o pajé sabe isso.

Guyan é... parece que ele Guyan é que fazer barulho, sabe? Que faz barulho assim, aquele chuva começa téeee... Então por isso que nós chama Guyan. Então outro Guyan é Bepuixi. Guyan, nós chama aquele barulho trovão.

Então história de Guyan:

Foi Alia<sup>(16)</sup> foi descobriu assim, né? Foi Alia descobriu pra ver.

Guyan tá namorando índia, né? Então foi... Guyan vem à noite, né? Guyan vem à noite escondido pra ver namorada dele. Então outro dia, que mulher tá pescando, né? Mulher tá pescando... nadava igarapé. Depois, depois que ela viu ovo de passarinho. Passarinzim, né? Então mulher carregava aquele panero<sup>(17)</sup> - panero grande. E daí que ela viu ovo de passarinho, ela carregava na costa, ovo quebrou lá dentro. Então ovo quebrou lá dentro, escorregava assim, aquele mela assim, ele foi, entrou lá... Então ele virou neném lá dentro de mulher. Então vai ser filho de Guyan com índia, sabe?

Então quando mulher tava grávida, né? Guyan vem toda hora à noite trazer milho pra mulher comer,

sabe? Aí quando Alia entrou quando mulher tinha caroço milho comido assim, aí Alia falou pra mulher:

– Quem é esse fruto?

Mulher falou:

– Não sei.

Guyan falou pra mulher:

– Você não vai contar ninguém Alia.

Aí Alia falou:

– Quem trouxe comida pra você?

Aí Alia mastigou milho. Daí, alia mastigou milho. Tava gostoso, né? Aí Alia foi buscar – ele e grilo, sabe? Eles dois foi procurar milho. Então encontrou Guyan lá na roça, ele pediu milho.

– Nós quer milho.

Guyan falou:

– Não, cês num pode comer milho...

Daí Alia falou assim:

– Eu pode comer milho também. Você não foi levar milho pra mulher comer? Eu vi caroço debaixo do rede mulher.

Aí Guyan falou:

– Ah, foi eu não!

Então quando Alia pediu milho, Guyan deu milho assado pra ele plantar. E daí, Alia embora pra casa. E daí depois outro dia ele voltou pra casa de Guyan de novo. Esse aí que vai roubar milho dele.

Então Alia foi, pediu de novo. Daí que o grilo cortando lá no milho pendurado lá em cima. Aí milho caiu e caroço de milho saindo, né? Daí Alia pegou um caroço de milho escondeu baixo de unha.

Ele levou milho. Plantou um caroço de milho ter-

16. [Alia] - Alia - Bicho preguiça - Animal mitológico que trouxe o milho para os Cinta Larga.

17. Panero - Palavra regional - Cesto.

reio casa dele. Esse daí que é o milho que tem até agora, sabe?

Aí Alia foi... grilo foi acompanhar Alia. Aí Alia falou pra ele:

– Você vai subir lá em cima cortar a corda do milho – tirar cipó, né? – Cê corta corda lá cipó e milho vai cair, sabe? aí pega um semente pra nós, tá?

– Tá.

Aí o dono do milho num tá em casa, né? Ele foi passear... num sei pra onde que ele foi passear. Aí grilo falou:

– Então eu vou subir. Eu vou cantar lá em cima – igual barata cantava dentro de casa, né? Tum... tum... tum... grilo tava cantando lá em cima: tum... tum... tum... Foi roendo, aí ele cortou, táaaaa... aí milho caiu no chão ele pegou... pegou de um semente, um caroço de milho. Aí depois – baixo de unha, né? – ele foi embora, foi embora. Aí não deixava nada pra nós... dá semente pra nós não. Depois dá, antes não.

Aí tem índio lá, mas não sabia que Alia foi não. Aí ele... ele foi... ele chegou no casa, ele falou assim:

– Tu esperando cara, cara demorou, né?

Aí outro índio falou:

– Como é que ele fazer?

– Não tem ninguém não. Só milho dele caiu lá em cima lá baixo.

Aí ele plantou, ninguém sabia que ele plantou, né? Ele foi, cuidava milho, milho nasceu, né? Ele pegou milho – no caroço uma – e falou:

– Eu plantar milho! Ninguém sabe que vai comer milho...

Ele falou assim:

– Eu vou plantar milho aqui!

– É... tá bom.

Ele cuidava milho, aí nascer milho, né? Aí milho pegou espiga de três, quatro, né? Aí índio tem vontade comer e Alia não deixava, né? Daí dois anos que milho vai ficar muito milho! Aí começou milho, né? Ele falou assim:

– Agora nós vai fazer comida – é bebida de chicha<sup>(18)</sup>, né? Aí procurar barro, fazer cuia, começando fazer... Aí foi tirar mel – fazer dentro de chicha, né? É doce... aí que tem tirar mel.

Aí quando ele chegou, ele chegou no mato, aí Ngurá vem, aí falou:

– Ah, cê já pegou semente, né?

Aí Alia falou:

– Eu já peguei semente! Cê quer bebida, makaloba<sup>(19)</sup>?

Ngurá falou:

– Quero! Ah sim, agora vocês tem milho aí, né? Tá bom...

– Foi eu que plantei! – Alia falou.

– Foi você, né?

Foi eu. Foi eu que tirei semente, peguei caroço... Eu pedi semente você não queria dar...

– Ah, você já pediu? Se já pediu, eu já dei você... cê...

– Num deu nada, você deu foi milho assado... (Quando ele pediu milho, aí Ngurá deu milho assado pra ele, com medo que vai tirar, querer milho, né?).

Aí foi, chegou lá e viu muito, né? Ele Ngurá foi embora, né? Deixou sozinho, foi embora...

18. Chicha - na linguagem regional é a bebida fermentada feita de milho, cocos, frutas, mandioca, cará, etc.

19. [Makaloba] - Mingau de milho fermentado - na língua suruf - empréstimo de palavra suruf.

# Bepuixi

## *Dono da chuva*

Assim que nós falava história de chuva, sabe? História de Bepuixi é assim. Vou contar a história de Bepuixi.

Bepuixi virou velhinho. Então velhinho foi pediu o carne pra ele comer. E daí homem caçador não deu pra ele a carne de anta. Depois o índio caçador dava pra ele comer o fígado de anta, e ele não queria fígado, ficou bravo.

Bepuixi foi depois procurar pena de fazer flecha. Pediu a filha dele pena branca de gavião pra fazer de flecha. Então daí marido filha não deu pra ele pena branca. Ela deu pra ele pena preta de mutum. Então Bepuixi ficou bravo com filha dele. E daí ele foi maloca, ele foi velhinho... segurando vara pra segurar velhinho. Então velhinho entrou maloca e falava pra filha:

– Cê tá aí? – ele chegava no perto rede.

– Deita no rede velha! – Fala a filha.

Aí Bepuixi foi deitar no rede velha. Deitou pouquinho e levantou:

– Eu vai embora! Cês não deu pena branca pra mim... Eu queria pena branca, eu só tenho pena preta mutum...

Então ele foi outro casa. Então Bepuixi foi outro casa pra pedir pena branco. Tem outra filha dele solteira, morava outro maloca. Outra filha dele gostava pai. Então a filha gostava dele, deu pena branco pra ele porque ela gosta dele. Então hora que ele saiu do maloca, ele falou pra filha dele:

– Você fica aqui. Fica aqui eu vou comer peixe.

Então na hora que ele saiu, ele furando buraco assim, perto do maloca ele falando:

– Eu vou comer peixe!

Ficou assim pensando: “Eu vou mandar chuva...” Ele fez. (E aí que nós sabe de história de chuva) “Agora eu vou mandar chuva!”...

Ele mandava chuva rezando assim... Parece rezando chuva, mandar chamar chuva... Ficou rezando... Aí índio ficou rindo dele, né? “Ah, esse velho faz assim, né? rezando...”

Aí índio ficou rindo. Aí Bepuixi ficou bravo e aí água saiu. Vai saindo da chuva. Aí ele encheu até na casa. Encheu água.

Ele furando chão, água tá saindo... Ainda chuva pouquinho até enchendo dentro maloca. Então assim que é de história Bepuixi foi comendo peixe a gente,

sabe? A gente foi virou peixe.

Um dia que ele choveu muito assim, água tá descendo até no cintura gente, água já no maloca. Então filha dele gritou e árvore cresceu pra levar ela lá em cima. Ele mandou árvore, sabe?

Quem gostava dele, a outra filha: “Fica assim no meio” – ele falou assim. Aí árvore nasceu e levou ela lá em cima. Levou lá em cima com ela. Ele mandou mandou árvore: “Fica sentar aí em cima da árvore!”

Árvore vai crescendo com ela... Tudo maloca caiu do água. Aí vai começar chover... Aquele trovão vai dar barulho, fazer barulho. Aí índio caiu caiu, ele virou peixe. Aí índio virou peixe. Nunca mais virou gente mais não. Ficou peixe.

Outros que ficou rindo dele, a filha e o marido, aí ficou virar do peixe.

Aí passarinho, aquele pescador – tem passarinho pescador Ixanumã<sup>(1)</sup>, ele ficou água secar pra comer peixe. Por isso tem traíra.

Já tinha passarinho. Quem botou foi o dono da chuva, Guyan. Ele mandou Ixanumã comer gente. Só gente que virou peixe. Aquele barulho de trovão que mandou cair água, né? Pessoal ficou em pé... quando táaaa... aí vai gente caindo tudo! Aí virou peixe, traíra. Por isso tem lagoa aqui assim casa... pertinho assim casa tem lagoa. Assim que ele fez. Lagoa tudinho! Igarapezinho, tem lagoa... beirando o rio tem lagoa. Assim que ele mandou fazer. Porque ficou bravo, né? Ficou bravo com índio. Outra filha tá lá em cima de buriti.

Então quando fruto buriti, já tinha fruto buriti, ela jogava dentro água lá por cima. Então água tinha lagoa. Ela jogava fruta pra ver se tá secando água. Pra ela ver se secando água. Quando água vai secar,

o fruto vai bater lá no fundo.

Então quando secou água, fruto buriti ficou lá em baixo do fundo água, então buriti desceu pra ela ficar na terra. Então depois que o índio ainda aumentou mais.

Assim que história de Bepuxi foi isso. Comendo peixe, gente virando peixe. Por isso que aquele gente peixe tem rabo de peixe, tinha cara de gente, o peixe. Por isso aquele peixe tem assim.

Tem esteio de casa dentro de lagoa tudo pendurado... Tem lagoa grande muito, não é? Aí a gente escuta índio pilando milho lá no fundo lagoa. Tem arara sentado lá de cima galho dentro lagoa.

Arara canta lá... tucano também. Quando vê gente, arara cai lá dentro d'água. Arara era índio que virou peixe. Eu vi onde que Guyan virou gente peixe. Lá no baixo do Cardoso<sup>(2)</sup> tem lagoa grande. Todo tipo de peixe... jacaré... Meu sogro viu também. Agora não tem mais. Branco entrou, derrubou tudinho beirando lagoa... Cabou. Por isso que tem peixe com cara de mulher, cara igual gente. Guyan virou gente peixe, né?

Eu vi lá pra baixo, muito longe... Tem tucano cantando: iucan... iucan... iucan... perto de capoeira de índio, quando vê gente caiu também dentro lagoa. Ele tucano antigamente era criado pelo índio. Tá acostumado lá dentro água.

Então eu contei história antiga assim. História antigamente de Cinta Larga é assim.

1. [Ixanumã] - Ixanumã – Ave de pequeno porte que se alimenta de peixes. Martim Pescador.

2. Cardoso - Ele se refere à região do Rio Capitão Cardoso, afluente do Rio Roosevelt, local de aldeamentos Cinta Larga e do Posto Indígena Capitão Cardoso.



Depois outra história de fogo foi assim:  
Ngurá parece... (sabe o que é Ngurá? Ngurá é Deus, né? Pra nós chama Ngurá Deus.)

Ngurá mandou fazer fogo. Aí índio não sabe. Aí Ngurá mandou tirar fogo, esfregando madeira, né?

Isso que é história de Ngurá que foi mostrar fogo. Pra acender, tirar fogo de madeira. Ngurá mostrou pra índio tirar, sabe?

Primeiro a gente foi comendo carne, bicho, né? Qualquer um bicho. Qualquer carne bicho.

Aí depois que índio foi assar carne em cima pedra, sol quente. Não tem fogo... Foi história falava assim.

Aí depois que ele começou de novo fazer bebida. Aprendeu também fazer isso. Depois fazer fogo.

Foi Ngurá falou pra ele:

– Esse daqui, – depois que Pokāi apagando – aí Ngurá mostrou pé de urucum “nduap”<sup>2</sup> – Esse daqui é fogo. Quando fogo apagar é pra tirar esse fogo outra vez.

Ngurá vem falar pro Alía:

– Esse fogo, pode assar qualquer carne de fogo. Comida pra mim e pra você.

# POKĀI<sup>(1)</sup>

## Fogo

Ngurá ensinou pra nós:

– Essa terra de barro serve também de barro de panela.

História de barro foi assim. Aí depois ele fazeu desse barro de panela de barro mesmo. Aí depois ele cozinhava comida dele no panela de barro. Tem que escolher onde tem barro duro. Depois que a gente procura barro na cabeceira do igarapé ainda...

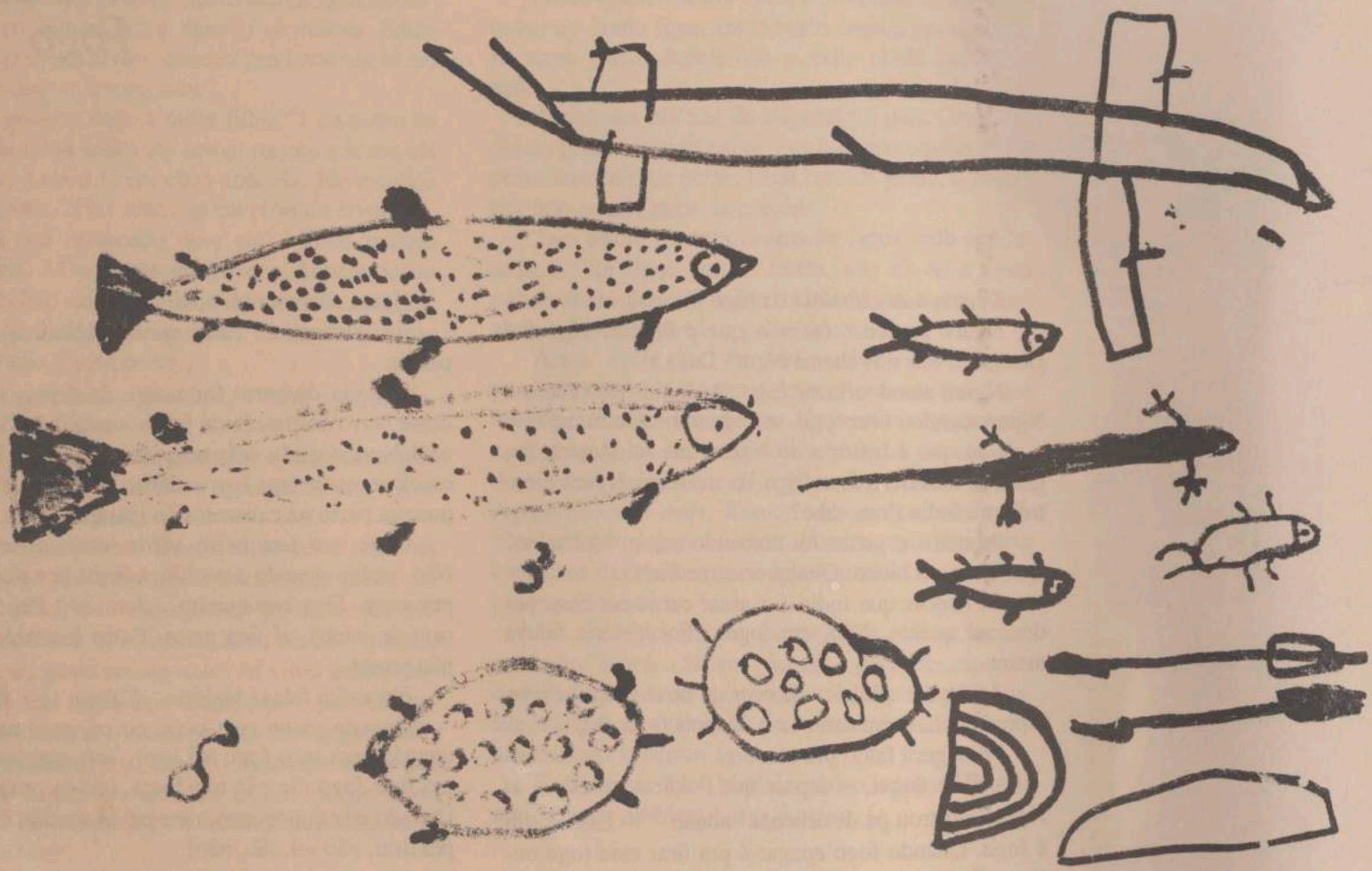
Onde que tem barro verde, azul, preto é bom. Não quebra quando assar. Joga lenha por cima, lenha pra assar. Fica branquinho... duro, né? Depois passa cera de jatobá, aí fica preto. Barro amarelo, branco, não presta.

Foi assim falava história... Cabou.

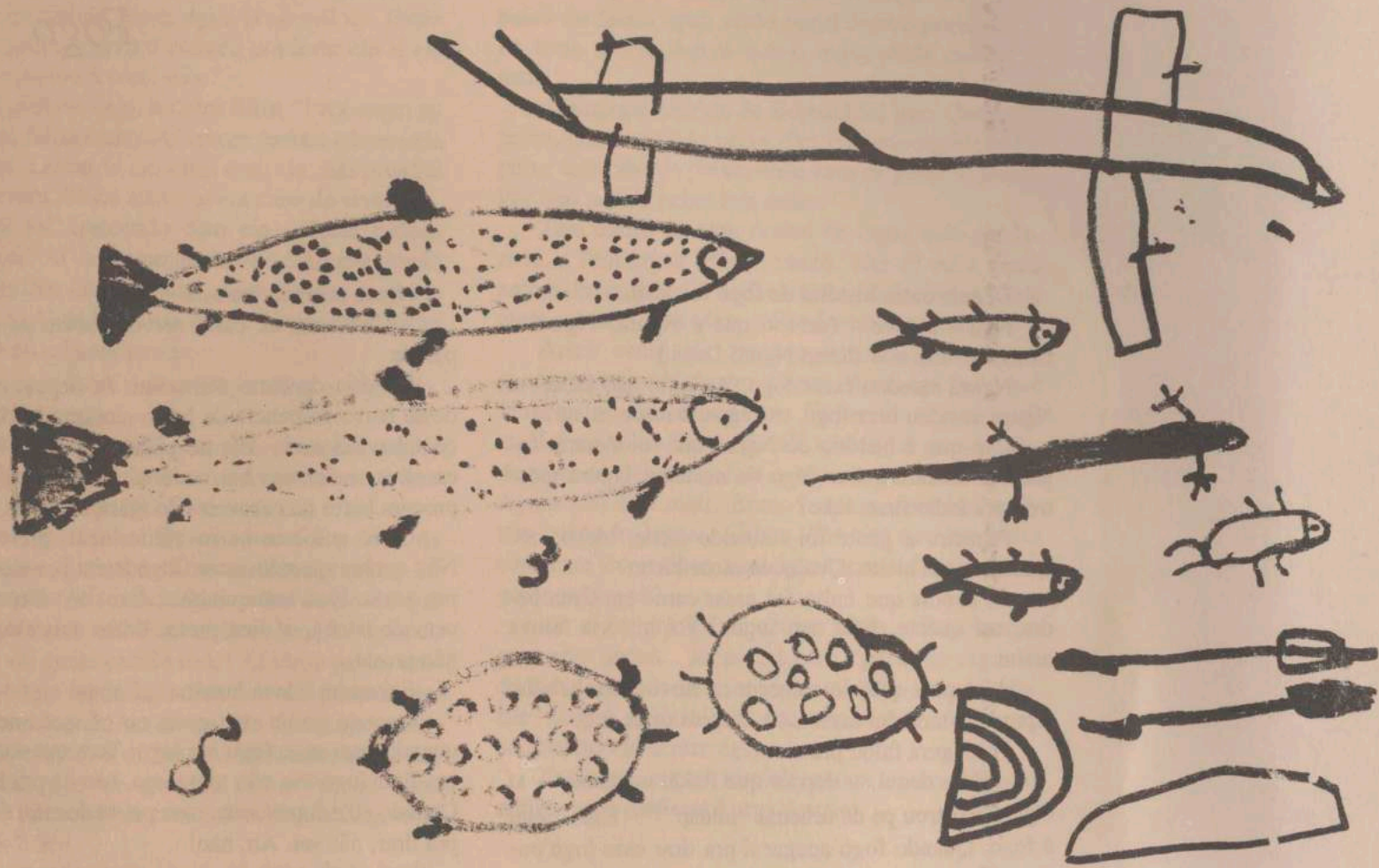
Quando galho reto corta no pé, seca no sol. Aí quando bem seco fogo sai logo. Tem que fazer força pra tirar fogo. Se não tem força, não dá pra tirar não. Quando eu era pequeno, meu pai tá doente, eu pelejei pra tirar, não sei. Ah, não!...

1. [Pokāi] - Pokāi - Fogo

2. [<sup>n</sup>Dou ap] - Nduap - Urucum - Árvore de onde extraem a tintura vermelha.



Grilo



Grilo

# NGOIN MANGÁ WEREBA<sup>(1)</sup>

## *Fim do mundo*

Mundo acabou três vezes já.

Primeiro Guyan mandou chuva, depois Ngurá mandou queimar gente.

Aí quando mundo acaba, bicho aparece tudinho! Bicho vai chegando, chegando, chegando... Quando mundo vai acabar de novo, bicho vai muito aparecer.

Será quando bicho aparecer come gente?... Será onça vem encontrar gente? Não, come não! Fogo vem atrás dela e ela, onça, vai embora lá na frente de fogo. Nós também vai pra frente de fogo.

Primeiro arara vem voando muito voando, rabo queimado. Aí gente sabendo que mundo vai acabar. Aí bicho vem chegando muito cansado. Até rio cruza. Fogo cruza outro lado de rio... Não acredito não!

Meu vô viu. Fogo vem de Roosevelt de lá junto com sol, atravessa o céu até outro lado.

Por isso que índio tem espalhado muito... Porque índio muito correu na frente fogo.

Você viu aquela estrela grande? Pois então: ela cai e pega fogo lá em baixo.

Uma vez, quando índio morreu muito, eu vi que fogo vem assim vuuuu... vuuuu... Fogo bem baixinho, espalhou muito, apagou na hora não sei porquê.

Não vem pegar no chão, né? Só na folha lá em cima. Parece estrela grande. Faz muito claro, farol, barulho. Eu tava no mato. Fui fazer tapiri<sup>(2)</sup>, ficou com medo muito. Eu tava batendo timbó<sup>(3)</sup>, depois fez assim.

Meu vô falou que bicho vem cansado. Onça tudo amigo gente, quando mato vai pegar tudinho fogo. Em verão, folha seca, por isso vai pegar tudinho fogo.

Agora Ngurá vai acabar tudinho uma vez só.

Ngurá muito cansado já! Nós já muito sofreu aqui – branco, preto, tudinho! Aí acaba tudo. Primeiro não tem comida, não tem mel, não tem fruta, não tem água, não tem macaxeira, nem batata, nem cará, nem abelha vai fazer mel, milho não pega mais... Mulher não vai pegar filho, quem tá vivo morre queimado, de fome também...

---

1. [<sup>n</sup> *Goin manga wereba*] - ngoin manga werebá -  
Ngin - terra, mundo  
manga - está  
werebá - acabando, fim.

2. Tapiri - palavra regional; abrigo provisório para viagem, acampamento.

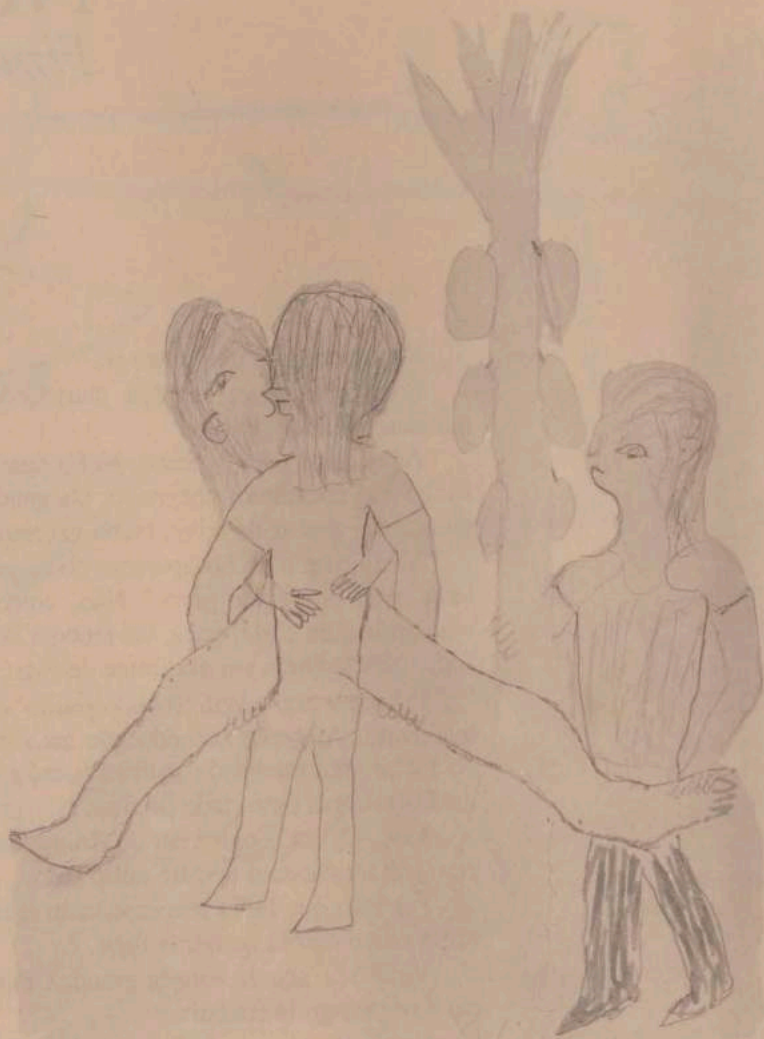
3. Timbó - Cipó tóxico, utilizado em pescarias para atordoar os peixes.

Quem foi bom, Ngurá ajuda guentar, dá comida... Porque índio foi e correu muito. Ngurá apagou fogo no rio, fez chuva muito. Abelha ajudou também – abelha, aquela que mora lá em cima.

Abelha cantava pra mandar fogo embora, Trabalhava muito... abelha chamava outra pra ajudar. tudinho jogava mel pra apagar fogo. Só mel. Cera não, que cera pega fogo. Abelha canta igual pajé cantar. Aí chuva vem muito e apaga fogo.

Meu vô já viu assim. Quando abelha canta, gente escuta. Chora muito bicho... Passarinho, pau e folha chora também. Chão chora também...

Eu fico medo muito quando meu vô contava assim. Será que mundo vai acabar amanhã? Não sei que nós vivo ainda quando Ngurá fazer isso de novo. Vai ser perto.



Pichuvy

# PANDERE SA KA A <sup>(1)</sup>

## Primeiro nós

Disse que primeiro tinha mulher, três irmãos de mulher e outro índio marido de mulher.

Índio vontade de transar com mulher. Marido dela falou:

– Vocês num pode transar esse mulher não! É teu irmã – falou assim – eu vou fazer teu mulher! Quando meu filha nascer, aí vocês casa com ela... mora com ela.

Por isso que Cinta Larga casa com a filha da irmã. Com a filha de irmã meu eu casa. Agora não dá mais não.

Depois que branco falou, nós acredita que a filha da irmã é sobrinha, então não casa mais não. Um acredita, outro não acredita e casa com a filha da irmã.

Irmão cuida cuida menina até crescer, né? Aí manda menina. Menina sabe, que quando nasce, que tem marido já. Quando nascer índio pede a menina: “vou casar com ela!” Aí fica pra marido.

Antigamente é assim, agora não. Agora escolhe

mulher qualquer uma, sabe? Tem ainda índio vai casar com a filha da irmã.

Menina fica morando com mãe dela até menstruação. Marido cuida, cria menina... É verdade! Até hoje cuida menina. Traz comida pra ela... fica assim longe. Não é muito perto não. A irmã gosta homem que leva comida todo tempo. Se matar bicho, aí vai levar comida pra menina. É assim.

Aí quando transar irmã, a gente vai – acho que é verdade assim, sabe? Disse que falava, quando transar irmã, a gente, quando dormir, morrer, morrer assim... Espírito gente vai... vai virar cupim lá dentro o espinho, né? Vai virar espírito gente quando morrer, quando transar a irmã, sabe? Aí vai castigo no pecado. Eu acho que é pecado, né?

Tem espinho de tucum, né? Acho que o espinho

1. [Pandere tsa ka a] - Pandere sa ka a - o primeiro de nós - ancestral  
Pa - nós  
Ndere - gente, povo  
Sa ka a - primeiro, ancestral  
Panderey - Autodenominação Cinta Larga que engloba os subgrupos Mãm, Kabãn, Kakin.

não se  
casa mais  
e/ sobrinha

tem o cupim, o cupim aquele que fica dentro de árvore do espinho.

Também e quando transar a irmã, também mema coisa: a gente, o espírito gente, mora lá dentro lagoa – lagoa grande. Aí fica muito sofrendo espírito gente. Fica de dentro lagoa, fica sofrendo lá... só frio, né? Igual sapo, igual sapo que sempre na água.

Assim... quando morrer a gente fica no mesmo lugar no buraco, não é? Vi falava assim. Não sei como. Não sei que é verdade... parece. Perguntei: “Será que branco faz assim?”

# ASAI D NÃ<sup>(1)</sup>

## Casamento

Eu vou contar outro história de casamento. Assim que nós casamo:

Quando a menina nasce, já tem marido. Mãe de menina sabe qual marido ela tem. Antigamente também fazer assim.

Quando a menina nasce, nós já sabe: “aquele é meu mulher”. Então homem pode cuidar aquela menina. Quando ele grande já, cuida dela, mata bicho pra ela comer, caça... Então o marido vai caçar e levar bicho pra cozinhar na casa da mãe. Entrega o bicho pra mãe, pra menina comer. Cozinhar pra ela.

Foi sempre assim. Menina nascer e quando grande, gente casava com menina. Então pai dela sabe que ela tem marido. Por isso o índio casa aqui cedo novo. Muito cedo novo. Então, índia casa aqui criança... Mais ou menos dez anos assim que ela casa.

Índio até criava mulher pra ser mulher dele. Então quando ela grande, a gente já pode transar aquela menina. Assim que índio faz casamento.

É muito trabalho esse casamento do índio. Num sei porque a gente aguenta até muito tempo esperando menina crescer. Então mãe, parente, irmão, tudo sabe que ela tem homem pra casar com ela. Então o índio é assim que faz. Muita vez eu vi que o índio faz assim. Criava a menina pra mulher dele.

Quando ela não aprendeu fazer comida, bebida, assim, chicha... então homem pode ensinar com ela. Homem pode tirar lenha pra ela. Depois que ela não sabe assim, faz a vida dele. Depois que pensa que o marido larga dela.

Assim que nós fizemo antigamente na história dos índios. Só isso que eu vou contar da história de casamento.


1. [Asai nã] – Asaid nã - Casamento.



# HISTÓRIAS DE PAWO<sup>(1)</sup>

## Dono do mato

Ninguém vê onde ele mora. Toma conta muito, comendo fruto, mata bicho... Gente entra no mato ele mata. Quando gente tá no mato, ele vem transar. Ele anda só de noite, de dia não. Quando ele dorme com gente, gente parece perdeu língua. Não fala nada. Aí quando ele sair você lembra de palavra. Por isso tem filho de índio nasce feio... Mas ele não ataca não, só transa mulher. Que anda de noite, encontra com ele. Ele não faz nada não, vai embora.

Eu tava esperando anta no barreiro, ouvi barulhinho igual pisada gente: tum... tum... tum... Aí olhei para baixo e vi bicho. Ele tava olhando barreiro e foi embora. Ele brilho brilhando todo pendurado de vagalume. Pequeninho... bem baixinho. 

Devagarzinho...

Tinha fogo debaixo da rede, né? Aí índio clareando o fogo, acendeu o fogo, né? Aí quando ele chamar outro, a mulher dele acordou. Aí Pawo subiu, subiu lá... (não tinha pau grande dentro maloca? Não tinha pau atravessado lá?) Pawo ficou sentado lá. Aí

índio mandou primo acordar. E daí que primo matou Pawo. Flexou Pawo. Pawo caiu – três flechada. Ele ficou morto lá dentro maloca, né? Aí primo dormiu de novo. Aí o índio falou com a mulher dele:

– Amanhã nós vai ver de dia. De dia ver Pawo. Conhecer Pawo amanhã.

Ele não olhou na hora, sabe? Não tem lamparina... Não tem nada... Aí ele olhou... só olhou... deixou lá fora, sabe? Ele deixou morto lá fora. Ele matou Pawo dentro de casa. Ele afastar lá fora no maloca. Ele falou:

– Amanhã nós vai ver de novo, nós vai ver Pawo.

Aí dormiu de novo. De madrugada, cadê Pawo? Não tem... sumiu... Não tem Pawo mais morto. Ele saiu... “vão bora ver Pawo agora!” Ele não viu morto mais. Isso é verdade! Não é mentira não, é verdade...

1. [Pawo] - Pawo - Dono do mato. Entidade negativa do universo Cinta Larga.

Daí que o primo falou pro índio:

– Eu matei Pawo. Sumiu Pawo já. Não viu mais morto. Ele pensava que outro Pawo carregou outro. Não sei como ele levantou... Ele foi embora... Não sei que ele mesmo foi sozinho... às vezes nem morreu.

Aí primo falou:

– Eu não viu sangue nada... Ele foi embora. Eu não vi nem sangue... Dentro de maloca tem sangue. Dentro de maloca tem sangue ponta de flecha... Tem sangue, né? Aí Pawo foi embora.

É verdade! Não é mentira não. Primo falou que outro carregou. Falou que levaram.



Aí depois que apareceu gente, espírito de gente, sabe? Essa história é verdade também, sabe?

Depois que o cara morreu... o cara morreu, né? O índio morreu. O índio morreu causa de flechada, né? Aí mulher dele e irmão dele tava dentro maloca. Num sei como ele vem, sabe? Voltou. Índio morreu... voltou dentro maloca ainda... Isso é verdade também!

Ele vem... Não sei que parece... parece vem lá do céu, sabe? Parece que o anjo vem descendo com ele, conversando, sabe? É verdade! Veio descendo... de noite escuro. Não, de noite não. Escuro não. De dia mesmo! Sabe por quê? Meu primo foi caçar, tirar mel, deixar sozinho maloca, né? Ficar nem nada... Ele viu gente, pensando que é daqui mesmo, sabe? Gente de maloca de lá vem aqui visitar gente, né? E tem aquela taquara gente carrega, né? Taquara de flecha, sabe? Sem pena, né? Tava lá fora no maloca também.

Aí o primo falou assim:

– Ah... gente foi buscar de flecha e voltou.

Aí entrou dentro maloca, né? Aí ele entrou dentro maloca e falou:

– Quem tá aí? Quem tá aí meu casa?

Aí outros respondeu tudo:

– É nós... É nós...

Aí ficou susto assim... Viu quem morreu. Cara morreu tava lá dentro maloca. Aí olhou assim... Olhando muito com ele ainda. A mãe dele tá outro maloca.

Aí que ele falou pro primo, né?

– Eu vem visitar vocês. Eu vem de muito longe... Eu vem de muito longe... Aí índio não sabe que é que tá falando. Ele não sabe, não entende. Ele não fala nossa língua... Aí o que vem de lá de cima, ele mandou dançar, né? Ele falou assim:

– Você que mora aqui, né? Eu quero dançar aqui.

Aí cantou lá dentro maloca, ficou dançando lá. Aí o índio que morreu lá falou com o outro:

– Eu morreu aqui, aqui meu enterrado. Falou assim com outro companheiro dele.

Aí ficou acreditando: “Eh... esse cara voltou!”

Aí depois que o índio que morava dentro maloca, o dono da maloca falou:

– Você voltou?

Ele falou:

– Voltei. Eu vem buscar minha mãe – ele falou assim, sabe? Eu vem buscar minha mãe – ele falou nossa língua mesmo, sabe?

O cara que morreu, pertinho armando rede pra ele, dormiu pertinho dele. Depois falou: “Eu dancei muito aqui... Dancei muito aqui, muito brincar aqui... eu muito já assim, sabe? aqui dentro. Depois que eu morreu aqui me enterrava aqui” – ele falou. (Agora enterrar no fora de casa. Não sei porquê. Branco en-

sinou assim, sabe?).

Pois é... cara morreu voltou ainda... Aí cara cantou ainda. Cara cantou, ainda lá dentro dançar. Aí mulher, dona de maloca, ficou olhando assim... e pensava: “Pra onde que vem, pra onde que vem?” Quer olhar o cara enterrado lá dentro maloca, ninguém vê sair, sabe? Aí ela perguntar pra ele:

– Comé que você saiu?

Ele não falou nada. Falou nada.

– Comé que você vem?

Ele falou:

– Esse amigo meu, trouxe eu aqui buscar meu mãe – falou só assim, sabe? – Eu vou voltar!

O amigo dele foi embora. Sumiu. Ninguém vê ele foi embora. Primo meu falou: “Só pegar meu mãe”. Ele falou assim, quando aparecer parente pra contar direitinho... Quando eu aparecer primo contou. Falou que tinha chapéu assim, chapeuzim branco, tudo coisa... Parece pena aqui no peito tem asa, parece pena de gavião – ele falou. Ele falou que muito bonito.

Aí depois que morto foi andar pra lá... parece lá no beirando caminho... Quebrar galho lá em cima, subir pegar fruta lá...

Aí depois perguntou pro índio:

– Aonde que é outro maloca, maloca meu mãe?

Aí índio falou:

– Esse caminho aí, lá longe, é maloca.

Aí ele falou:

– Quantos dias gente viaja?

Outro falou:

– Não tem, não tem muitos dias não. Dois dias gente viaja.

Aí depois que ele andando andando... aí levou flecha na costa, levou papel... Índio falou que morto

levou muita coisa na costa, sabe?

Aí tem outro índio viajando, né? Viajando viajando outro maloca. Mulher atrás sozinha levar porco bravo, segurando corda de porco devagarzinho, né? Aí que ele vai aparecer pra mulher. Aí depois que o índio vem lá de cima, parece que lá em cima, sabe? Não sei pra onde é não, sabe? Aí conversar mulher:

– Cê vai onde hem, cê tá cansada?

Aí mulher falou:

– Cê vem aonde hem?

Não, eu vem daqui conversando de vocês – falou assim só, né?

Índio não sabe que é Pajay<sup>2</sup>, Deus, sabe? Ele falou assim, sabe? Aí só papel, aquele livro. Mulher falou que aquele tinha coisa, parece papel, né? Mulher falava que ele mostrava papel papel papel... Aí mulher foi contar outro maloca, índio não acredita não:

– Você viu Pawo. Pawo encontrou você.

Aí outro índio não acredita não:

– Cadê vai aparecer aqui?

Ele falou que voltou lá... foi embora pra lá.

Quando morto achou mulher, falou:

– Eu ia pra conversar da aldeia de vocês tudinho... porque comida tá acabando, cabou comida, né?

Falou que trouxe comida dele. Falou tudo coisa trouxe. Parece que falou que Deus que mandou. “Deus que mandou pra conversar com vocês” – Ele falou assim, sabe? Mas não sei se é verdade, né?

Todo dia que o primo contava comigo falava:

– É verdade! – falou. É verdade! Acredita comi-

2. [Padzay] - Pajay - pá - nós  
ndzay - conhece  
O que nos conhece.

go! É verdade! – ele falou. Vocês acredita que eu fala? – primo falou. Eu mesmo assim conversando assim comigo, já conversando comigo ele falou que conversou com Pawo.

– Parece que tem pena – ele falou. Parece que tem asa de gavião. Assim, parece tem. Tem asa! Igual ikolun<sup>3</sup>. Ikolun nós chama gavião. Tem asa sim! Parece voando assim – falou. Tem pé. Ele voando de noite, foi embora. Ninguém vê voando de dia não, porque quando voando de dia gente vê. Agora escuro ele foi embora. Agora de dia que ele flechou. Flechou em cima, matou a mãe dele. É verdade! É verdade!

Falou que lá... lá em cima tem muita gente. “Lá em cima tem muita gente. Lá tem gente.”

Ngurá lá que mandou nós vem avisar pra vocês que chuva vai acabar, terra vai acabar. – Na língua dele. Falou que Ngurá mandou pra nós.

Então índio falou:

– Então é Paixu<sup>4</sup>, é espírito de gente!

Ele falou:

– Não, espírito não! Não parece espírito não. Mulher viu, meu família viu tudo. Viu ele dançava lá meu maloca... dançava lá. – É verdade! Ele falou assim. Ninguém acreditava. É verdade! ele falou.

Ele deu um presente, não sei quem que ele deu presente, sabe? Ele falou assim:

– É verdade! Cara morreu, voltou! Matou mãe no cobra. Ele flechar lá em cima e flecha voltou pertinho do cobra. Mãe dele, cobra morder mãe que morreu na hora, no mão de flecha, segurando flecha na mão. É verdade! ele falou assim.

Ai depois que outro foi embora pro família, aí ele falou que o índio falou: “Então é Ngurá, o pessoal

do Ngurá lá em cima, ele vem. Ngurá mandou voltar ele pra avisar gente! Aí depois sumiu. Todo dia ele falou comigo.

Foi o cara mandou matar mãe dele pra levar lá espírito dela. Viu mãe dele ainda. Não, ele flechou lá em cima, mandou flechar lá em cima, tem o cobra lá onde que o flecha caiu lá. Flecha caiu pertinho cobra. O cara tinha mandou buscar flecha mãe dele, sabe? Falou: “vai buscar flecha meu lá!” Aí ela foi buscar flecha lá, aí ela quer tirar flecha lá no chão, cobra mordeu, matou na hora. Falou que não sofreu não. Quando mordeu morreu. Aí cara foi embora... sumiu.

Cobra mordeu. Onde tem flecha, lá pertinho, tem cobra. Aí a cobra matou a mãe dele, né? Aí morreu. Aí mãe morreu... enterrar, né? aí índio falou: “Ah, é assim, que ele vai buscar mãe dele? Matou mãe dele... cobra matou mãe dele.” Índio sabe que ela morreu. Aí índio pensava: “Ngurá mandou voltar com ele” – Índio foi pensava assim.

Aí mãe morreu, aí o cara que morreu foi embora. Sumiu. Então índio falou assim sabe? “O cara que morreu, ele sumiu. Depois que mãe morreu ele sumiu”.

E outro mais três ficou conversando, né? Até hoje cara tá vivo lá no Rio Preto<sup>5</sup>. O que viu outro índio que morreu.


Todo mundo ele contou lá no Roosevelt<sup>6</sup>. Até

3. [Ikolun] – Ikolun - Gavião real.

4. [Paixu] – Paixu – Imagem, fotografia, lembranças, espírito, espelho, sombra.

5. Rio Preto - Nome do Posto Indígena no igarapé Ouro Preto, na área indígena Aripuanã. Grande concentração de Cinta Larga Kaban.

6. Roosevelt – Posto Indígena às margens do Rio Roosevelt. Grande concentração de Cinta Larga Mãm.

Piu<sup>(7)</sup> sabe também. “Pode falar pessoal lá que é verdade!”. 

Pois é... nós foi esperar no barreiro. Esperar no barreiro matar anta, né? Aí já tava escuro mesmo! Só lua clareando barreiro, né? Onde nós esperando anta pra matar.

Aí eu tava sentado assim dentro tocaia, né? Eu e irmão do Piu também... Aí nós pensava que era uma anta vem, sabe? Tinha barulho de lama, né? Que o bicho tá pisando de lama... Aí eu falei pro irmão de Piu:

– Lá vem outra anta.

Aí irmão do Piu falou:

– Fica quieto!

Irmão do Piu era grande já, nós era criança ainda, sabe? Aí bicho vem andando igual gente andando. Aí olhar assim buraquinho no tocaia, eu olhando assim... bicho pintadinho brilhando... Parece aquela coisa do mato. (Não tinha folha verde assim fogo? Aquela pintadinha eu falei pra você que é no mato?) Aí tudo aquela coisa cheio assim... Olhando assim...

Aí eu falei pra ele:

– Esse bicho é igual gente... É gente?

Aí irmão do Piu falou assim:

– Num fala não! Num fala não!

Aí eu fica quieto com medo, ficou tremendo assim... Aí aquela carapanã<sup>(8)</sup> borrachudo veio, vem chegando mais, sabe? Aí eu tava mexendo meu costa assim... aí bicho vem andando assim, olhando lá, aí foi embora mesmo caminho, foi embora.

Aí nós pegou o arco, aí irmão do Piu falou:

– Vão bora! Esse bicho... igual gente... Então nós vai morrer! – irmão do Piu falou comigo, né? – E

quando gente vê esse bicho, gente morre... parente nós morre. – Irmão do Piu falou.

Ele falou certo, sabe? Falou certo mesmo! Aí depois que meu vô morreu de veneno, sabe? Aí o irmão do Piu foi contar dentro maloca, sabe? Não acredita nós:

– É... então é onça, é anta mesmo... é onça...

Aí nós fala:

– Não é onça não! Onça tem pintado – ele pintado.

– Onça pintado foi apareceu lá no claro de lua, aí onça pintado apareceu igual bicho.

Aí irmão do Piu falou:

– Não! Não é não! – irmão do Piu falou tudinho, né?

Aí eu falei pro pessoal:

– É verdade! Vocês vai morrer sim!

Irmão do Piu falou:

– Cês morre. Depois que o Suruí vem atacar nós – irmão do Piu falou no maloca.

Aí começar medo, sabe? Aí que o Cinta Larga fazeu tocaia esperando Suruí no beirando caminho, né? Pensando que Suruí vem olhar escondido, né?

Aí que outro dia que o índio convidar gente fazer festa, né? Não é pouco não, sabe? Duas semanas assim, sabe? Aí índio vem convidar gente pra festa lá no maloca. Aí branco vai aparecer. Aí que começar morrer, né? Aí garimpeiro vai aparecer, sabe?

Aí nós pensava que Suruí vai atacar primeiro. Depois que o branco chegou lá no garimpo, aí que

7. Piu - Nome de um dos líderes Cinta Larga. A origem do nome é [Nakusap i ap] - Colar transversal.

8. Carapanã - Espécie de pemilongo.

gente morre, né? Por causa de doença.

Acho que Suruí morava mais perto. Cinta Larga conhecia aldeia do Zoró e Suruí só. E Tubarão também. Fazia guerra... Tubarão, Zoró...<sup>(9)</sup>

Branco, quando apareceu, fez guerra, né? Só isso.

E aí pessoal morreu tudo! Sobrou só nós: eu, irmão do Piu – sobrou eu, né? Meu vô morreu...

E irmão de Piu falou certo, né? “Parente nós vai morrer tudo, nós vai sobrar”.

Depois que o branco jogou bomba, matou de metralhadora, aí que irmão do Piu morreu lá. Sobrou só Piu. Piu era pequeno... Não tinha parente... Não tem parente não, sabe? Não tem nem um parente de Piu. Só tem primo... assim, sabe?

Aí irmão do Piu falou:

– Tá vendo? bicho é Pawo.



Aí depois eu foi outro dia sozinho. Eu foi sozinho de novo. Aí eu vê de novo outro bicho. Aí quando tava lá em cima esperando barreiro ainda também, né? Tava esperando tocaia lá em cima. Eu pensando que anta vem de novo. – Quebrar pau, né? Galho de pau quebrando quebrando e vem. Aí falei:

– É... já vem anta de novo!

Outro barreiro... nós chamava assim barreiro preto, né? Esse barreiro que nós chamava barreiro preto. É... aí eu olhou assim pra baixo:

– É... gente, esse bicho vai matar de mim.

Ficou medo só! Aí bicho olhou só pra barreiro assim pra baixo. Não olhou pra cima não, sabe? Aí olhou... olhou... foi embora. Eu deixei meu rede lá em cima foi embora. Pessoal tocando taboca<sup>(10)</sup> ainda, eu cheguei. Aí falei pro meu pai:

– Eu vi Pawo!

– Ah, não viu não! Que foi? – Meu pai falou – Que foi?

– Eu vi, rapaz! Tava lá barreiro, só olhou foi embora. Não voltou pra lá no mato. Aí aconteceu nada, sabe? Aí eu não vi mais Pawo. Não sei porque eu vi...

Não é qualquer um vê não. Lá no Roosevelt tem Pawo também. Lá no Roosevelt, ele bicho, eu vi. Eu vi não. Escutei ele bicho chamando, sabe? Ventinha<sup>(11)</sup> também escutou. Ventinha também. Todo mundo lá no posto. Quando escureceu muito de noite, gente passa caminhando de noite, ele chora, né? Igual gente chorando. Igual neném chorando, sabe? Mesma palavra que neném chora também.

Ele respira. Eu vi gente respirando chorar, sabe? Mesma coisa! Aí gente fica coração aqui batendo forte: tchum... tchum... tchum... tchum... Fica medo! É... Você vai ver lá no mato quando com a noite você escutar isso aí. Aí com medo até ficar escuro, sabe? Uma vez que eu passei isso aí, sabe? Aí quando eu tava andando assim... escuro mesmo assim... com espingarda, sabe? Quando chorar deu tiro pra lá, correu pra cá. É...

Uma vez que eu matava bicho, escondeu no buraco, né? Tapou bem um mutum, sabe? Matei mutum.

9. Suruí - [Pater] - Grupo do tronco Tupi, família Mondé. Inimigo tradicional dos Cinta Larga.

Zoró - [Pang ney] - Grupo do tronco Tupi, família Mondé. Inimigo tradicional dos Suruí.

Tubarão - [Aikanã] - Grupo indígena de origem Tupi, família Tupari. Foram inimigos dos Cinta Larga.

10. Tocando flauta feita de taboca (bambu).

11. Ventinha - Nome de um dos líderes Cinta Larga. A origem do nome é [Wetĩn] - timidez, vergonha.

Falei: “Depois que eu voltar eu vou levar”. Deixei no buraco – tampar tudo terra, né? Aí bicho não tava lá mais. Pawo levou bicho. Não é onça não. Onça gente vê rastro. É bicho levou. É bicho foi comeu o mutum.

No acampamento de gente, vem chorando... Maloca também vem, maloca vem sim. Ele chora porque fica triste. Triste de noite.

E o funcionário da FUNAI que Ventinha levou, sabe? Zeca, né? Ele falou: “É mentira sua! Isso aí não é nada não!

Aí depois que ele esperando lá barreiro, lá no Roosevelt, né? Aí bicho vem chorando até chegando no barreiro. Aí Zeca com medo, sabe? Aí Zeca atirou tanto revólver lá... aí bicho não pára de chorar, sabe? Chegando ainda...

Aí Zeca mandou Ventinha, né?

– Vão bora Ventinha! – Zeca falou – bala não entra esse bicho não!

Ele viu só choro, sabe? Chorando... vem de chorando, sabe?

Aí Zeca falou:

– Ninguém mata esse bicho não! Nem flecha entra não! Nem bala entra não!

Aí ele com medo foi embora. Aí quando entrou no casa, ele contava:

– Bicho chorou lá.

Aí nunca mais caçar mais lá barreiro. Aí não sei que dia foi embora lá. Fazendeiro tomou terra lá... Não tem mais Pawo lá não. Foi embora já outro lugar.

Ninguém sabe se Pawo é amigo de Ngurá. Acho que sim. Eu acho que Ngurá deixou ele tomar conta do mato, parece... É dono do mato. É ele que cuida

do mato, né? Não sei que ele morre...

Acho que só isso, né?

História de Piu é agorinha! Não tem vinte anos não. Tem mais ou menos dezoito anos. Piu era menino, sete anos assim... Aí Roberto Carlos<sup>(12)</sup> falou pra ele:

– Vão matar nambu pra nós hoje?

Quando nambu dormir, nambu canta, né? – assobiando canta.

Aí Roberto Carlos falou:

– Deixa, vai à tarde, cinco horas nós sai.

E daí Piu saiu mais ou menos três horas, né? de dia ainda. Aí Piu tava brincando lá na raiz onde tem máquina de arroz agora. Piu tava brincando lá - flechando borboleta – aí bicho chamou lá: “Vem cá, vão caçar!” Aí atravessou rio lá... atravessar pra onde que tem bananal. Travessou rio lá onde tem mais alto serra, né? Foi embora pra lá. Piu me contou: “Eu passei por aqui, bicho me levou sem caminho nada. Mato sujo, ele levou de mim” – Piu falou.

Ai Piu... Piu com fome, né? ele mostrou cacau, dava cacau pra ele comer. Aí Piu comeu cacau. Aí bicho sentou lá fora, longe dele. Ele falou: “come esse cacau!” Daí escureceu, ele fez acampamentozinho, ele dorme lá no chão.

Aí depois que escureceu, ele arma rede. Arma a rede. Aí Piu deixou, dormiu... Aí depois que mulher chegou, conversando Pawo. Aí Piu acordou, quando ele conversava mulher, sabe? Aí Piu pensava: “Ah! não é Roberto não...” Roberto Carlos tinha mulher, sabe? Aí Piu falou: “É... Roberto Carlos não trouxe mulher... Será que ela vem atrás de nós?” – O Piu

12. Roberto Carlos - Nome de um Cinta Larga, adquirido de garimpeiros.

falou, né?

Aí depois madrugada não viu mulher. Aí foi andando ainda atrás dele... É... Piu pensava: “Acho que não é Roberto Carlos não. Eu vou embora”. Aí quando viu nambu, Piu falou: ‘

– Mata esse nambu!

Aí Pawo falou:

– Deixa lá, deixa!

Aí quando viu macaco ele falou assim:

– Mata esse macaco pra mim!

– Não, não vou matar não!

Aí Piu pensava que não é Roberto Carlos não, sabe? Aí Piu falou:

– Eu vai embora, eu vai embora! Aí foi embora.

Tinha flecha não. Piu era criança, poxa! É criança, não sei... Piu tava dormindo do chão, aí depois que ele botou no dentro da rede. Piu me falou, sabe?

Igual gente carregar neném. Botar no rede, no colchão? É assim que botou no rede, dentro do rede.

Ele Piu pensava: “Será que é nambu levar eu? Será que nambu virou gente levar eu? – Piu contou assim, sabe? Pensava que não é índio não, é nambu, sabe?”

Aí falava igual palavra nambu, sabe? assobiando de nambu, sabe? Aí Piu falou que nambu assobiando chamando outro nambu... E Piu pensava: “Será que ele nambu? Nambu virou gente levou eu? Parece que é... Não, não é não”.

Piu falou que de noite não brilhava não. De noite era igual nós. Piu falou assim. Não é... acho que não. Eu acho que é espírito de branco, sabe? Mataram branco lá dentro, sabe? Eu acho que o espírito - esse branco - levou ele.

Ninguém sabe que é Pawo, ninguém sabe. Piu

era menino assim... Piu não sabe que é Pawo.

Piu falou que ele baixinho igual altura Roberto Carlos. Ele levou flecha... ninguém levou flecha lá não.

Piu falou comigo:

– Ele me chamou, vão bora!

Ele falou assim:

– Vão bora... civilizado quer matar nós! Pawo falou com ele.

Piu contou isso pra mim, sabe? Aí eu acreditei, né? Piu falou acreditar dele. Foi atrás dele.

Aí Pawo falou:

– Cê cai pra cima, no rio, eu cai pra baixo – Pawo falou com ele.

Aí Piu não sabe, né? Aí vai chegando lá outro lado. Aí cruzou rio lá, levou Piu...

Aí Piu com medo ainda que Pawo falou:

– Civilizado quer matar nós!

Aí Piu com medo foi embora junto, né? Piu ficou um dia lá com ele. Ele não viu cara não, sabe? Ele não deixar ver cara, sabe? só vê só no costa. Quando Piu falava com ele, ele não virava olhando com ele não, sabe? Só olhando pra frente. Aí Piu pensando que ele não é não. Aí foi embora...

É... perigoso... é perigoso mesmo! Eu vou deixar você lá. Lá no em cima serra...

Então é só isso viu, história do Pawo.



Pois é... Pawo ele é feroz!

Mulher... quando Pawo vem, vem deitar com mulher no mato, aí quando gente quer falar com os outros: “ah, esse bicho, Pawo, quer deitar comigo”, não vai falar isso não. Aí falar pra outro língua, outro

palavra, outro nome, sabe? Meu primo teve assim.

Quando meu primo tava láaaa longe... armou rede lá longe, aí Pawo vem lá deitar com ele. – Mulher Pawo vem deitar com ele. Aí ele quer falar: “Pawo quer me matar” – assim ele quer – aí ele falou: “trazer fogo pra mim!” – falou só assim: “traz fogo prá mim!”

Aí ele falou de novo com a irmã dele:

– Irmã, trazer fogo pra mim!


Ela falou:

– Que é?

– O bicho que tá me matando - quer falar assim, né?

Aí quando ela, irmã dele, respondeu. Aí Pawo saiu lá devagarzinho... foi embora. Aí meu primo falou igual anestesia – ficar assim igual, parece grosso, né? Assim pegar grosso gente – É... meu primo falou assim:

– Pawo deitou assim... fica sentindo grosso na costa.

Eu com medo mato assim, poxa! 

Outra vez que Pawo comeu ingá... (tem ingá, aquele beirando rio...). Aí índio caçando, né? Caçando lá, ele tava passeando. Pawo deu ingá pra ele, quando índio tá com fome. Ele chamava irmão, né? Ele chama: “irmão, vem comer ingá comigo!” Aí ele comeu ingá lá. Depois que ele chegou lá maloca, vomitava muito... provocando aquela semente de ingá tudinho, sabe? Aí quer falar: “Pawo deu ingá pra mim!” Quer falar mas não tem jeito. Ele só falou: “eu tô com febre” – assim, sabe? Troca palavra do língua, sabe? aí num tem jeito. Pawo é feroz, né?

Meu pai, Pawo já quase matar meu pai também, sabe? Quando ele foi xixi lá fora do maloca, no terceiro, né? escuro...

Aí meu pai foi saiu:

– Eu vou mijar lá fora.

Depois saiu lá, quer Pawo pegar ele, né? Aí quer só pegar cabelo pouquinho assim cabelo, sabe? Aí meu pai correu lá maloca, né? – correndo lá, porque Pawo pegou lá no terreiro, né? Meu pai gritou lá, correndo lá, entrou maloca.

Aí meu pai vomitava muito, sabe? Aí meu mãe falou:

– Que foi que você gritou lá?

Aí ele quer falar: “É menino me pegou!” – só assim – O menino lá fora, né? Menino tem lá fora, quase me pegou! Eu correu lá...

Aí trocar outro palavra, sabe? Depois passar muito tempo fala: “Pawo me pegou!”

Já mataram muito Pawo já. Escondido pegaram. Mataram assim, flecharam assim... não é? Não é verdade assim? Daqui cidade também tem. Espírito de gente vira Pawo aqui dentro. Quando janela aqui em cima assim pula. Pawo pula janela de casa. Ninguém vai ver ele vai entrar não. Gente já fechar muito bem... abre, Pawo abre!... Espírito de gente, que o cara muito mau que morre, aí espírito vira bicho igual Pawo. É... é assim mesmo... Lá mato mais perigoso... Mato grande mais perigoso. Aqui não...

Até dentro maloca gente tem medo. Quando maloca ficar sozinho, pessoal sumiu tudo, não tem nada gente lá, Pawo fica lá dentro esperando gente.

É rapaz!... Pawo senta lá em cima...

Tem outra história de Pawo assim, sabe?

Então é só isso, viu?

Muito tempo, muito tempo, índio bateu timbó, né? Aí quando bateu timbó, peixe muito, né? Aí tem outro maloca lá. Índio, lá no maloca, falou assim:

– Vão lá da onde que pessoal tá batendo timbó, vão lá comer peixe amanhã?

Aí Pawo chegou, né? Tu sabe o que é Pawo? Pawo é igual espírito de gente que anda na noite. Ele chegou, falou assim:

– Cadê você vai comer peixe? – toda hora ele falou – Cadê nós vai comer peixe? – falou pro índio que chamou o outro.

Aí índio falou:

– Eu não falei pra você ninguém comer peixe. Falei pro outro índio.

Aí ele falou:

– Eu vou também! Eu vou também comer peixe!

Aí índio ficou bravo e foi embora. – Vão bora! – ele falou.

Ele foi andando andando andando, né? Aí chegou no igarapé que pessoal tava batendo timbó. Aí Pawo quer comer o índio, né? Ele quer comer o índio. Aí o índio comeu peixe, comeu peixe, comeu peixe, né? Aí Pawo falou assim:

– Cadê meu?

– O teu assar ainda, tá assando teu.

– Cadê meu, cadê meu - falou toda hora - cadê meu, cadê meu?

Aí índio falou:

– Ah, eu vou queimar na boca dele agora!

Ele abriu o pacote<sup>(13)</sup>, aquela lá e mostrou:

– Tá aqui teu peixe!

Ele olhou assim peixe, ele jogou na cara do Pawo, aí queimou tudo...

É assim que é história de índio.

Quando índio foi guerra, índio foi encontrar porção no mato. História contada é assim:

Quando índio foi fazer o guerra – primeira guerra – encontrou porco, porção do mato. Assim que índio foi fazer. Ele foi matar porção. Todo porco ele matou.

Um índio não matou nenhum porco. Ele muito triste. O índio ficou assim causa ciúme de mulher. Então, por isso que o pessoal não deu um pedaço de carne de porção pra ele. Ele ficou muito triste e foi andar no mato quando índio tava assando porco no acampamento.

Aí índio foi, andava, procurava algum bicho pra ele matar. Então, o índio foi matar cutia. Ele voltava, cozinhava assado cutia. E quando ele comeu cutia, ele foi, andava mais no mato. Ele ficou muito triste, depois que ele viu o dono de porco, Pawo, no mato. Dono de porco falava com ele:

– Você comeu porco?

O índio respondeu pra ele:

– Não comeu não!

– Por que você tá triste assim? ele falou.

– Porque pessoal meu não dava pra mim pedaço de carne de porco.

Então ele falava assim:

– Você não comeu nenhum pedaço? Então abre boca pra mim ver teu dente.

Índio abriu a boca, ele viu o cabelo de cutia no dente. Dono de porco falou assim:

– É verdade mesmo, você não comeu. Então vou arrumar caça pra você, você vai matar.

13. Pacote - Chama de pacote o peixe que é moqueado envolto em folhas e amarrado com cipó.

Quando índio voltou no acampamento, cozinhava, assou nambu. E daí ele convidar pessoal pra comer nambu. O índio falou pra irmão dele:

– Vem aqui comigo comer nambu.

– Nambu não é pra homem comer não. Nambu é pra mulher comer. Mulher pode comer nambu, homem não.

Então índio ficou triste... Aí o índio falou assim:

– Eu quero contar pra você eu vi dono de porco no mato.

Irmão dele não acredita que ele falou. Então irmão dele falou:

– Você não é pajé, por que você fala isso? Cê num viu nada! – pessoal dele num confiando nele.

Aí ele falou assim:

– Eu vi, eu vi o dono de porcão. Eu não comi nada porco. Ele apareceu comigo no mato. Deu nambu pra mim matar, pra mim comer...

E daí que Pawo falou:

– Agora teu pessoal vai virar porco lugar meu porco.

O índio com medo dele ainda:

– Eu não comi nada porco seu!

Aí dono do porco falou assim:

– Você não. Você não comi nada. Você vai virar porco não. Agora teu pessoal vai ficar lugar porco meu. Cê comi cutia não tem problema.

E daí o dono porco falou com ele:

– Qual mulher do teu pessoal que você ficou ciúme?

– Meu mulher – falou.

Aí ele falou:

– Eu vou marcar branco, cabelo branco no rosto teu mulher.

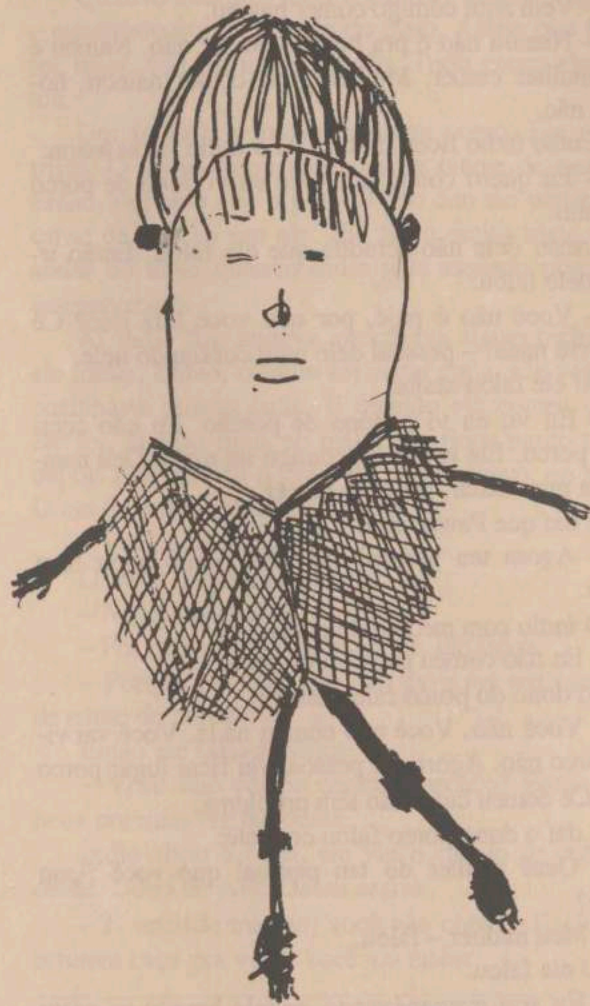
Então dono de porco foi pegar coco, coco de baça, pra colocar o dente da gente, quando gente tava dormindo. E daí quando pronto colocar dente, ele falou o índio:

– Eu já colocar dente de pessoal seu. Agora você pode vai embora pra casa. Quando porco chega, você sobe cima de pau, (madeira atravessado maloca) pode subir, fica lá. Quando você vai pro mato, quando barulho de porco, cê corta cipó lá em cima, aí você fica lá. Não é pra comer você. Cê num pode correr de porco... Se você correr, ele vai comer você.

Então índio fica acredita, corta cipó assim. Índio acredita... E quando porco passou debaixo dele, ele conhece aquela marca branca no rosto de porcão, a mulher dele que virou porco. E daí ele matou a mulher dele que tinha virado porco.

Então, quando mês de agosto, mês de setembro, porco chegava roça dele, comeu do macaxeira dele. Então é assim que foi história primeira guerra do índio.

Assim que índio queria fazer primeira guerra. Depois que ele foi virar porco!... Aí não deu pra fazer guerra. É assim que é história de Cinta Larga de antigamente, é assim...



*Sabiriquip*

# WĀWĀ

## Pajé

Outro índio morre, que é bom, vai morar com Ngurá, né? Ngurá leva ele lá casa dele. Casa Ngurá é muito bom. Disse que é muito bom casa Ngurá. Aí quando vai morrer, aí Wāwā vem, né? Wāwā vem. Wāwā daqui vai lá em cima. Aí Wāwā vai, vai rezando, né? rezando rezando, porque índio tá doente. Aí Wāwā rezando lá em cima, a gente ficou bom aqui pra baixo. A gente ficou bom. Muito Wāwā tem, sabe? Muito wāwā – pajé – tem lá em cima.

Quando índio fica muito sofrendo aqui, doente, pajé vai ficar rezando aqui assim... a gente não vê. Outro Wāwā vê. Outro Wāwā, só pajé que vê tudinho isso. Daqui terra ele vê. Ele vê outro Wāwā daqui. Wāwā tem aqui no terra, né? Vira fumaça, o pajé vem junto aquela fumacinha, porque Wāwā sempre fuma, né? jogando fumaça. Aí num vê, num vê ele, gente velho vem pra cá, aí fica junto assim, dançando assim... Fica rezando muito tempo, sabe? aí ficou bom.

Disse que pajé falava assim, né? Não sei que é verdade...

Aí eu morando no mato, né? E quando eu ficar doenté, cobra mordeu comigo, pajé fez assim. Eu qua-

se morreu, muito doente... Aí meu pai – o pai de meu pai, né? – ele pajé. Rezava muito muito... Aí pajé vem lá em cima rezando... Quando eu tava sozinho, aí pajé vem rezava assim e tal... Eu vi. Eu vi quando tava dormindo: rodando, parece rodando assim casa. Aí meu pai vem pegaram, rezaram rezaram aqui assim, outro dia ficou bom.

Roosevelt agora não tem mais pajé, morreu tudinho! Tem um pajé lá no Cardoso.

Tinha Mineiro, cabou. Cabou, sabe? Tem remédio pra isso acabar. Quando Mineiro tava dormindo, mulher dele passou remédio debaixo de rede dele, fumaça, aí não fica mais pajé, né? Sabe por quê?

Sempre bicho vai aparece, aí bicho vai conversar com pajé. Só pajé. Só pajé que bicho, árvore, tudo coisa conversa...

Aí um dia o árvore grande, árvore grande, ela quase matou Mineiro. Aí depois Mineiro matou o pau, o árvore, madeira.

Índio falou: “Ah, não mata não, cê mata ele, depois parente dele vem matar nós.” Aí o Mineiro cortou pau, né? aí pau morreu. Pau virou, ele virou igual gente assim, sabe? Igual gente!...

Quando Mineiro vem do mato, caçar, né? ele trouxe tatu, tatuzinho, né? ele foi cansado sentar. Pau vem, quer pegar ele, quer matar ele. Aí Mineiro correu. Pau grande quer matar ele, ele quer matar sim.

Sabe como que pau mata? No flecha, pau flecha. Pawo, sabe? Pawo aquele espírito parece gente. É espírito de pau que vem matar ele. So Wāwā que vê.

Aí agora, agora Mineiro acabou. Agora não tem jeito mais. Agora quando ele ficar doente, quase morrer... pode ficar pajé de novo.

Vira pajé quando muito doente, depois que bicho ele sonha, muito doido cabeça, fica doido cabeça, depois que ele fuma. O Wāwā canta muito, canta muito... Ensina pra ele, Wāwā que tem que ensinar outro pajé. Outro Wāwā ensina pra ele – fazer assim... assim... Ele canta, ele acorda, aí ele canta conversando pessoal, pessoal dele: “Eu sou pajé agora!” Aí ele começou cantar cantar... Aí quando tem doente ele vai cantar, treinando cantar.

Aí Wāwā chama bicho, chama onça, tudo tipo, urubu... Qualquer um tipo de bicho chamar espírito para salvar, né? pra ficar bom. Aí fica bom logo. Daí quando Wāwā cantar – dois Wāwā assim – não pode andar não, fica só dentro casa. Quando terminar casa, aí pajé fala: “pode vai embora, pode voltar amanhã nós. Eu vou avisar, você vem, né?”

Wāwā já mandar vai embora outro maloca. Aí pode andar.

Se índio brincar quando pajé tava rezando, aí gente vai porrando Wāwā assim, né? Aí gente morre, sabe? A gente cedo morrer.

Outro, tinha um bocado de Wāwā lá, sabe? Num pode tirar retrato quando cantava. Branco num pode tirar retrato. Tem flash pra noite tirar no escuro... Ele

vai fazer luz, aí Wāwā cai, sabe? Pajé cai, pajé daqui no chão. Cai quando aparecer aquela luz. Não aparece luzinha? Aí ele tira foto, Wāwā cai, sabe? morto.

Uma vez que o chefe do posto quase matou pajé lá no Gavião. Vai tirar retrato, Wāwā, espírito Wāwā vai embora. Aí jogar água... outro Wāwā rezou, espírito dele buscar.

Aí outro Wāwā, nosso mesmo Wāwā lá no Cardoso, ficou pajé assim. Ele ficou cego, assim... cego... olho dele inflamado tudo... Aí tem o grilo, assim aquele bicho, né? grilo quer comer aquele pus do olho. Aí vem jacutinga lá fora. Urubu quer comer pajé, né? Ele tava sozinho... sofrendo Wāwā, pajé, né? Aí Urubu falou pro grilo:

– Ele morreu?

– Não – grilo falou.

Tinha fruto lá... beirando roça do maloca. Aí jacutinga comendo fruto, aí jacutinga escutar urubu falar, né? Aí jacutinga falou lá em cima: “Cês não vai comer ele não, vai ficar bom agora!” – O jacu falou com ele.

Aí o flecha dele primeiro cantava, ela cantava... arco dele mesmo cantava... Arco de cara tá doente, ele salvou, sabe? Flecha primeiro cantou. Ela cantou... Tem aquele gancho de peixe, aquela flechinha, não tem ganchinho? Aí ela flechou folha, flecha mesmo tira folha, flecha mesmo e arco. Puxou folha, costurou lá... olho dele. Aí flecha cantava cantava... Aí onça chegou. Cinco onça vem. Aí onça cantava cantava... perto assim.

Aí tem filho dele, pajé viu tudo bicho onça cantava perto dele. Aí quando ele viu, onça quer pegar aquele meninozinho – só nenenzinho filho dele. Aí o pajé falou assim: “Não. faz isso não... não pega ele

não!...” – falou.

Aí onça começar a cantar perto de criança. Aí onça vomitava... vomitava... joga no pus do olho dele, porque tá muito fedendo olho dele. Aí onça vomitava muito...

Aí pajé fica bom, fica bom um olho, outro não enxerga bem não. Ele não era pajé não. Aí depois ele ficou pajé.

Aí onça falou: “Agora você pajé! Agora quando doente precisa, você pode cantar”. A onça ensinou pra ele. Aí depois que ele ficou bom ele cantava.

Aí ele ficou bom, aí quando foi caçar, jabuti tava tomando banho lá no rio, ele foi procurando varazinha. Assim, né? Não tem o cego assim, pra onde que ele vai, ele mete vara procurando caminho?

Aí jabuti veio. Aí jabuti foi levar ele no igarapé. Lavou olho dele. Aí jabuti cantou com ele, sabe? Cantou com ele. Aí jabuti levou lá casa, ele ficou bom. Um olho dele enxerga, outro não enxerga.

Aí ele ficou bom, até hoje tá com a gente, tá curando gente. Até depois quando eu foi levar Iracema<sup>(1)</sup>, ele curou Iracema. Iracema era doente, barriga inchada... assim... quase morreu. Ele salvou. Nunca mais, nunca mais sentiu dor. Ela, Iracema, três dia já foi pra Cacoal, pra cidade pra tratar mas não tem jeito. Aí pajé pegou lá no posto, eu falei pra ele:

– Olha, meu neném tá doente muito... nunca ficou bom com remédio...

Ele falou:

– Tá, cê vai hoje lá casa.

Aí falou:

– Cê tem pena?

– Tem – eu falei.

Botou pena no cabeça... ele botou pena na boca.

Ela vomitava... Cantou cantou, todo mundo lá cantava. Aí Iracema ficou boa. Iracema até agora, até hoje não adoce mais...

Pajé foi embora lá... aí o pajé foi. Até ele sopra penazinha, sabe? Não sei se é verdade, sabe? Ele falou que: “Eu sopra pena nambuzinho joga lá em cima pra chamar outro pajé”. Mas é verdade! Eu sabe que é verdade...

Aí ele canta... ele ensinou comigo, pajé... É... Ele ensina comigo. Ele ensina pouquinho. Eu sei, eu sei cantar, sabe? mas não sou pajé... Eu sei cantar, eu sei falar de peixe, sei cantar de onça... Eu não sou pajé, sou muito novo. Pajé é velho. Ele, pajé, tem que ser velho.

Rondon<sup>(2)</sup> conhece remédio. só remédio. Doente precisa, ele dá remédio. Vou treinar ainda, fico treinando... Vou chamar pajé meu lá no Cardoso, ele me ensina.

Tem que fumar muito!... Fumar, aquilo de fazer fumaça, né? aí fazer bebida lá. Muita coisa que tem, sabe?

Tem Wāwā bebe assim, tem taquarazinha... aí você bebe pra cá, ele bebe pra lá... Só pajé. Nunca eu bebe... num deixou...

Aí ele canta canta canta... Aí quando fumou muito, cabeça tá rodando, vê coisa aparecer lá... Que que eu vê? Que que eu canta? Aí canta, coisa vem aparecer. Aí o pajé falou que é assim.

A gente dança, canta... Tem canto pra fazer dançar. Tem a dança pra parar ficar doente, pra curar, pra passar. Assim que eu queria, eu queria assim, sabe?

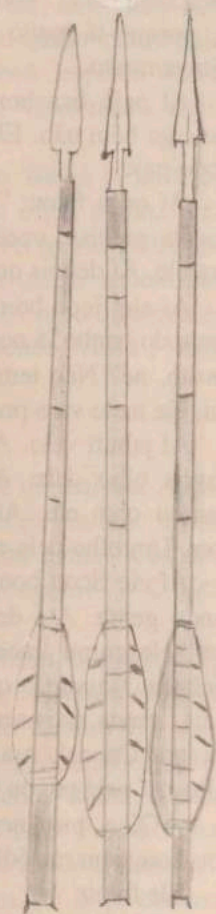
1. Iracema – Filha mais velha de Pichuvy.

2. Rondon – Nome de um Cinta Larga, dos mais idosos do PI Roosevelt.

Eu vou sair. Vou pedir pra sair de chefe, sabe? Isso aí que eu vou fazer, eu vou sim. Eu vou chefe não, vou ser pajé. Chamar pajé grande lá em cima. Ele que chama. Não é só wāwā que vai falar com Ngurá não, Ngurá que escolhe.

Ngurá escolhe igual que doutor. Não tem doutor aqui? Não tem meu doutor bom? Mema coisa que eu. Ngurá vai escolher cara que vai virar Wāwā. Aí fica bom.

Não sei se eu pode beber cuia de fumo, água de fumo... tem gente vomita, escarra pra fora de fumo... Não sei que eu pode... Tá bom essa história, história de antiga.



*Pichuvy*

# NJAP<sup>(1)</sup>

## Flecha

É... eu vou contar, agora, outra história. Eu vou contar. Mulher inventou fazer virar taboca, né?

Foi mulher, mulher querer muito comer carne. Mulher quer comer muito vontade carne. Comer carne, né?

Eu vou contar agora da história dela:

Marido foi caçar, né? Ela mandou marido caçar. Ela ficou esperando essa carne – o bicho que ele vai trazer.

Aí homem foi caçar, mas ele voltou; não trazer nada de bicho, né? Ele trouxe só um passarinho... um nambu, tipo nambu.

Aí ele chegou, ela procurava:

– Cadê bicho? Cê matou ninguém..

Aí índio respondeu pra ela:

– Eu não achei nada bicho. Eu num achei nada. Matei só um nambuzim pra você comer.

Aí ela assava... cozinhava o nambu... Aí comeu na hora. Tudinho! Aí mulher ficou chorando... Ela ficou chorando... ficou chorando... Aí todo mundo vê. Todo mundo vê. Índio vê tudo, né? E daí que o marido dela falou:

– Então, amanhã nós vai caçar. Amanhã nós ca-

ça. Você vai comigo.

O marido dela falou com ela:

– Você vai comigo amanhã pra matar bicho.

Aí mulher falou:

– Tá, eu vou. Eu vou sim.

Aí, de manhã cedo, ele foi caçar. De novo.

Ele foi – de madrugada – ela saiu junto, foi caçar. Foi pro mato. Aí quando ele viu rastro de porco, ele pegou rastro de porco – porcão – no mato de porco, né? Quando ele vê o porco, homem falou pra ela:

– Olha, você vai espantar porco aqui – espantar, né? – pra ele vem pra encontrar porco.

Aí mulher foi. Ela foi e vê porco. Espantar porco, né? Aí porcão veio com ela, mulher. Aí porco correu... correu, né? Aí homem flechou um porco. Aí mulher mordeu na costa de porco, né? – na bunda de porco. Aí mulher foi até montada no porcão. Foi embora. Aí homem não vê mais mulher. Aí quando não vê mais mulher, homem foi procurar. Aí ele viu o taboca-taboca de ponta de flexa. Aí homem fal

– Essa taboca... pra que essa taboca? Eu nunca vi

1. [<sup>n</sup>Dzap] - Njap - Taboca de fazer flecha; Flecha.

essa taboca! Quando o homem falou, mulher apareceu:

– Eu tava perdida! – a mulher falou – Eu tava perdida!

Aí homem respondeu:

– Eu tava procurando você. Onde você tava?

Aí mulher falou:

– Eu tava aqui mesmo. Você me viu já.

Aí mulher falou:

– Essa taboca, eu inventei pra você matar bicho.

Ele falou:

– Ié?... Tá bom.

– Essa taboca, – ela falou – essa flecha, pra você não precisar mais de alisar pedaço de árvore, né?

Primeiro o índio faz do pedaço de árvore, flecha, né? aí, depois que mulher inventou, não faz mais aquele pedaço de árvore. Nunca vai fazer de flecha!

Aí, de flecha todo canto, virou tudo, né? Virou tudo, tudo lugar a flecha de nascer, né?

Mulher fez assim. Me falavam, mas eu não vê. Eu vi falar. Vi falar... Meu vô falava da história de mulher que inventou.

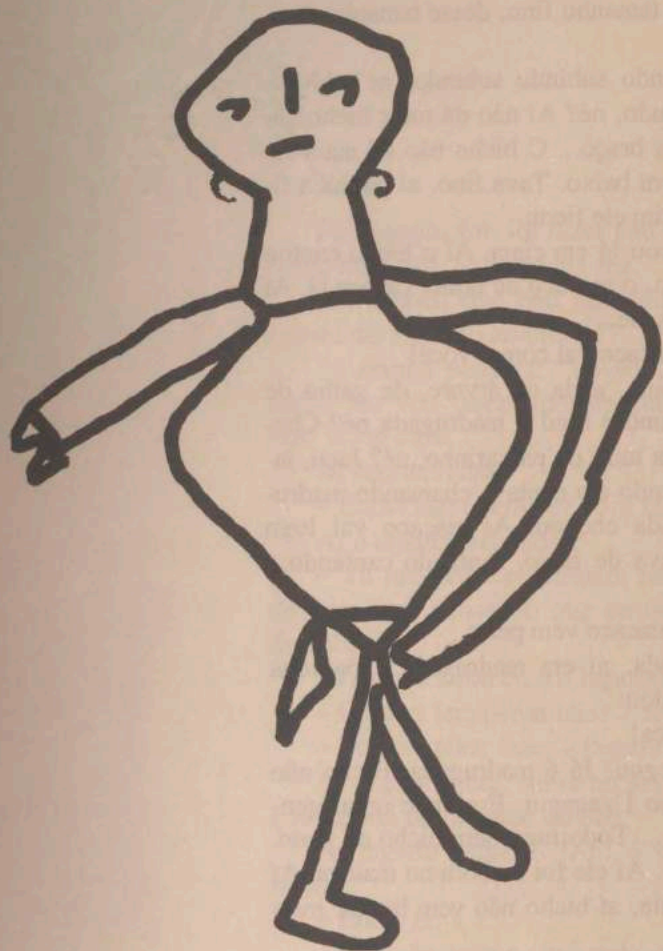
Aí que não pode também, que a ponta de taboca, que a gente tirar, secar de sol, pra esquentar, pra ficar branca... não pode meter na água. Quando ela secar de sol, ficou branco – a gente faz a ponta de flecha. E vai ficar muito duro, né? Aí quando a água ferver, também, quando água fervendo, não pode meter a ponta de taboca, lá dentro água fervendo não. Porque meter água fervendo na ponta de taboca, a gente dá vontade de comer carne.

Que muita vez Cinta Larga foi assim...

Por isso que Cinta Larga não mete a ponta de

flecha na água fervendo não. Nem água bebida. Nem água fria.

Só isso da história de mulher. Tá bom?



Tataré

# PASAKUI<sup>(1)</sup>

## *Paxiuba barriguda*

Tem outra história assim:

Índio foi caçar, né? De novo índio foi caçar... índio tá com fome. Aí que bicho do mato – tá doente bicho do mato – tá tirando mel lá em cima. O pai do bicho do mato tava dormindo lá em cima cipó. Bicho do mato igual gente, gente mesmo, sabe?

Aí tirando, outro subiu: dois subiu tirar mel. Aí bicho jogou mel, caixa de mel. Índio pegou, o índio foi pegou escondido também. Aí foi embora... foi embora levar mel.

Aí bicho tá procurando aonde que mel caiu. Mel caiu assim, né? Subiu de novo, experimentou de novo:

– Caiu por aqui!

Aí viu do abelha lá. Abelha tá caindo, né? Viu do abelha.

– Ah, pegaram, né? – o bicho falou – pegaram.

Aí ele pegou rastro de índio. Pegaram rastro de índio até... até onde que índio comeu mel. Aí ele viu cera, cera do mel. “É cera do mel!” Aí quando bicho comeu cera do mel, índio ficou gripado. Ficou gripa-

1. [Pa ɔ apku] – Pasakui – Paxiúba barriguda.

do, ele contou maloca:

– Eu comeu mel do bicho tirou. Mel que bicho tirou eu comeu, peguei escondido dele.

Aí outro lá maloca falou assim, índio morava maloca falou:

– É... bicho vai pegar você ainda: ele vem pegar você dormindo aqui.

Aí índio fechou no maloca dele, dentro maloca, fechou bem, botar pilão no porta do maloca. Aí ele dormiu. Parece olho aceso, parece óculo, parece conchinha nós trouxe do mar, ele botou aqui no olho. Aí bicho vem olhar no olho dele, tá pensando que tava acordado. Aí bicho falou:

– Tá acordado?

Aí depois que outro bicho chegou, olhou, falou:

– Vou tirar corda dele!

Aí levaram. Um carregar rede de cá, outro carregar de lá, né? E levou o índio lá... À noite ninguém vê não. Aí levaram índio.

Aí quando ele acordava devagarzinho – tinha pinguela do igarapé e tava andando – bicho tava carregando com ele. Aí quando ele passava pro cima do água, aí índio virou, caiu dentro d'água, vai embora.

Aí que bicho falou:

– Ah, ele já vai embora!

Aí que de novo aquele cascudo<sup>(2)</sup> chamou de novo pra morar com ele, escondeu ele. Aí bicho saiu procurando... procurando... Aí o cascudo furou na mão do bicho, né? Aí ficou.

Quando bicho foi embora, o índio subiu no paxiúba barriguda – barriguda, né? Foi subiu, né? Aí o bicho tava procurando com ele de novo. Aí olhando

água, viu ele dentro água. Tá lá em cima, pensando que tá aqui dentro água, ele bicho quer pegar ele. E quando ele vê, olha pra cima, ele viu sentado assim...

Aí bicho falou:

– Agora vou subir, agora vou subir, paxiúba!

Paxiúba desse tamanho fino, desse tamanho fino, né?

Aí bicho subindo subindo subindo, né? Aí paxiúba virou barrigudo, né? Aí não dá mais bicho subir, não serve mais braço... O bicho não dá mais segurar, ele caiu lá em baixo. Tava fino, aí paxiúba ficou barrigudo. Assim ele ficou.

E daí índio ficou lá em cima. Aí o bicho cantou de novo. O macaco, o macaco da noite, cantou lá. Aí o paxiúba falou pra ele:

– Olha, esse macaco vai comer você!

Que macaco pula, anda de árvore, de galho de pau. Aí o índio mandar logo o madrugada né? Chamando ela. Cantava tudo de passarinho, né? Jacu, jacutinga, nambu... tudo ele cantava chamando madrugada. Aí madrugada chegou. Aí macaco vai logo pertinho, ele cantava de novo, cantando cantando... Aí paxiúba falou:

– Tá perto já, macaco vem perto.

Aí já madrugada, aí era madrugada e paxiúba desceu com ele e falou:

– Embora maloca!

Macaco não pegou. Já é madrugada. Bicho não viu mais não. Bicho Dzagapui. É grande igual gente... Bicho do mato... Todo lugar tem bicho do mato. Igual espírito gente. Aí ele foi embora no maloca. Aí bicho foi... tá doente, aí bicho não vem buscar mais não. Só isso, viu?

2. Cascudo - Peixe de casca grossa, que vive nas pedras, no fundo dos rios.



Tataré

Foi lagarta, foi, foi fazer pau primeiro, sabe? Ele fez raiz, pau, tudo lagarta fez.

Aí, depois, que não tem folha, tudinho lagarta comeu do folha no árvore, né?

Aí aranha pensava: “eu vou, eu vou fazer cipó cutão. Eu vou fazer cipó pra subir, pegar galho lá, cipó lá em cima”.

Aí lagarta falou:

– Então faz; quero ver você fazer cipó mesmo.

Aí o aranha respondeu.

– Tu não conhece eu não, né? Cê num conhece de mim... cê pensando que eu tem medo pra subir? Eu sobe, né?

Aí aranha falou com o lagarta:

– Cê num tem pensa não? – aranha falou.

– Tem aí, pode fazer – lagarta falou.

Aí aranha subiu, subiu no árvore. Aí aranha pegou cipó lá outro galho do pau.

Aí lagarta pensou: “Ah! é verdade que aranha falou...”

– Então tá.

Aí aranha botou cipó todo canto... Pegou tudo árvore de pau, cipó... pra lá, né? Aí cipó começando

# NDAPÚA<sup>(1)</sup>

## Cipó

cipó. Por isso que tem cipó no árvore. Tudo canto cipó tem.

Aí começar cipó... aranha fazer. Por isso que tem cipó grande. Qualquer um pau tem. Por isso nós sobe. Qualquer pau cipó nós sobe.

Aí aranha desceu desceu no chão, sabe? falou pro lagarta:

– Tá vendo que eu fez cipó? Agora você sobe nesse cipó agora – aranha falou pro lagarta, né?

Aí lagarta subiu no cipó – com medo subir no cipó.

– Num tem perigo subir no cipó, não – aranha falou.

Aí lagarta subiu no cipó.

Por isso que até nós subir cipó, sabe? Eu sobe cipó também...

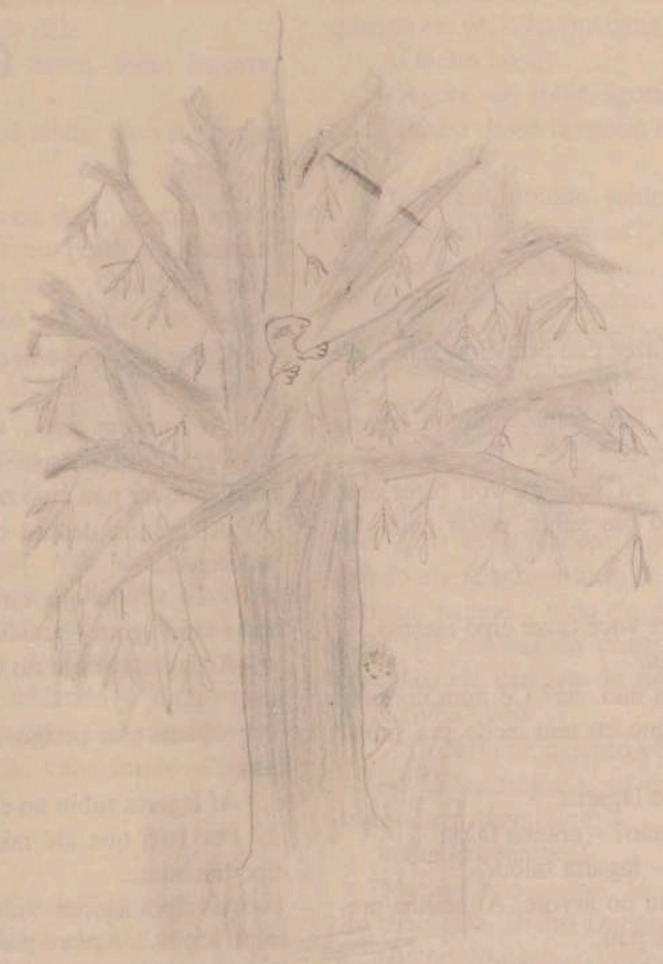
Aí cipó nasceu tudo, né? Nascer qualquer um canto assim... Árvore perto assim, cipó nascer.

Aí começar de subir, né?

Acho que só isso.

Pequena essa aí, né?

1. [N Dapúia] – Ndapúa – Cipó.



*Pichuvy*

conseguiu voando.

Depois que outro bicho que andar no chão de baixo da árvore:

Então é onça que escolher pêlo de pintado. Aí onça falou assim também:

– Então vou ficar couro de pintado – ela pegou couro – Eu vou ficar esse couro pintado...

Aí onça pegou de pêlo pintado. Até hoje onça também ficar pintado. Até hoje onça fica usando de pintado, né?

Todo bicho que pegou coisa, ele até hoje usa tudo isso que ele pegou.

Aí tamanduá-bandeira, também ele pegou de cabelo, de cabelo, de pêlo muito cabelo, sabe? E daí tamanduá pegou rabo grande e ficou:

– Eu vou ficar esse daqui também.

Aí ele escolher de pêlo grosso de cabelo.

Depois que foi macaco escolher de rabo. Pegou no rabo de macaco. Aí macaco falou assim:

– Então vou ficar esse rabo. Vai igual arco, né? Esse aqui vai ficar meu arco.

Aí macaco começar usar, carregar na costa atrás. Aí o macaco virou rabo de arco dele. E assim que macaco começou de rabo.

Aí depois que o quati-puru pegou rabo de bem cabelo. Muito assim forte, ele carregava... ele pegou.

– Então vou ficar esse daqui também!

Aí até hoje que quati-puru também usa.

Aí depois que o jacamim foi pegar o canela dele. Parece pé de castanha. E daí que jacamim pegou canela de madeira, sabe? Até hoje jacamim canela fina. Por isso jacamim canela fina.

Aí gavião – tudo gavião – qualquer um tipo, pegou pena branco.

Arara também foi escolher pena branco, pena amarelo e azul, verde. Arara escolher tudo.

Aí depois que jabuti – tartaruga – pegava casca. Ele pegou o casca dele. Aí jabuti também até hoje usa casca. Então, assim que jabuti pegou.

Todo bicho foi assim escolher coisa dele, pra ele mesmo, que ele pegou escolhido.

Quando veado pegou, pegou de galho de dois – dois gaizinho de pau – Aí veado escolhe:

– Então vou ficar esses dois pedacinhos de madeira.

O veado experimentou, experimentou assim na cabeça. Falou assim:

– Então vou ficar! Eu vou ficar assim pauzinho dois lado pendurado de cabeça, de fora.

Aí cutia pegou dente; só dente pra ele mesmo.

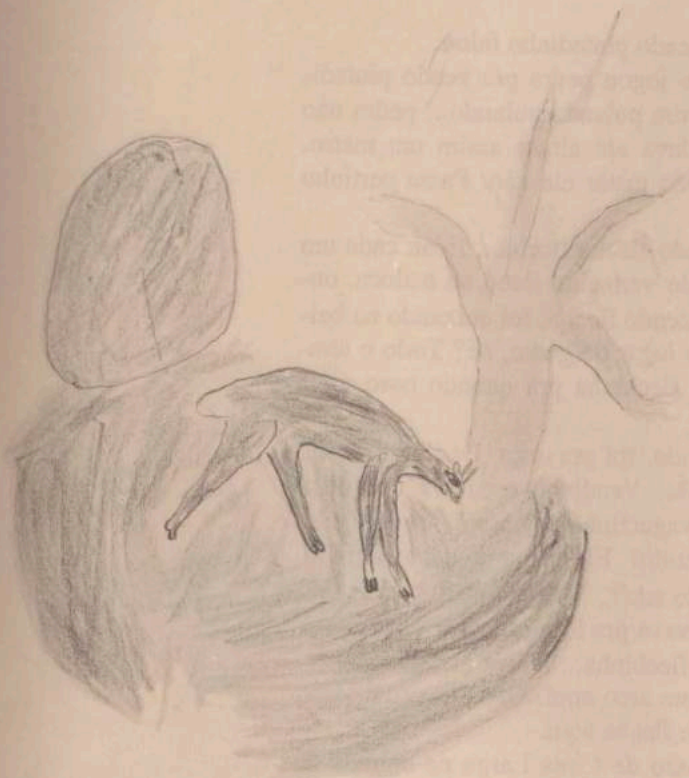
Paca foi pegar o dente também. Isso aí que paca tava usando dente.

Porco pegou também; o dente dele também era castanha. Depois que ele virou o dente, esse castanha.

Foi bicho foi pegaram artesanato foi assim.

# NEKU<sup>(1)</sup>

## Onça



Pichuvy

Onça comer gente muita, né? Cabou... cabou maloca, né? Só onça aquele tempo, né? Só onça que morava no mato.

Aí ficou casal índio, né? Cinta Larga ia caçar, pescar... Onça comeu até acabar Cinta Larga. Come-ram muito mesmo! Ficou só casal porque índio trepou lá em cima, né? Por isso que onça não comeu ele. Trepou em cima do maloca. Num sei porque onça não comeu, sabe? Onça foi embora, casal desceu.

Demorava muito tempo, né? Ficou triste aí fa-zendo flecha, né? Aí o índio tá fazendo maloca, apa-receu o veadinho pintado, veadinho pintadinho, né? – veado pintadinho – Itip<sup>(2)</sup> – Aí chegou. Índio sozinho, porque cabou o índio. Comeram tudo índio, onça comeu tudo.

Aí veadinho quer fazer maloca pequenininha, né? e Cinta Larga tava fazendo flecha. Aí escutava ba-rulho, né? Barulho de veadinho que tá fazendo malo-ca. Aí índio chegou, aí quer matar veadinho. Ele, veadinho, falou assim:

1. [Neku] – Neku - Onça.

2. [Iti<sup>p</sup>] – Itip – Veado.

– Eu tá fazendo maloca aqui – veadinho falou pro índio – eu tá fazendo maloca aqui.

– Por quê?

– Quer me ajudar fazer maloca aqui? (ele fez desse tamãezim maloca, né?) – Aí perguntava pro Cinta Larga – Você sabe que onça comeu muito de vocês?

Aí índio acredita, né?

– Sei sei... comeu tudo, né? Eu fiquei muito muito triste também.

Aí veado falou:

– Eu vou agora, eu vou pegar osso pessoal pra virar gente de novo. Eu vou na onça, vou trazer pra cá. Você vem amanhã ajudar comigo. tu quer me ajudar a fazer essa maloca aqui?

Cinta Larga voltou para casa dele e falou pra mulher:

– Eu encontrei Itip fazendo maloca. Falou que eu tem que ajudar. Será que eu vou? Itip falou que vai na onça. Será que vai trazer osso? Será que onça vai comer?

Mulher dele falou assim:

– Você não vai não! Onça vai comer você.

Mas índio foi. Itip já terminou. Maloca pronta. Veadinho falou pra Cinta Larga:

– Eu vou agora aumentar essa maloca. Aumentar uma vez maloca – falou pro índio – Agora você vai fazer flecha, arco, muito não... Um pra cada Cinta Larga. Você sabe que onça comeu muito vocês...

– Sei, sei sim – índio triste falou.

Aí chegou veado vermelho:

– Eu vou buscar osso! – Veadinho falou.

– Então vão ver se você vai buscar osso mesmo.

Eu jogo pedra atrás de você, você corre. Se pedra

pegar você, você não vai não – veado pintado falou:

– Jogou pedra atrás de veado vermelho. Veadinho vermelho correu, correu muito, pedra atrás dele. Foi pular pra outro lugar, pedra pegou ele. Veadinho pintado falou:

– Não, você não vai buscar osso não. Onça vai comer você!

– Agora eu! – veado pintadinho falou.

Veadinho vermelho jogou pedra pra veado pintadinho. Ele correu correu pulando pulando... pedra não pegou ele não. Pulava até altura assim um metro. Pulava... e pedra não matar ele não. Passa pertinho lugar dele.

Veadinho fazendo flecha flecha... ficou cada um com seu arco. Veadinho vermelho ficou na maloca, outro foi andando. Fazendo flecha, foi deixando na beirada do caminho no lugar de gente, né? Todo o tempo tinha arco com flechinha pra quando osso virar índio, matar onça.

Outro foi andando, foi pra onça. De dia, de noite onça não dorme não. Veadinho escutava que onça dormia. Chegou devagarzinho na casa da onça. Tinha osso pendurado muito! Ele pegava degavarzinho, colocando dentro do adu<sup>(3)</sup>. Quando encheu, ele saiu da casa da onça, levava pra fora pra osso virar gente. Procurava lugar de flechinha... falava assim:

– Esse daqui tem arco aqui. Quando gente virar, esse aqui tem arco e flecha aqui.

Ía colocando osso de Cinta Larga na beirada do caminho da onça. Duas vezes que veadinho entrou lá dentro e pegou osso.

Quando onça vem atrás de mim, vocês mata – falou pro índio que virou.

3. [Adu] – Adu - Cesto de palha de babaçu.

Quati-puru tá junto veadinho. Quati-puru jogou osso dentro do adu (aquele que carrega na costa). Osso bateu outro osso lá dentro e fez barulho. Onça acordou, sentiu cheiro. Era de dia mesmo... Onça dorme de dia. Veadinho pintado e quati-ouru foi embora. Pegaram só metade de osso. Veadinho correu. Gente que tinha virado, matava matava onça que vinha atrás do veadinho.

Veado vermelho quer pegar resto de osso. Veado pintado falou:

– Você não vai não! Pedra já te pegou. Onça vai comer você.

Onça pegou veado vermelho, comeu ele lá dentro. Pegou pescoço dele. Onça gosta cabeça de veado. Onça come veado vermelho até hoje. Eu vi que onça come veado vermelho. Onça nunca come veado pintadinho.

Onça comeu veado vermelho. Gente já virou. Veadinho mostrou caminho de maloca, arrumou rede tudinho de novo.

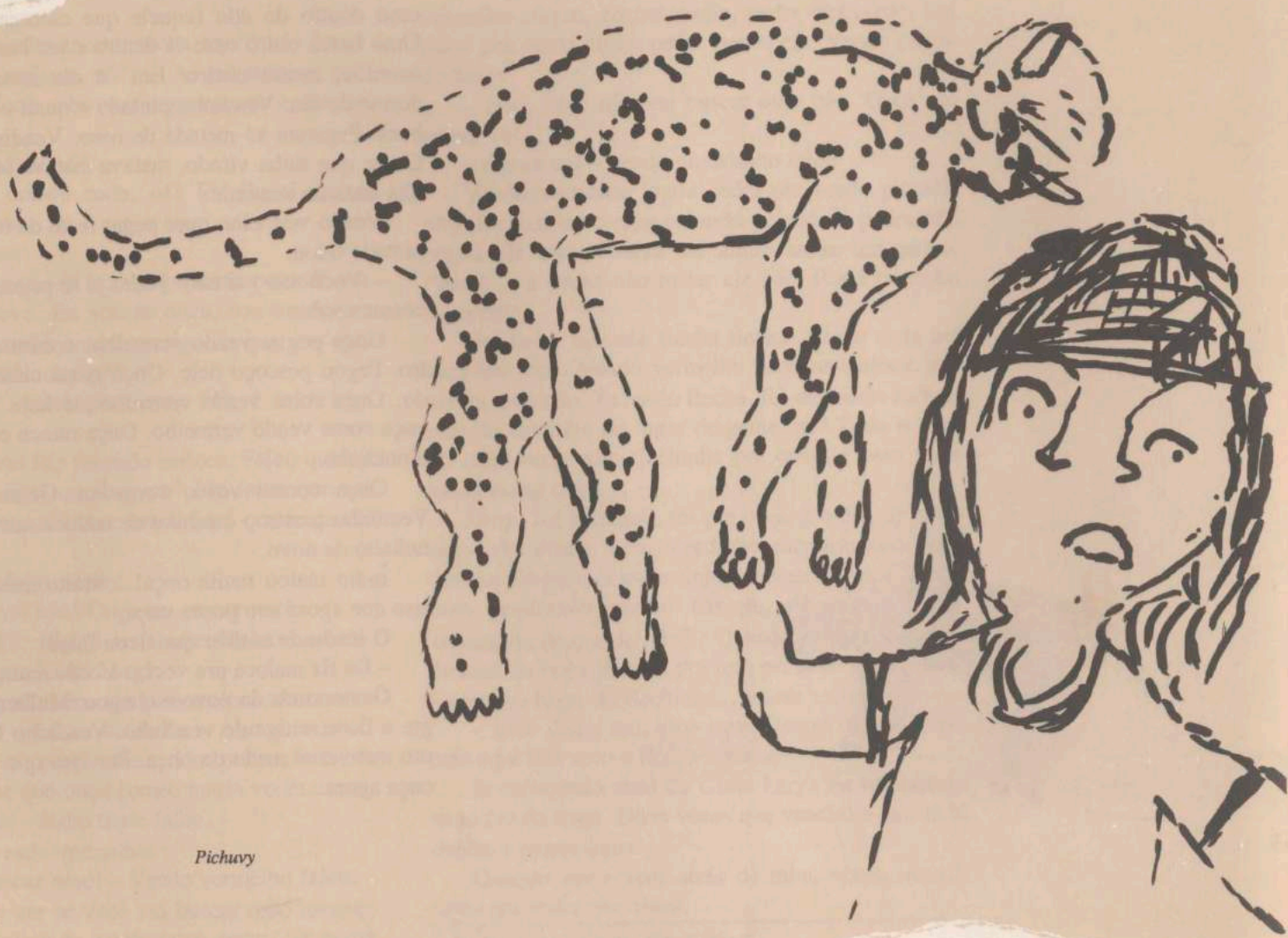
Índio matou muita onça!... Muito mesmo!... Por isso que agora tem pouca onça.

O irmão da mulher que ficou falou:

– Eu fiz maloca pra vocês. Vocês mora aí agora.

Gente virou de novo e chegou. Mulher ficou alegre e ficou amiga do veadinho. Veadinho foi embora pro mato com medo da onça. Por isso que tem pouca onça agora.





*Pichov*

# SUNKIP<sup>(1)</sup>

## Filho de Mutum

Índio fez festa na maloca. Aí mulher foi namorar com coruja. Aí coruja dançando... mulher espiando que ela tá dançando. Aí Paxit,<sup>2</sup> passarinho azul, chegou. Dançando também, tomando chicha. Tá tomando chicha, mulher vem beber chicha dele – metade.

– Eu gosto muito de você!

Paxit não acredita:

– É nada, você tem noivo aí, coruja, né?

– Ah, eu não quero coruja mais não! – mulher falou Paxit.

Paxit tá dançando, saiu de maloca. Quando saiu da maloca, mulher foi atrás dele:

– Quando você vai embora me avisa. Me avisa que eu vou com você – mulher falou.

Aí Paxit falou:

– Tá bom.

E daí que mulher foi falar com pai dela:

– Eu vou embora daqui atrás de Paxit.

– Tá bom – o pai deixou que ela vai.

Coruja não sabe nada. Acabou festa, coruja vai embora. Paxit foi primeiro. Então mulher falou:

– Depois eu vou. Na boca de teu caminho você faz sinal pra mim, aí eu sabe caminho teu casa.

Daí que Paxit vai por pena dele na boca do caminho, né?

Aí irmã falou:

– Esse é caminho certo. Pena de Paxit tá aqui, pena de coruja tá ali caminho de coruja.

Aí andando andando chegou casa de coruja. Coruja tá sentada em cima do maloca esperando mulher, né? Mulher chegou e daí que coruja desceu lá embaixo e falou pra mãe dele:

– Mamãe, mulher já vem atrás de mim.

– Agora você vai procurar comida pra ela. – Mãe de coruja falou assim, né? – Agora você vai procurar comida teu mulher.

– Eu vou caçar – coruja falou – eu vou matar rato pra ela comer.

Aí mulher foi dormiu, escutava de noite que coruja tá matando rato, né? Sabe que coruja tá matando rato, pertinho do maloca.

Aí mulher falou pra irmã:

– Caçador tá matando rato?

Aí mãe de coruja respondeu pra ela:

1. [Sunkip] – Şunkip – o filho do mutum.

2. [Paxit] – Paxit – Safra azul, o filho da onça.

– O que foi que vocês dois tá falando? – mãe do coruja falou.

Aí mulher falou:

– Nós tá falando onde que caçador foi.

Aí mãe de coruja mentiu pra ela:

– Não tá matando rato não. Meu filho foi longe... muito longe...

(Mentira, né? Coruja come rato, lagarto, tudo isso tipo esse bicho come.) E daí que coruja chegou, carregava panero grande cheio de rato, né? Falou assim:

– Tá aqui carne pra vocês! Agora assa carne, aí!

– Pode comer – coruja falava assim com mulher, né?

Mulher respondeu:

– Nós num come rato não...

– Por quê?

– Meu pai mandou num comer rato não. Mulher falou coruja, né?

Aí coruja mandou mãe:

– Vai buscar milho pra mulher comer!

E daí que milho cabou. Só pouquinho milho que coruja plantava, e daí cabou tudinho milho, né? Coruja falava outra vez mulher:

– O que vocês come mais? Vocês gosta mel?

– Gosta – mulher falou.

– Então eu tira mel pra vocês.

Mulher falou:

– Vão bora, eu vou levar meu rede.

Aí coruja:

– Por que levar rede?

– Eu ando com rede todo o tempo, onde que eu vou eu leva rede.

Aí coruja chegou perto de árvore e falou:

– Abelha mora aqui.

Mulher olhou pra cima e falou:

– Cadê? Eu num tô vendo ninguém! – irmã falou – É mentira dele.

Aí coruja falou:

– Eu vou subir, tirar mel pra vocês.

Subiu, furou pau, não tinha mel nada. Aí quebrou olho, ficou água saindo e ele falou:

– Já vai mel!

E daí que irmã falou mulher:

– Cê num come isso daí não! É água de olho dele.

Aí mulher disse:

– Eu vou procurar vasilha de mel, você espera aí.

– Onde você já vai levar panela na costa, hem? – coruja falou.

– Não, nós vão só procurar vasilha.

Mas num foi não, sabe? Mulher foi embora atrás de Paxit. Quando mulher não vem mais, coruja foi embora pra casa dele e falar com mãe:

– Mãe, eu perdeu meu mulher. Ela veio prá cá?

Mãe respondeu pra ele:

– Pra onde que ela foi?

Aí coruja respondeu mãe dele assim:

– Ela vem pra cá. Foi procurar vasilha de mel. Foi procurar vasilha de mel não volta mais...

Aí mãe de coruja falava assim com filho:

– Então vai procurar lá caminho de Paxit.

Coruja foi. Mulher falou pra Pomi<sup>(3)</sup> (Pomi fica comendo fruto lá em baixo árvore, sabe?):

– Cê num fala nada não. Se coruja pergunta de mim, cê num fala nada não. E foi embora. E daí que

---

3. [Pomi] - Pomi - Rolinha.

coruja encontrou Pomi. Perguntava pra ele:

– Você viu meu mulher passar aqui?

– Não, viu nada não! – Pomi respondeu pra ele.

Coruja foi pra casa de novo. Mulher não tava, voltou de novo. E depois que mulher viu socó comedor de peixe. Vai chegando perto. Mulher entrou dentro do pescoço de socó. (Por isso socó tem pescoço grande, né?). Depois aí que coruja encontro socó:

– Mulher veio aqui?

Socó disse:

– Não, veio não.

– Deixa eu ver esse teu garganta, que ela tá escondida aí – coruja falou.

Socó mentiu:

– Não, meu dente tá doendo...

Coruja foi andando andando andando...

Aí foi mulher encontrou mutum seu conhecido:

– Agora nós vem aqui. Filho da onça tá longe? (Paxit é filho da onça, né?).

– Não, tá não. Vocês quer dormir aqui?

– Nós dorme – mulher falou.

Kaboêp<sup>(4)</sup> é mulher, né? Escondeu debaixo asa de mutum com medo que coruja acha ela. Aí coruja chegou:

– Você viu mulher?

– Não, mutum falou – eu num vi mulher não. Tô aqui fazendo flecha.

– Deixa eu ver aí debaixo asa teu – coruja falou.

Aí mutum ficou bravo:

– Não rapaz! não mexe aí não! Meu asa tá doendo...

Mulher ficou escondida lá, né? debaixo asa de mutum. Por isso que mulher, qualquer mulher, né? escondé quando vê namorado, quando vê marido

também.

– Vocês vai dormir agora. Pode dormir que ele já foi embora.

Mutum transou mulher, ela pegou filho dele.

E daí que mulher foi gestante pra casa de Paxit. Outra irmã, mutum não mexe não. Mulher, Kaboêp, gostava muito mutum. Mas acha que nariz de mutum feio, nariz de mutum, né? Muito grande, vermelho muito... Por isso, que mulher, qualquer uma, fala pra homem: “Você tem nariz grande”. Kaboêp chegou na casa de Paxit, Paxit tá fazendo desenho com cabelo de porco na flecha. E daí que coruja viu mulher lá.

Aí coruja falou:

– Eu vou levar mulher.

– Pode levar! – Paxit falou.

– Vão bora, mulher – coruja chamou mulher, né?

– Eu não quero você não! – mulher respondeu pra ele – eu vou casar Paxit agora. Eu não sabia caminho de Paxit, por isso que eu fui teu casa. Não quero você mais não! – mulher respondeu assim pra coruja, né?

E daí coruja puxou braço de mulher:

– Vão bora!

Paxit fazendo flecha, mulher segurando braço de Paxit. Paxit falou:

– Não puxa meu braço não, – ficou bravo – vai rebentar corda do desenho<sup>(5)</sup>. Coruja puxou, rebentou, ele ficou bravo:

– Eu avisei pra você “não puxa não”, agora vou matar você agora!

4. Kaboêp - Nome próprio feminino.

5. Corda de desenho - Pêlo de Porco do Mato - Queixada – com o qual se fazem desenhos nas flechas.

Paxit pegou pedaço de facão velho e partiu cabeça bem no meizim. Por isso corta gente, mata de facão. Coruja morreu. Paxit arrastou coruja pra fora. Morreu... depois ele voltou. Mosca botou filho tudinho no miolo de coruja. Coruja foi embora pra casa tratar. De tardezim coruja levantou, correu pra casa, nunca voltou mais. E daí que mulher ficou com Paxit. Paxit avisava:

– Vocês, eu vai cuidar bem vocês. Num vai achar graça meu mãe não, aí ela come vocês. – Paxit avisa assim mulher, né?

Mãe de Paxit, onça, tá caçando, quando chegou falou:

– Quem tá aí?

– Meu mulher! – Paxit falava com ela, né? – É meu mulher!

– Então vou mandar tirar espinho meu pé – onça falou – Tira espinho aqui meu pé.

Mulher procurava:

– Não tem espinho aqui teu pé não, zubey<sup>(6)</sup>, (zubey é pra nós vovó, né?).

Onça falava ainda:

– Dói aqui meu pé!...

Mulher procurava de novo, num achava nada, né?

– Não tem, vovó... E ficou rindo.

Aí que foi. Onça pegou cabeça de mulher, matou mulher. Kaboêp gestante, né? Quando onça matou, onça matou, ovo saiu. Irmã, outra, pegou ovo, passou veneno (pra bicho não comer ovo, né?) esquentou pouquinho fogo dentro de algodão até nascer Sunkip.

– Esse é meu filho! – Paxit falou.

Aí mãe dele falou pra ele, onça, né?

– Quando ovo choca, eu vou criar teu filho.

Onça criava Sunkip. Mutum chorava beirando roça, né? Por isso mutum chora beirada de roça sempre assim. Daí mutum tá lá chorando, onça falou pra Sunkip:

– Sunkip, vai matar mutum tá chorando lá em cima no mato.

Ele foi andando por baixo de mutum pra flechar mutum. Mutum vê Sunkip, né?

– Que cê tá fazendo? Mutum perguntava.

– Eu vim aqui matar você. Eu vou matar você!

Aí mutum falava com ele:

– Tu sabe porque eu tá chorando? Causa seu mãe onça comeu.

Sunkip ficou susto, né?

– Onça não é meu mãe não?

– Não! mutum falou. Eu sou teu pai.

Sunkip acredita, né?

– Então essa onça comeu meu mãe? ele perguntava de novo pra mutum.

– É, eu sou teu pai. Eu saudade muito teu mãe, por isso eu chora. Como é que você vai fazer com onça agora? – mutum conversava assim, né?

– Eu mato, eu vou matar! – Sunkip falava assim, né?

– Então eu vou procurar cobra. Eu vou procurar cobra pra você matar onça.

Sunkip esperava, né? Esperava cobra que mutum vai trazer. Mutum escondeu cobra no meio de gongo<sup>(7)</sup>. Mutum trouxe, junto de gongo, cobra – qualquer cobra.

6. [Dzubey] – Zubey – Avó ou tia paterna.

7. Gongo - Larva de besouro que se desenvolve dentro do coco de baça, usada na alimentação.

– Tá aqui cobra. Leva esse cobra que ela vai morder onça.

Sunkip mete cobra dentro do adu.

– Mãe, cozinha gongo pra mim! Tá dentro do adu.

Onça meteu mão lá no fundo, cobra mordeu.

– Essa cobra não é para criar não – onça falou – e matou cobra.

Quando onça não sentiu dor, Sunkip vai pro mutum. Mutum chorando ainda.

– Papai, onça não sentiu dor não!

Mutum respondeu pra ele:

– Não? Então, tu conhece onde tem cacho de coco de babaçu? Tu tira cacho de coco. Tu tira cacho de coco e joga em cima de onça. – Mutum ensinava pra ele mas num vai dar certo não, sabe?

– Mamãe, embora tirar coco pra mim.

Onça não quer:

– Não, vou não!

– Vão bora, só um pouquinho eu come...

Aí onça vai, né?

– Vão bora!

Menino subiu lá cima árvore:

– Tu fica aí no meio e pega cacho de coco – Sunkip falava com onça, né?

Pegou cacho de coco e jogou em cima dela, a onça. Onça pegou cacho de coco ainda! Sunkip comeu dois coquim e foi embora lá mutum. Mutum chorando...

– Papai, onça pegou coco ainda!

– Sunkip, por que toda hora mutum tá chorando você vai lá? Você triste... Mutum conversou de você? – onça desconfiava, né?

– Não.

Sunkip triste na rede pensando mãe dele: “Th, rapaz, onça não é meu mãe não.” Qualquer hora, toda hora que pensava vai lá mutum, né? Foi lá: “eu quero falar mutum de novo...”

Mutum conversava com Sunkip, dois quer matar onça, né?

– Tu fica perto dele no fogo. Tu fica perto, queima pouquinho ele, daí gente sabendo que ele sente dor.

Aí Sunkip foi bora casa dele. Meteu pouquinho fogo, onça sentiu dor.

– Pai, onça sentiu dor de fogo!

– Então faz fogueira bem forte, fogueira muito forte, sabe? Tu joga gongo lá dentro no meio de fogo e manda tirar lá.

Aí fez assim. Sunkip fez fogueira grande, né? Acendeu muito fogo!

– Mãe, vão tirar lenha fazer fogueira?

– Vão bora! – onça falou com ele – vão bora!

Daí tirando lenha, Sunkip conversando onça, né?

– Eu vou tomar banho cedinho amanhã. Cedinho ficar esquentando perto de fogo depois.

– Eu num vou tomar banho – onça respondeu – eu num vou não!

– Tá bom, precisa não! Só eu banho.

Aí foi, Sunkip jogou gongo lá dentro meio fogo, chama onça:

– Mamãe, tira gongo pra mim, gongo tá queimando!

– Ah! tu jogou lá dentro fogueira, não tem jeito agora tirar não.

– Tira!

Na hora que onça foi tirar gongo, Sunkip jogou onça no meio. Jogou lenha em cima e onça morreu.

Por isso que acende fogo pra onça não vem. Sente cheiro de fogo, tem medo.

– Papai, eu matei já!

– Tá bom, agora nós vai embora.

– Pera aí, papai, que vou lá ainda vê se matou mesmo onça.

Soprou onça queimada, soprou igual pra acendei fogo, sabe? Aí quando soprou, saiu tudo voando: pium, borrachudo, carapanã, tudo ele virou aí no mato. Por isso que tem tanto assim aí no mato. Sunkip foi embora. Encontrou jabuti:

– Eu matei onça – mãe de onça. Quando outra onça vem atrás de mim, você mata pra mim.

– Tá bom, pode vai embora, pode deixar!

Aí onça foi atrás de Sunkip, encontrou jabuti:

– Viu Sunkip?

– Vi – jabuti respondeu.

– Eu vou matar Sunkip – onça falou.

– Algum vocês vontade fazer xixi? – jabuti perguntou.

– Não, um onça falou.

Outra respondeu:

– Eu vontade, eu tô com vontade! Eu bebi água.

Onça quer mijar na boca de jabuti, jabuti cortou piroca de onça. Onça morreu. Outra onça quer quebrar jabuti.

– Quebra comigo não! Joga eu na água, lagoa, aí que eu morre afogado!

Onça pegou jabuti, jogou lá dentro lagoa.

– Ah, eu vou morrer, eu vou morrer afogado... eu vou morrer afogado!

Tinha gato do mato escondido na beira da lagoa, amigo de onça, tá lá pra ver se jabuti morreu mesmo. Jabuti tá falando sozinho:

– Ah, eu cortei piroca de onça, eu matei onça bonita!

Aí gato viu. Gato tá lá espiando jabuti, correu pra contar pra onça:

– Jabuti não morreu afogado não!

Aí onça ficou bravo muito mesmo:

– Vão bora quebrar logo!

Procurou lagoa, não achou nada, jabuti virou pedra. Aí onça foi embora atrás de Sunkip. Por isso, sabe, que tracajazinho mora no lagoa.

Onça foi andando, não é um só não, muito onça – encontrou Maikit<sup>(8)</sup>, esquilo, né?

– Sunkip passou aqui?

– Passou, passou sim.

Pra tudinho Sunkip pedia pra matar onça, né?

– Eu vou comer coco. – Maikit falou – Você quer ir comer coco?

Onça falou:

– Eu vou experimentar.

Maikit foi quebrar coco bem pertinho de saco de onça e daí quebrou piroca. Maikit subiu subiu e onça não dá pra pegar mais não. Aí onça seguiu no caminho de Sunkip e encontrou tucor, igual nambu. Passarinho voando bastante. Outro ficou. Onça veio pegou passarinho:

– Opa, peguei passarinho, agora vou comer...

– Aquela bonita pintada vai comer, você não! – Tucor falou.

Aí onça feia falou pra onça bonita:

– Tá bom, você come então!

E tucor foi falou assim:

---

8. [<sup>M</sup>Bai<sup>1</sup>kit] – maikit - Caxinguelê.

– Não come eu agora não! Tira pena primeiro.  
Deixa asa pra mim.

Onça bonita falou tá!

Tucor cantava pra onça escutar, outro passarinho tudinho respondeu:

– É muito, né? Onça perguntou pra ele.

Aí tucor falou:

– Bota em cima de árvore, aí eu cai no teu boca. Abre boca eu cai. Onça abre muito boca, né? Onça abre muito boca e passarinho faz cocô na boca de onça. Onça morreu, passarinho voando, não dá pra pegar mais não. Tem também macaco preguiça, sabe?

Tem macaco preguiça treinando pra pular de árvore. Onça encontrou macaco preguiça:

– Você viu Sunkip?

– Viu, vi sim. Você quer treinar?

– Onça quer, né?

– Cadê... pode pular. Pode pular depois nós treina.

Alia, macaco, pulou... machucou nada.

Aí onça vê macaco bonzinho, quer pular também.

– Eu vou subir. Eu vou matar Sunkip... Tem que treinar treinar...

Subiu muito onça. Primeira machucou nada não. Depois que outra pulou, morreu tudo machucado. Aí Alia desceu, macaco desceu. Tem bocado de onça lá embaixo. Muita onça já sabe que macaco foi matou. Tem outro embaixo, tem outro tremendo:

– Ah, ele tá matando nós...

Aí Alia subiu e onça pegou rabo dele puxou muito... dois, três onça puxava... Segurou aquela unha dele grande, onça puxando arrancou rabo de macaco. Por isso que macaco preguiça não tem rabo, não é?

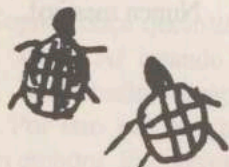
Pegou outro rabo de macaco, tamanduá bandeira, e rabo ficou sem cabelo. Por isso que rabo de tamanduá só pra cima tem cabelo.

Aí macaco tudo foi embora. Onça tá acabando... voltou tudinho!

Nunca encontrou Sunkip... Nunca mesmo!...

# ALÃ<sup>(1)</sup>

## Besouro



Jorge

Aí quando onça comeu índio, né? Mulher... Onça comeu mulher, né?

Onça comeu índia, ela foi junto o irmão proματο. Aí, quando o índio foi atrás de porcão, mulher ficou no caminho pra trás. Aí onça vem comer ela. Aí quando onça pegou a índia, onça comeu.

Aí besouro *ālã* - veio, causa que onça comeu tudinho índia, ele esperar sangue, né?

Aí *ālã* levou sangue do índio no maloca dele. Aí *ālã* levou o sangue pra de novo ele virar a índia ainda.

Quando índia quer ver parente dela, *ālã* vai mostrar caminho da aldeia. Aí índia não consegue chegar maloca. Sangue dela parece gelo, sabe? Gelo assim, sangue vai de novo saindo igual a gente assim não, sabe? aí que sangue não é duro, né? Quando ela vê gente, sangue vai parece água. Por isso não consegue chegar maloca.

Dáí muito tempo, outro índio perder de novo. Índio perdido... Ele foi caçar, **quer** matar dois macaco.

Ele foi, ele viu o caminho de *ālã*, né? Quando ele viu caminho, cabeceira do caminho, ele foi pensando que é caminho de maloca dele. Aí ele chegou outro maloca. *Ālã* tá pilando comida no pilão. Ele chegou... Aí irmã dele tava sentada lá dentro de maloca de *ālã*. Ele chegou, entrou, aí mulher viu irmão dela, né? Ela falou:

- Ah, esse daí meu irmão!

Dai ficou assim... *ālã* pensando que é marido, né?

Índio falou:

- Não, esse daí irmã meu que o bicho comeu.

Ai *ālã* quer comer ele - o homem - comer o irmão dela. Quer comer o irmão. Aí irmã dele falou:

- Ele vai comer você! Ele vai comer você!

Ele quer vai embora... não tem caminho, sabe?

Então *ālã* falou com o índio:

---

1. [A *ān Kip*] - *Ālã* - Besouro

– Você vai dormir junto comigo!  
Depois que o índio vai dormir junto com ele, ele vai comer índio.

A mulher contava pra ele:

– Ele vai comer você!

Aí depois deitar pouquinho, ele levantou. Ele colocou pilão, na rede, no lugar dele, né? Ele deitava pilão no colo de ãlã. ãlã pensando que é índio. Índio trocar pilão, aí quando ãlã vê, ãlã fica bravo mulher, né? Ele virou, porrando assim mulher, porrando cabeça de mulher.

Dáí quando ele porrava cabeça de mulher, dáí mulher virou cutia. Mulher virou cutia. Aí índio falou:

– Vão bora, vão bora!

– Tá bom – mulher falou.

Aí mulher tá gestante de ãlã ainda, né? Então índio falou:

– Vão bora, eu vou matar esse ãlã agora!

ãlã tinha buraco lá no fundo do chão dentro maloca. Aí índio tocar fogo no maloca dele: tum... aí ãlã voando, né? voando voando voando até entrar no buraco. Aí índio pensando que já morreu.

Aí índio levou a índia... Não foi pro maloca não. ficou assim beirando a roça, né? Beirando roça, tinha oco de pau – buraco. Aí mulher falou:

– Eu vou ficar, que não sou gente mais... Vou ficar aqui...

Aí mulher entrou no buraco, buraco de pau, ficou lá dentro. O irmão dela foi embora pra maloca e dáí que cutia comeu tudinho batata lá na roça. Cutia comeu tudinho da roça, né? aí índio falou:

– Ah, vou lá olhar meu irmão no buraco de árvore!

Aí índia cutia tá lá na roça. Já nasceu duas cutiazinhas, né? Aí quando não vê mãe, ele falou assim:

– Cadê teu mãe?

– Foi lá buscar batata, escondido.

Aí índio falou assim:

– Ah, vocês que tá comendo batata meu, aí né? Agora vou matar vocês!

O tio dele matou o sobrinho, a cutia. Aí matou um cutia, outro ficou vivo... (eu não sei como é que ele não morreu, sabe?). Aí quando mãe dele chegou, ele contou:

– Foi meu tio matou.

A cutia foi mato lá gritando... Aí quando não vê mais cutia, índio foi embora bravo, porque ela comeu muita batata... macaxeira também... comeu tudinho!

Aí índio foi embora, né? Aí todo dia ele foi de novo pra casa do ãlã ver de novo: “Eu vou lá ver de novo”.

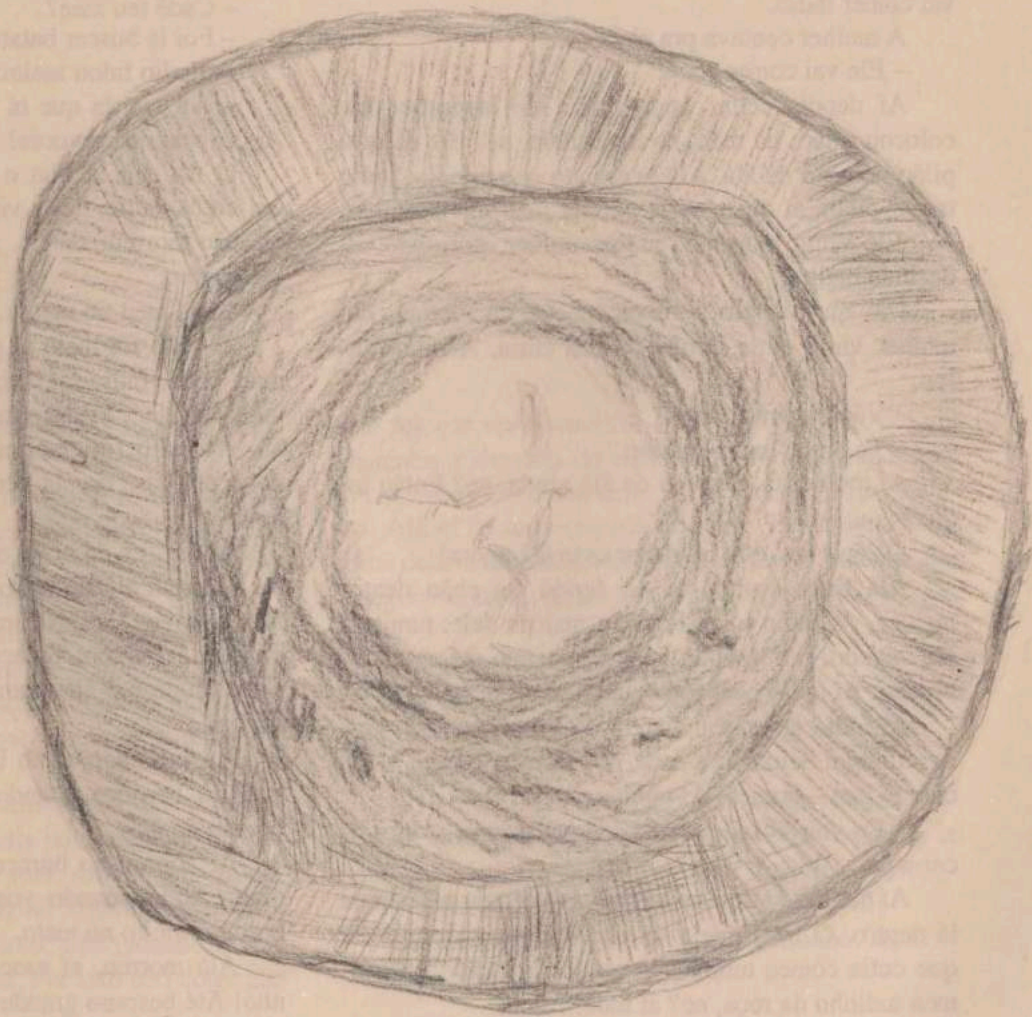
Aí ãlã fez de novo outro maloca lá mesmo lugar. Aí mataram ãlã de novo. Mataram agora quando ele foi de novo. Ele procurar onde que tem buraco, né? Tapou lá buraco, buraco do ãlã. Tampar tudo, né? Tapou tudo e o ãlã voando voando voando... “não tá aqui não”...

Aí índio soprar no buraco de ãlã e dáí ele virou tudinho besouro voando tudinho quando soprou no buraco do ãlã.

Aí soprou no buraco, deu besouro tudinho miudinho, tudo voando voando voando... Por isso tem besouro muito no mato.

ãlã morreu, aí nasceu outro besourozinho tudinho! Até besouro grande também.

Quando quer caçar cutia, índio faz tocaia na beirada de roça.



*Pichuvy*

# KASAT KWĒ TINHIN<sup>(1)</sup>

## *Histórias de arara*

Maloca grande... gente muita...

Gente muita não cabia dentro de casa. Ngurá mandou fazer casa grande pra caber todo mundo.

Aí que tem árvore de castanheira. Castanheira era baixinha, igual pé de fruta... laranja... Aí guri flechando castanha verde... Ngurá pensando: "eu vou crescer castanheira". Por isso castanha muito alta, não dá pra flechar.

E daí que guri brincava de flechar borboleta com flechinha pequena: mataram mataram perto de casa, né? Aí que Ngurá não gosta, não gosta de ver jogar pedra, né? que menino flechando borboleta, né?

– Esse daí não é pra flechar não!

Guri respondeu:

– Eu mata!

E daí que Ngurá não gosta de flechinha na borboleta e acha ruim com índio pai de menino que não mandava ninguém parar.

– Por que você não manda teu menino parar? Parar de matar borboleta. Isso aí num é pra matar não! Borboleta fica bonita aí fora, fica bonito no terreiro...

Ele pensando: "como é que eu vou fazer agora?"

Ele disse assim:

– Melhor que vocês vai preso na maloca.

Tinha maloca grande... E daí que ele prendeu, viu maloca de pedra, sabe? Gente não conseguiu sair, ele já virou pedra a maloca. Aquele redonda, o pedra grande, sabe? Aí Cinta Larga ficou lá dentro e aí arara chegou, né? Muito arara... passarinho... qualquer tipo passarinho quer furar pedra. Todo bicho ficou triste.

Aí periquito chegou conversando:

– Eu vou comendo pedra até furar!

Pedra muito duro, não conseguiu furar. Aí vem picapau, sabe? também não conseguiu:

– Meu bico num entra pedra não! – falou.

Aí passarinho, bico de passariho quebra, né? E daí que outro arara chegou:

– Mas eu fura!

E daí que arara foi, aí meteu no bico dele, comendo pedra, comendo pedra, comendo pedra, até fu-

1. [Ka Ø at Kwé Tīnhin] Kasat - Arara  
Kwé - Fala  
Tinhin - Escrever

rar. Por isso que arara tem bico amolado, sabe?

Aí índio saiu. Aí índio saiu no buracinho que arara furou.

E daí que tem mulher lá dentro, gestante, do maloca do pedra, dentro do pedra redonda assim:

– Eu não consegue sair não!...

Aí mulher quer sair, ela ficou enganchada, né? Ficou prensada; enganchou no barriga dela. Aí não deu Cinta Larga muito sair. Metade saiu já. E daí fechou de novo. Fechou, pedra virou de novo. Aí ficou triste lá dentro maloca. Marido leva comida no buracinho. Aí mulher saiu... Mulher já ganhou neném, aí saiu depois. Aí ficou.

Arara ficou tomar conta tudinho fora de maloca. Aí quando primeiro saiu, arara falou assim:

– Então agora vocês pra pagar faz festa.

Aí começar festa de chicha bebendo, né? fazendo comida tudo, né? Ngurá foi embora, né? Foi embora... Ficou só gente, o índio mesmo... Aí virou festa dançando dançando, fazendo bebida de chicha (makalôba nós chama, né?). Aí que foi.

Aí que foi depois chegar jabuti, né? Jabuti... arara tomou mulher do jabuti, né? Arara tomou mulher do jabuti. Foi assim:

Depois que avisaram de festa. Jabuti foi pro mato caçar com mulher dele. Acharam pé de pama, mas jabuti não quer subir tirar furto, né? Jabuti tem braço curtinho, tem aquela casca por baixo, né? Aí mulher falou:

– Então você vai agora subir pro mato. Tirar fruto pra mim comer.

– Não, cumé que eu vou subir? Como eu segura pau? – falou assim – como vou subir com casca meu pra trás o peito?

Aí jabuti quer subir mas não dá. Aí mulher falou assim:

– Então eu vou agora subir! – mulher falou.

Subindo, comendo fruta-pama<sup>(3)</sup>, né? Aí arara chegou no pé de árvore voando voando... Aí arara chegou:

– Que cê tá fazendo? – arara falou.

Mulher falou:

– Tô comendo pama! Meu marido tá lá embaixo...

Aí jabuti falou:

– Não vai tomar meu mulher não! – ele falou do chão – que jabuti tá lá embaixo.

Jabuti é burro mesmo! Ficou no pé esperando mulher descer. Quando mulher não desceu, jabuti já sabe:

– Ah, foi arara aquele, levou meu mulher.

Aí arara casou com mulher, levou mulher Cinta Larga voando.

– Agora você fica comigo. Teu marido não faz nada pra você mesmo... Você até sobe árvore... você como nós agora.

Mulher virou arara...

Aí foi pra festa, jabuti tá esperando mulher. Depois mulher apareceu junto de arara na festa. Aí jabuti quer matar arara, né? Aí quer tomar mulher dele de novo. Aí jabuti quer tomar mulher de arara, sabe? Mulher não quer mais ele. Jabuti quer tomar mulher de arara de novo. E aí tem cobra. Cobra jararaca falou assim pro jabuti:

– Cê num sabe que vai matar arara. Arara que vai

2. [Pama] – Pama – Fruta silvestre; abiu.

matar você – falou pro jabuti – Cobra é amigo de jabuti.

Jabuti foi riscar o pau com a unha, num riscava nada. Aí cobra falou:

– Você num risca nem pau... você num vai matar não! Eu mato pra você.

Aí jabuti começou aquela casca pintando. (Tem desenho casca de jabuti, não tem?). Aquele é tinta de jenipapo que ele fez. É feio!... Cobra desenhou feio na costa de jabuti. Jabuti desenhou na cobra também. Foi pintar cobra de jararaca, né? Ele pintou:

– Agora nós vai matar arara!

Aí jabuti foi sozinho. Não conseguiu matar. E daí que jabuti não matou. Aí cobra falou:

– Agora eu vou matar arara pra buscar mulher teu.

Aí cobra matou arara, terminar festa, sabe? Aí cobra tá lá fora esperando arara. Aí quando arara saiu lá fora provocando<sup>(3)</sup> chicha, cobra mordeu arara. Aí cobra virou flecha – a flecha de taboca, taquarazinha. Aí ninguém sabia que ele é cobra, sabe? Aí que esse flecha vai começando, sabe? Esse flecha, porque cobra mordeu arara, né? Aí, de noite, bem escuro, arara falou assim:

– Bicho mordeu meu perna, traz lamparina!

Ele foi só olhar assim, arara foi olhando assim procurando. Aí vai só flechinha. Flechinha virou já. Aí cobra foi embora, né? Então gente pensando que jabuti flechou ele. Aí falou assim: “Foi jabuti matou arara!”

Aí cobra, já sabe, foi embora, né? Aí arara começou brigar Cinta Larga, sabe? Aí arara quer matar jabuti ainda, sabe? por causa de arara que morreu; outra arara, que é irmão desse arara, quer matar jabuti.

Aí jabuti fica alegre porque arara morreu, né? Aí jabuti tava dançando, né? dançando dançando, sabe? Aí jabuti saiu cabeça, né? Cabeça pra fora do casca e daí que o jabuti conversando conversando, dançando com menina, né? Aí outra arara falou: “Ah, vou matar esse jabuti porque jabuti matou irmão nosso.”

Aí quando menino flechou, cabeça de jabuti... não flechar ainda não. Flechar só casca dele, aí flecha quebrou. Aí jabuti entrou cabeça lá dentro do casca. Aí falou assim: “Eu não matou ninguém, alguém gente matou. Alguém gente matou arara! Foi cobra quem matou!”

Jabuti com medo que vai morrer... Arara foi matar cobra. Aí jabuti ficou alegre lá conversando. Arara foi lá, não conseguiu matar cobra. Cobra entrou no buraco.

Aí índio quer queimar jabuti, ele falou: “Não foi eu não, foi cobra!” Aí cobra já sabia, ela entrou no buraco. Arara ficou morando com mulher de novo. Outro arara. Jabuti não cuidava mulher dele... Fica só dentro do casca por causa casca, né? Aí mulher levou jabuti e deixou ele sozinho no mato.

Quando era festa do maloca, que pessoal saiu dentro de pedra, arara era gente ainda, igual gente. Igualzinho! Tinha pena ainda, depois virou bicho. Era bicho mesmo!

Qualquer um tipo de passarinho era gente, né? Disse que antigamente gente falou assim: “Passarinho, qualquer um, conversa com gente. Gente chama, passarinho fala com gente”.

Papagaio fala também, igual língua nossa também. Mesma coisa que arara fez.

Já tinha Cinta Larga homem e Cinta Larga mu-

---

3. Provocando - Vomitando.

lher. Tinha arara... Jabuti era gente. Ele tinha casca e era gente também. Não tinha redondo assim pra cima? Aquele que fez, tinta fez. Depois ele fez tinta de jenipapo, tinta preta, sabe? Aí ficou pregado lá dentro, aí não sai mais. Aí jabuti virou o bicho porque foi brigar arara, né? Aí ficou virou. Virou bicho. Só isso que é história. Eu sei só isso, sabe? Meu vô me contava assim.

Jabuti não cuidava mulher dele... Pra que casar com mulher bonita? Se eu feio assim, não casava mulher bonita não. Homem bonito que casa com mulher bonita.



Pichuvy

# WAÇÁ<sup>(1)</sup>

## Anta

Eu vou contar outra história, viu?

O índio foi comeu fruto, né? Comeu fruto, fruto de Parari. Tá comendo fruto de parari<sup>(2)</sup>, anta chegou.

Aí anta perguntou pra ele:

– Vocês gosta de carne? – a anta falou pro índio, né?

Aí o índio falou:

– Gosta.

Aí outro falou:

– Eu não, eu não gosta de carne não.

Outro falou:

– Eu gosta de carne.

Aí a anta falou de novo:

– Sua mãe gosta de carne também?

– Gosta.

– Sua mãe gosta de fígado?

– Gosta.

– Então, então tira meu fígado – a anta falou pro índio, né? – Então tira meu fígado!

– Aí índio falou:

– Como qu'eu tira? Como qu'eu tira?

Anta falou:

– Mete esse meu cu teu braço.

Anta fechou braço do índio, pertou, correu, levou índio. Levou índio, né?

Aí índio ficou junto de anta no mato, né? Ele ficou junto de anta. Aí índio cresceu no mato, né?

Quando índio tá com fome, anta vai balançar o pé de fruto, de madeira, de árvore.

Aí ele ficou muitos anos... Anta ficou muitos anos no mato.

Aí, quando mês de agosto, anta mandar vai embora.

Primeiro pessoal foi procurava... procurava... não achava menino, né? Já muito tempo roubaram, né? Pessoal pensava que já morreu, muitos anos foi atrás, né?

Aí índio tá vivo no mato. Ele ficou muito tempo no mato. Aí anta tava criava ele. Ele é garoto, dez anos assim, mais ou menos, sabe?

Outro índio foi embora pra maloca, falou assim:

– Anta levou companheiro nosso!

Então pessoal foi... procurava... procurava... não achava nada. Só rastro de anta.

1. [Wa Ø a] – Waçá - Anta.

2. Parari - Fruto de palmeira.

Aí, mês de agosto, quando é mês de agosto, ela falou pro índio:

– Olha, você vai embora. Daquí você vai embora teu maloca.

Aí índio falou:

– Como eu vou embora? Por que eu vou embora? Por quê?

– Não, porque eu tô com medo você vai morrer junto comigo.

– Por que eu vou morrer? – o índio falou – Por que eu vou morrer?

– Não, todo tempo você comigo andava, né? aí, quando no mês de agosto, tem muito mutuca, né? (mutuca, aquele bicho do mato morde gente, né? Aí, quando me vê, pessoal mata você. Mata eu, mata você.)

Índio falou:

– Tá, eu vou embora.

Aí ela pintava, anta pintava. Ele vai conhecer anta. Pinta perna branca, marca branca; uma marca branca de orelha também.

Aí anta falou:

– Olha, quando pessoal matar anta, você vai atrás pessoal conhecer quem morreu.

Aí índio falou:

– Tá bom, eu vou, eu vou sim.

Então pessoal falou:

– Ah! eu matei anta lá. Amanhã a gente vai buscar, né? – Pessoal fala assim.

Aí índio foi atrás do pessoal. Ele vê anta, o índio chorou... Aí quando ele chorou de vê anta, o outro índio falou:

– Por que você tá chorando aí?

Chorou chorou... aí ele falou:

– Olha, esse anta me criou. Esse anta me criava. Por isso eu tô chorando. Eu conhece anta no marca branco no perna.

– Ah! esse que é anta que levou você? – outro índio falou.

– Foi esse daí mesmo, esse daí anta me criava, por isso eu chora.

Aí ele foi embora pro maloca chorando. Daí índio comeu o anta já.

Então da história de anta é assim. Foi levaram índio criado no mato. Só isso, viu? eu vou pensar outra história.



Tataré

Eu vou contar de história do marimbondo:  
Primeiro foi, o índio foi fazer guerra. Aí quando fazer guerra lá, outro índio flechou com ele. Daí quando o índio flechou ele, aí ele vem, voltou no meio do caminho. Ele sofreu muito... muito dia ele vem passando no mato doente, né? Aí ele virou – quando doente – ele virou pajé, né? Virou pajé porque ficou muito tempo doente do outro índio flechou. E daí que ele virou pajé. Depois que ele foi caçar mesmo doente. Tava doente mesmo ele foi caçar. Ele saiu maloca:

– Eu vou caçar... eu vou caçar...

Aí outro índio falava pra ele:

– Como é que você vai flechar? Você não tem força pra esticar o arco...

Ele falou:

– Tem, tem sim! Eu tem força, eu vou caçar!

Ele foi caçar, ele foi... aí depois que o abelha apareceu. Começar aparecer. Quando ele tava fome no mato e o abelha apareceu pra ele:

– Cê tá com fome? – abelha conversando com ele.

# NGABEY

## *Marimbondo*

Aí ele respondeu:

– Tô

– Então vem pra cá – abelha falou – então vem pra minha casa tomar chicha.

Ele foi no casa do abelha, ele entrou no casa do abelha, ela deu a chicha pra ele e ficou bom. Aí nunca ficou fraco mais... aí ele falou assim:

– É... eu vou embora já. Eu vou andando por aqui... eu vou caçar.

– Tá.

Aí ele foi andava... ele escutava barulho de bicho. Ele escutava barulho de bicho, aí ele escutou, né? Escutou macaco falava. Ele escutou macaco falava – barulho de macaco, né? – escutava.

– Cadê macaco né? eu vou matar macaco – pajé falou – eu vou matar macaco!

Ele tava olhando macaco, né? e aí o marimbondo chegou e vem atrás do índio, né? E marimbondo chegou:

1. <sup>N</sup> Gabey] – Ngabey - Marimbondo.

– Que você tá fazendo?

Aí índio respondeu:

– Eu tá... eu quero matar macaco, eu não consegue matar macaco não...

Aí marimbondo respondeu pra ele:

– Então eu vou matar macaco pra você comer. Eu vou matar!

Aí falou:

– Tá bom, eu vou matar quatro. Aí marimbondo foi matou quatro macaco pra ele comer. Aí marimbondo falou:

– Tá aqui, já matei quatro. Agora pode vai embora!

E aí carregava macaco, índio foi embora, levou macaco. Aí chegou maloca – ele chegou maloca, né? – carregando, levando macaco maloca mulher dele assar macaco.

Aí mulher falou:

– Como é que você matou?

– Eu matei aí...

Aí perguntou de novo:

– Cê num sabe que você não tem força pra esticar, pra fazer força arco? Cê num tem...

– Foi marimbondo matou pra mim, é marimbondo matou.

Aí cozin hava, né? Aí marimbondo falou pra ele:

– Qualquer coisa você vem atrás de mim, vou matar bicho pra você. Tô aqui... eu moro aqui também. Cê quiser vem, precisar você vem.

Aí índio falou:

– Tá bom, tá.

Aí marimbondo foi embora. Aí índio falou que não é marimbondo não, é gente. Porque cinturão dele preto, né? Cinturão dele preto e o marimbondo tam-

bém, né?

Por isso que o marimbondo tem rabo preto, né?

Mas tem marimbondo cabeça vermelha, tem marimbondo rabo preto... Aquele, né? É aquele que inventou matar do macaco, né? Só isso.

# WĀZOI<sup>(1)</sup>

## Tatu



Eu vou contar de história que foi antigamente também.

Índio foi caçar e achou buraco de tatu. Ele viu tatu morrer lá no fundo buraco. Ele foi embora.

Depois que ele chegou no maloca, ele contava pro irmão. Ele falou assim:

Eu achei buraco tatu que ele morreu lá fundo. eu queria você tirar pra mim amanhã.

Então quando madrugada, ele chamou:

– Vão lá tirar tatu...

Então irmão falou:

– Vão bora!

Daí que acharam buraco tatu. Ele falou irmão:

– É aqui tatu morreu lá fundo. Agora você vai entrar lá no buraco.

Quando irmão entrou, ele botou fogo, porque queria matar o irmão como tatu. Queria matar na fumaça.

Quando fumaça passava na frente do irmão, ele cavar do fundo do buraco pra respirar lá no fundo na fumaça. Mulher dele tá lá fora... e daí o irmão dele foi embora pra levar mulher.

Mulher dele namorando com irmão dele, foi em-

1. [Wādzoj] - Wāzoi - Tatu.

bora com ele. Então quando ele foi embora no caminho do maloca, aí homem saiu de lá do buraco. Ele saiu do dentro buraco, ele não morreu não, ele não morreu. Outro irmão dele pensava que ele morreu. Já tinha morrido, mas não morreu não. Então ele saiu no buraco todo queimado no fogo, no rosto dele tudo queimado. Aí ele conversava:

– Por que irmão mesmo quer matar de eu? Irmão mesmo quer me matar causa meu mulher. Eu vou matar agora irmão meu!

Ele tem arco no beira do buraco. Irmão deixou arco, não levou. E daí que foi embora atrás do irmão. E quando irmão tava namorando com mulher dele, ele chegou de pra trás. Ele falou nada. E quando filho dele viu, filho falou:

– Oh, meu pai vem! Oh, meu pai já veio! – ele falou assim. Mas o mãe e namorado dela não acreditava. O mãe dele falou:

– Seu pai já tinha morrido lá buraco.

Aí o pai do menino respondeu:

– Eu não morreu não, tô vivo. Agora que vou matar de vocês agora! Agora eu vou matar vocês!

Ele flechou outro e daí ele ia flechar a mulher. A mulher falou quando ele fazer força no arco:

– Me leva, me leva, me leva! – ela falou.

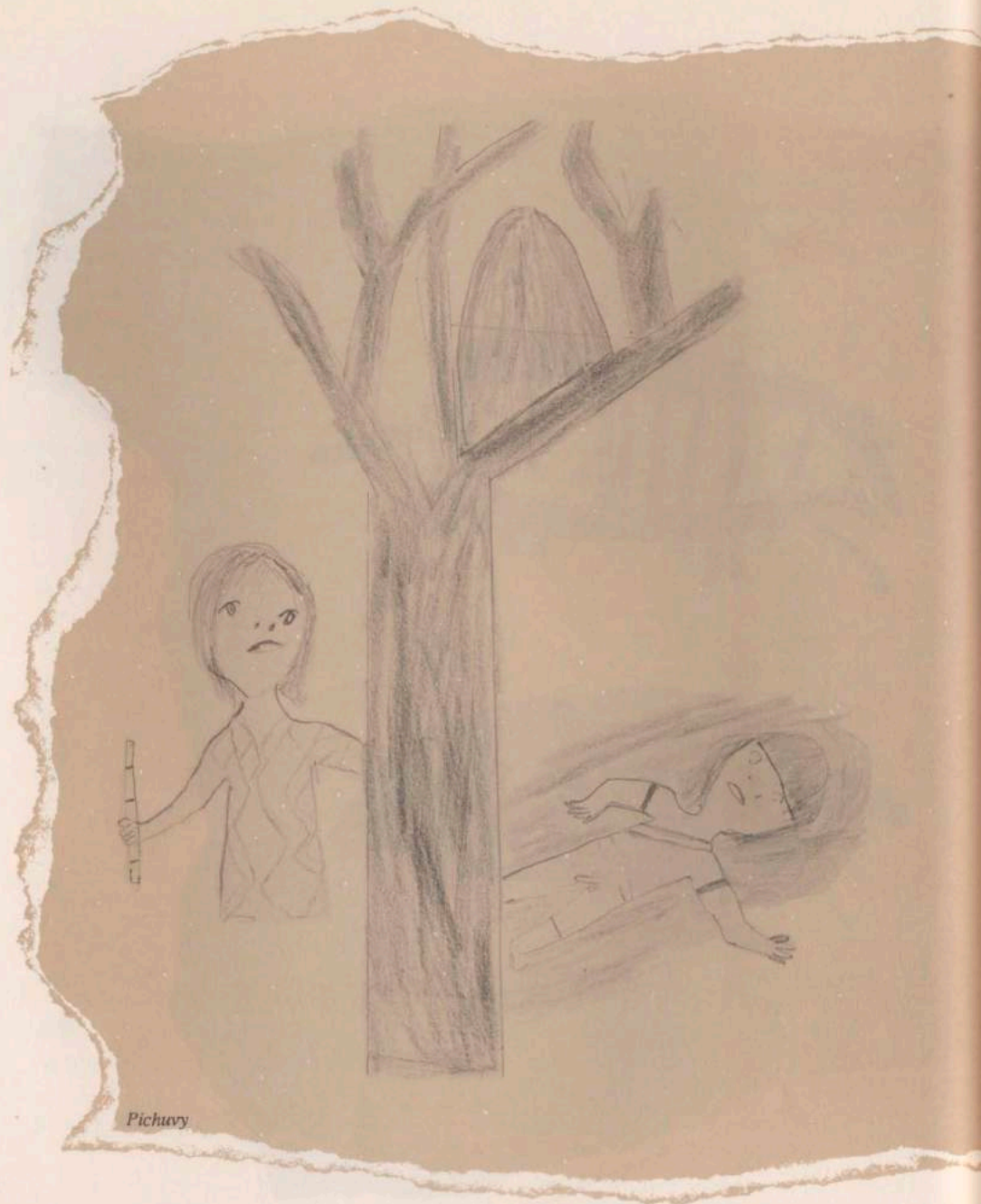
– Não, eu não vou pegar você não!

E daí levou filho dele. Só pegou filho dele, foi embora pra outra maloca.

Assim que é história de Cinta Larga de antigamente também.

Mas eu fica triste assim, quando eu contar história, fica assim... fica muito triste... Assim que homem fez no buraco do tatu. Quer matar o irmão dele.

História foi contado assim pra nós. Só isso.



Pichuvy

# UINDIN<sup>(1)</sup>

## *Passarinho grande*

Todo tipo passarinho vem comer fruta lá em cima árvore. Aí menino fez tocaia lá em cima. E daí que o passarinho grande ele vem comer o índio e quando ele, o índio foi subiu, esperando tocaia de passarinho, tinha fruto, né? – Passarinho come, né? E daí que ele já fazeu pronto de tocaia.

Tava quieto lá em cima, quando passarinho grande chegou lá baixo. Aí passarinho grande, ele chegou, né? Daí ele chegou e olhou lá em cima. Passarinho grande pensa nós guariba<sup>(2)</sup> de tocaia lá em cima. E passarinho falou:

– Ah, tocaia lá em cima é guariba, né?

Aí índio olhou assim pra baixo, né? – ele dois – o índio lá trepado lá em cima.

Aí passarinho soprou, né? Parece taboca assim pra soprar: hum... hum... hum... Aí índio cai lá em cima. Aí furou barriga do índio no zagaia. Zagaia assim igual flecha. Furou barriga, aí levou no costa pra casa dele lá no mato.

Aí outro índio tá lá em cima segurando, bem segurando pau. Ficou susto, né? Se não segura tinha caído também. Ele viu que passarinho grande voando com amigo dele longe. Levou índio longe...

Aí outro companheiro dele desceu, né? Desceu, foi contar lá no maloca:

– Bicho comeu meu companheiro!

Outro índio falou assim:

– Como é bicho?

– Não sei, ele soprou igual passarinho assim... soprou muito forte! Ele parece choca lá em cima. Aí meu companheiro caiu.

Aí pai dele falou:

– Então ele (nós chama uindin) comeu, comeu meu filho! Agora nós vai atrás! Aonde que ele foi? – pai do índio uindin comeu falou assim.

– Não sei, ele foi voando, ele voando pra lá, levando meu companheiro.

– Então tá, vão bora procurar! E foi atrás do passarinho...

Quando chegou na casa do passarinho, ele tava dormindo, né? No pau lá em cima no maloca. Não tem mulher dele não, só mãe dele. O mãe dele tava fazendo aquele beiju – mabe, mabutã, né? No fogo,

1. [*Windin*<sup>1</sup>] – Uindin - Pássaro Grande.

2. Guariba – Macaco vermelho que vive no alto das árvores.

cozinhava o índio que passarinho matou. Aí índio chegou:

– Cadê seu filho?

– Tá dormindo.

– Que é isso que você tá cozinhando?

Aí mulher respondeu:

– É macaco. Meu filho matou macaco hoje. –

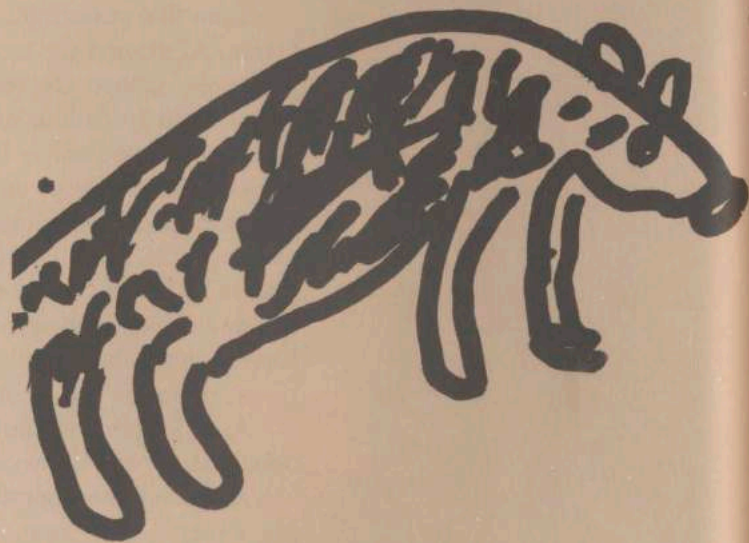
Arimé<sup>(3)</sup>, macaco preto.

Pai falou:

– Num é não... macaco nada...

Aí pai do índio ficou raiva, aí foi matar passarinho grande. Ele pegou aquela taboca dele que ele soprar, né? hum... hum... hum... aí o cara caiu, né? Passarinho caiu.

Índio flechar flechar flechar... Índio flechou mãe dele também. Tudininho flechava! Aí mataram. Tocou fogo – a casa do passarinho queimou tudo – e foi embora pra maloca. Só isso, né?



Tataré

3. [Arimé] - Arimé, empréstimo da língua Zoró – Macaco Preto, Coatá [Basai ip] em língua Cinta Larga.

# BEBÉ<sup>(1)</sup>

## Porco

Foi índio, foi caçar no mato...

Ele arrancava pedaço dele. Qualquer um lado ele arrancava pedaço no carne, sabe? Aí depois ele virar o bicho. Ele arrancava pedaço no carne, né? Aí depois que ele virou no cabelo de porco, né? Nasceu cabelo de porco no pedaço de carne dele. Ele chegou... na casa dele... falou assim:

– Eu matei porco! Agora vocês cozinhar porco.

A mulher dele cozinha a carne... Pessoal dele não sabe que é pedaço carne dele, né?

E outra vez foi caçar. Quando carne acabou, ele vai caçar de novo, Aí trouxe carne, né? Aí mulher perguntou:

– Cadê cabeça de porco?

Aí ela falou assim:

– Você não traz cabeça de bicho!...

Aí ele foi outra vez caçar. Ele arrancou pedaço dele também. Aí sogro dele foi atrás... escondido. Daí sogro dele viu que ele arrancava pedaço, né?

Quando ele arrancava pedaço, sogro viu assim escondido, voltou pra maloca. Aí filha dele falou:

– Cadê meu marido?

Ele respondeu:

– Eu não vii ele...

– Cê não viu meu marido não, papai? ela falou.

– Eu não vi não!

A filha dele falou assim:

– Você já viu sim. Você já viu!

Ele falou assim:

– Teu marido arrancava pedaço carne! Eu vi ele tava arrancando pedaço carne.

Aí filha dele falou:

– Então tá, se ele chegar, eu fala com ele.

Aí caçador vem trazer carne dele, né? na costa.

Ele chegou, né?

– Eu trouxe o porco de novo. Eu trouxe o porco de novo...

Aí mulher respondeu:

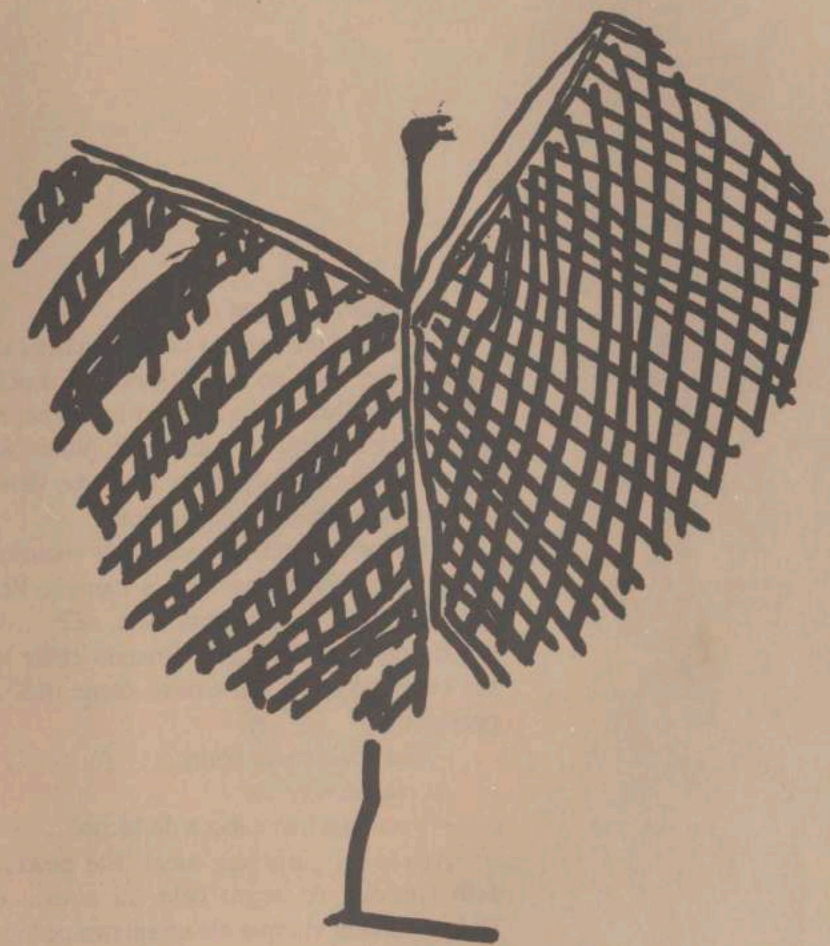
– Esse é pedaço de teu carne!

Quando ela falou que “esse é pedaço de teu carne”, ele voando – passarinho, né? – ele foi embora. Ele virou passarinho, né? Passarinho é homem que

1. [<sup>m</sup>Bebé] – Bebê - Porco do Mato, queixada.

rancava pedaço. Ele não voltou mais...

Aí até passarinho cantava ele voando, né? Quando ele voando... aí caiu longe... Aí cantava. É aquele que canta à noite pouco no mato, pã pã mep<sup>(2)</sup>. Parece assobiando... parece gritar gente. Só isso, viu?



*Sabiriquip*

2. [Pã pã mep] – Pã pã mep – Pássaro de hábitos noturnos.

# UIRAPURU QUE COMEU ÍNDIO

Uirapuru, ele toma conta porco, né? – Porcão.  
Quando criança foi fazer tocaia, os dois, né?  
Dois morava de tocaia. Quando uirapuru assobiando  
palavra de porco, né?

– Vou comer essa criança!

Ele furou tocaia. Meteu assim com o pé. Furou  
barriga de criança. Quando ele furou barriga de  
criança com unha dele, foi embora. Uirapuru matou  
menino pra porcão comer. Aí outro índio ficou es-  
condido deitado.

Quando uirapuru levou o índio morto na costa,  
outro índio, companheiro dele, foi embora. Foi falar  
pai dele:

– Meu irmão, bicho comeu! Foi uirapuru comeu  
ele.

– Eu já sei, ele tava assobiando. Foi uirapuru  
mesmo! – o pai falou.

A história do uirapuru foi comer índio é assim,  
tá?

Até hoje uirapuru fica perto porco. Até índio sa-  
be que uirapuru fica perto porco.

Foi uirapuru comeu antigamente índio, né? Só is-  
so assim...

---

1. [T̄yip] – Uirapuru

# IKULUN

## Gavião

Agora eu vou contar da história de gavião, né?

Gavião morava lá em cima de árvore. Junto de outro gavião. Aí índio falou assim com o primo dele:

– Vamos tirar filhote daquele gavião pra nós criar. Amanhã vão tirar.

Outro falou:

– Tá bom!

E primo namorando mulher dele, né? Escondido... Ciúme de mulher, né?

Já de madrugada ele falou:

– Vão bora, bora tirar filhote de gavião?

Ele falou:

– Vão bora!

Depois, né? Depois foi foi foi... andando andando... tem gavião morava castanheira, né? Lá em cima. Tem árvore pequena perto de árvore maior grande. Fazer subida, né? Ele faz gancho de braço, pega no galho lá em cima no pau. Aí índio falou assim:

– Pega lá o galho de castanheira lá. Eu vou ficar aqui segurando cipó.

Quando ele ficou pendurado galho, primo quebrou aquele subida, né? Derrubou pau. Ele desceu

desceu até no chão. Ele soltou pau, soltou uma árvore de outra. Ficou o outro preso sozinho lá. Prendeu lá.

Aí índio ficou triste... lá em cima... Ficou sentado... chorando... gritando... Ficou chorando... Aí primo foi embora pra maloca.

– Cadê teu primo?

– Tá lá esperando gavião. Tá lá esperando gavião. Aí pai dele falou:

– Você derrubou árvore tudo lá perto dele; eu sabia que você tá namorando mulher dele – o pai dele foi lá ver.

Índio ficou chorando. Cortaram árvore perto dele. Ele chorava... “Comé que eu vu descer?” Aí gavião mãe chegou na casa, né? Sentou lá fora e falou:

– Que foi?

– Meu primo prendeu eu aqui. Derrubou árvore aqui embaixo encostada.

– Então tá, porque ele fez assim? gavião falou.

– Não sei – o índio falou – não sei não.

– É ciúme de meu mulher. Ele vai ficar com meu mulher. Ele vai ficar com mulher meu. Aí gavião falou assim:

– Então você vai casar com minha filha, tá? tu vai ser gavião agora.

Aí índio falou “tá bom!”.

Gavião é moça bonita, sabe? Índio foi casou com ela.

Aí pai do gavião chegou:

– Que foi isso?

– O primo dele derrubou árvore, prendeu ele aí.

– Agora que você vai morar com nós. Não tem jeito você descer mais não. Você agora gavião.

Aí mãe dele respondeu:

– Então ele vai casar filha nossa.

Aí pai dele falou:

– Tá, pode ficar aqui.

Aí ele falou assim:

– Senta baixo esse daqui galho – e vai gavião cagando cagando, né? cocô, tudo sujeira. Aí virou pena, né? Aquele pena nascendo... Virou pena já, tudinho!

– Tá bom, tá bom! Senta de novo, nós vai de novo – Aí tinha asa dele nascendo.

Aí pai do índio chegou:

– Vem descer...

– Não, eu vou não. Eu já virei gavião – pai do índio chorando lá. Virou pena já, tudinho! Pai foi embora.

Gavião ensinou voar, sabe? Ele voando, ficam balançando balançando...

Agora você vai exprementar voar – gavião falou.

Aí índio voando...

– Agora eu vou matar o outro índio lá!

Aí o pai voltou, né? Aí o gavião desceu conversando pai:

– Agora eu vou matar aquele primo naquela casa!

Você vai mandar ele arrancar amendoim na roça. Tudinho vai arrancar amendoim.

– Tá – o pai falou assim.

– Eu vou matar ele! – índio falou.

Aí pai do índio foi embora... Quando madrugada, ele falou assim, avisar tudinho pessoal:

– Nós vai arrancar amendoim hoje, tudo.

Aquele que prendeu o índio, fica no meio da roça do amendoim.

Aí gavião exprementou treinando treinando de arrancar aquele cacho de coco, né? Aí arrancando cacho de coco, ele vai exprementar carregar até no casa do gavião. Não deu pra trazer, sabe? É muito pesado. Ele soltou o coco lá no meio do mato. Aí gavião falou assim:

– Ah, ele vai matar você ainda! Ele vai matar você...

– Vou exprementar de novo. Vou tirar vidro<sup>(1)</sup> de castanha.

Deixou aquela casca de castanha. Não deu não. Tá pesado ainda. Soltou ainda. Caiu lá de cima. Aí foi... não matou ainda não.

Depois voando voando voando... ele chegou, sabe? Chegou lá, sentou no toco bem na roça – no toco, né? Sentou esperando, no caminhozinho e quando aquele cara virou na costa, cavando no chão, aí gavião vai comer. Gavião vai comer ele.

Sentou no toco do pau. Aí índio que foi buscar água, ele flechou no pé do gavião. Gavião ficou vivo ainda, né? Aí ele foi levar flecha lá na casa. Foi embora...

Daí pai dele foi tirar flecha no perna do gavião.

1. Vidro – Ouriço da Castanha do Pará.

Aí quando ficar bom, ele que comer de novo. Falou assim:

– Papai, agora você vai levar índio longe fazer flecha lá.

Aí índio fica doente dentro de casa. Dentro de rede. Falou assim:

– Vou tomar banho... Procura gavião aí fora pra mim.

Mulher dele olhou lá fora. Num viu gavião nada...

– Não tem gavião não. Só tem passarinho preto – esse Chico Preto.

– Então tá – ele falou.

Então ele saiu banhar água quente e gavião pegar ele. Aí ele gritar:

– Ah, gavião vai comer eu em cima maloca.

Gavião sentou em cima maloca. Segura bem. Aí índio gritou com ele:

– Ah, gavião vai comer eu!

E andando andando andando... foi embora. Comeu índio lá na casa da mulher.

Depois quando índio fazer festa, fazer muita festa... aí gavião jogar casca de cabeça do primo que ele comeu. Esse aí que foi virou Nambu Preto. Daí que a índia escutava:

– Quem vem aí de cima?

Tá fazendo barulho: pum... pum... pum... escutava. Falava assim, caiu bem pertinho assim terreiro do maloca, né? Aí índia procurava com lamparina (aquela folha seca, acender folha seca). Procurou procurou...

Nambu preto voando – cabeça que virou Nambu Preto. Por isso que nambuzinho cantava lá em cima:

pum... pum... pum... Por isso que nambu cantar assim...

Aí índia falou assim:

– Isso é o cabeça do índio que gavião comeu. É cabeça dele mesmo que virou o nambu.

Só isso aí. Nambu preto ele virou, sabe?

Já tinha um bocado de nambu mas não tinha Nambu Preto. Só tinha Nambu Branco. Aí que Nambu Preto canta. Aí Nambu Preto canta de madrugada... Não é madrugada muito madrugada... Madrugada muito não. Meia noite assim.

# BAlAKU<sup>(1)</sup>

## Urubu



Pichuwy

Índio foi caçar, né? Matar porco, né? Matar só porco. Deixou apodrecer lá no mato. Depois ele foi olhar porcão apodrecendo. Quando ele viu urubu, né? Ele fazer tocaia pra matar urubu, pra tirar pena pra fazer flecha, né? Urubu tá comendo porcão. O urubu, pai da menina, falou assim:

– Vem comer também! Vem comer também! – urubu falou pra filha, né? – Vem comer também! Urubu chamou.

Índio escutava o que urubu falava pra mulher. Aí urubu é bonita, né? O índio acha bonita a mulher. Ele falou:

– Eu vou casar com esse urubu sim!

Ele foi saiu na tocaia pegando a urubu, pegando urubu... com muita força. Urubu não conseguiu sair. Ele conversando com urubu:

– Eu vou casar você!

Pai do urubu falou com ele:

– Essa minha filha não come comida boa... Ela come comida podre... A comida fedendo, ela come.

Aí índio respondeu pra ele:

– Eu vou casar assim mesmo. Vou ficar com ela.

1. [<sup>m</sup>Baiaku] – Baiaku - Urubu

Eu gosta muito com ela. Eu gosta muito com ela. Eu vou ficar com ela mesmo!...

Aí urubu respondeu:

– Então tu leva minha filha lá na maloca, né?

Leva ela pra lá, né?

Aí pai do urubu falou pra filha:

– Quando mulher do índio ciúme, você volta pra cá. Mulher dele tem ciúme você volta, aí. Vai com ele! – ele falou assim.

Quando ele levou casa, aí rato ficou ciúme com ele, né? Rato morava lá com ele – igual todo lugar tem rato... Aí o índio respondeu pra ela:

– Esse rato não é minha mulher não. Rato é dono de casa porque ele quer morar minha casa – índio falou pra ela.

– Tem mulher aí, eu vou embora. Já tem mulher. Tem rato. Rato teu mulher. Eu vou embora! – mulher urubu falou.

Ele tava dormindo... sabia que ela vai embora, né?

Quando ele dormindo, ela urubu foi embora... voando... foi embora. Ele viu quando ela tava voando, né? Ele pulava, mas não dá pra pegar mais não. Aí quando urubu foi embora, rato achava bom, né? Acha bom que urubu foi embora, né?

Aí índio ficou triste... Quando urubu foi embora, ficou triste...

Essa eu falei história do urubu. Só isso que é história dele.

Depois índio foi ele mesmo caçar de novo, né? Ele fez tocaia pra fazer esperar passarinho. Quando ele fazia tocaia, ele escutava barulho de abelha gritar, né? Quando ele escutou barulho de abelha, ele saiu no tocaia: “Eu vou lá, eu vou lá pra ver quem tá gri-

tando lá, né?

Aí índio viu de árvore grande. Ele viu da boca de abelha. Aí índio falou pra ele abelha:

– Como eu vou entrar na casa de vocês?

Aí chefe de abelha falou pra ele:

– Entra bem no reto teu cabeça primeiro. Aí você entra.

Aí ele meteu cabeça no buraco e entrou bem reto no boca de abelha. Índio virou abelha e entrou também. Ele deitou na rede do abelha, ele falou:

– Eu vim aqui pra procurar mulher.

Aí abelha falou pra ele:

– Olha, tá aqui minha filha, você gosta dela?

Índio falou:

– Eu gosto muito dela! Então vou casar... – ele falou pra ele.

Será que eu levo teu filha? Eu não tenho mulher... eu não tenho mulher nada... por isso eu vem procurar mulher para mim.

Aí pai da menina falou:

– Quando mulher dele ciúme, ciúme de você, volta pra cá. Você vem embora.

Menina falou:

– Tá bom, então eu vou, eu volto pra cá.

Abelha foi na frente do homem – o índio, né? Chegou lá, na maloca do rato, né? Acha graça pra ele, né?

Rato ficou com raiva da abelha, né? Ficou raiva de abelha. Aí abelha falou pro índio:

– Tá vendo, você falou que não tem mulher, não tem mulher... Como é que você tem mulher aqui?

Abelha falou:

– Dá aí esse milho, espiga de milho, cinco espiga de milho, eu fazer chicha pra você.

E quando rato ficou bravo, né, que ela tá fazendo chicha. Tá fazendo chicha fica raiva pra ela.

À noite, madrugada, ela faz chicha de madrugada:

– Acorda aí, vê teu chicha lá...

Ele acordou e foi abrir a tampa do pilão. O chicha tá fervendo, né? Primeiro era pouquinho dentro do pilão, aí tampou. Depois que ferveu virou muita chicha mesmo!... Ele experimentou. Aí quando ele experimentou, ele falou:

– Ah! bom, agora meu mulher... arrumei meu mulher.

O rato ficou com ciúme. A abelha ficou com raiva, aí falou:

– Eu vou embora! – a abelha falou pro índio.

– Não vai embora, não vai embora, não, fica aí!

E quando ela quer ir embora, ela virou abelha. E quando virou abelha, índio fechou mão assim, tampando. Abelha saiu no buraquinho. Assim quando ela foi embora, índio ficou triste... chorando... Começou bater rato. Bateu no bunda do rato. Aí rato chorando muito quando ele bateu no bunda, né? Aí quando foi embora ele falou assim:

– Agora você mora aqui, eu vou embora. Eu não morar mais aqui.

Ela foi, índio foi atrás da abelha ainda. Ele viu ainda quando ela foi embora lá em cima da árvore. Ela demorava, não voltou mais.. Ela morava de abelha. Índio falou com ela:

– Vem buscar de mim...

Abelha morava lá em cima. Aí abelha falou pra ele:

– Vem voando... pode voar igual nós.

Índio não consegue voar – abelha falou:

– Quando você voar fazer força.

Ele voou, ele foi morar mesmo. Daí ele morava abelha. Foi buscar só mãe dele no casa, na maloca. Aí mãe dele foi morar também de abelha.

Só isso que vou falar. Só isso.

Tem outra história de urubu assim:

Lagarta foi ver roça do urubu. Urubu tá fazendo roça e lagarta foi ver derrubada. Muito urubu, que roça não tem jeito fazer sozinho não.

Aí urubu tá fazendo roça e lagarta chegou:

– Você já terminou derrubada?

O chefe de urubu tá sentado lá em cima de toco... aquela casa aberta... esquentando no sol, aí lagarta falou com ele se já acabou.

– Já, já acabou derrubada – urubu respondeu com ela.

– Eu vou lá ver derrubada – lagarta falou.

Daí foi junto de urubu pra ver. Outro urubu tá sentado lá em cima, aí lagarta falou:

– Vocês não sabe derrubar não! Isto aqui é derrubada de vocês? Vocês não derrubaram direito não. – Urubu só quebrar galho de árvore – Vai lá ver minha roça, não tem nenhum galho quebrado de árvore – Vai lá ver minha roça, não tem nenhum galho quebrado não. Não tem nada assim não! Vocês com preguiça! – lagarta falou.

Lagarta falou assim, que lagarta trabalha muito, né?

Aí urubu foi lá ver roça de lagarta. Viu roça muito grande... muito lagarta... ficou com vergonha.

Daí urubu começar derrubar toco mas não tem jeito. Tudo tampado de folha. Começou mês de agosto, ele foi queimar roça e não queimou nada. Urubu perdeu roça um ano.

Lagarta foi embora lá no céu voando, cantando...  
Tinha roça longe pra plantar noutra lugar.

Urubu voltou, plantou pouquinho onde tinha  
queimado roça. Ficou fome muito e começou a comer  
cocô de gente. Não tem comida mesmo!...

Por causa disso não tem roça. Preguiçoso, urubu  
come coisa podre.

# KORUYA<sup>(1)</sup>

## Sapo

Agora vou contar história de Cinta Larga.  
Foi o pai da índia... O pai da índia que mandou pra tirar tanajura, né?

Aí o pai da índia fez o tapiri pra ela dormir lá baixo. Ele fez tapiri pertinho de casa, e fez acampamento. E daí que menina foi armar rede lá baixo do tapiri: levou rede e ficou esperando perto de cupim a formiga sair.

Aí... quando ela tava casa, ela escutava barulho, barulho de sapo.

Aí a menina escutava barulho de sapo... menina escutava: “ai ai” – sapo cantar no mato. Ela falou assim: “Poxa, se pudesse era gente mesmo, esse sapo vai me acompanhar pra tirar tanajura”.

Aí mulher foi lá onde que é casa da tanajura, né? Aí foi embora.

Aí sapo escutou que mulher falou, né? Aí depois, bem escuro mesmo, à noite, sapo foi atrás de mulher. Aí mulher quando vê sapo igual gente assim – ele virou gente – ela falou:

– Quem é você?

Aí sapo respondeu:

– Eu, fui eu!

– Quem é você então? – ela falou.

– Eu! Cê num falou que se pudesse gente sapo, ele vai acompanhar você pra tirar tanajura? Cê num falou comigo?

Aí mulher lembrou:

– Ah sim! Foi...

– Agora eu vem ajudar você pra tirar tanajura, né? Cê num falou comigo?

Aí mulher respondeu:

– Tá bom.

Aí mulher fez vasilha tanajura. Aí sapo mandar sair tanajura, né? Soprar lá dentro de buraco. E daí... tirou. O tanajura saiu tudinho, né? Aí o sapo catava pra ela, juntando tanajura, botar dentro vasilha.

Ele, quando pronto, botava. Já tinha madrugada. Aí foi embora:

– Agora eu vou embora. Agora nós vão embora. Eu não sou gente... sapo falou – Agora você meu mulher – sapo falou pra mulher.

– Tá bom! mulher falou.

Aí quando vai de dia, aí que sapo virar de novo

1. [Koruya] – Koruya – Sapo

sapo. Ele falou pra mulher:

– Procura vasilha pra mim, vidro de castanha, árvore de castanha.

Aí mulher respondeu:

– Por quê?

– Porque eu vou virar sapo de novo. Só de noite que eu vira gente. De dia que eu fica virando sapo todo tempo. De noite eu vira gente.

Aí menina respondeu:

– Tá bom, eu vou procurar.

Aí chegou perto de maloca, o sapo vai virar sapo. Ela achou vidro de castanha. A mulher perguntou:

– Essa daqui?

Aí sapo falou:

– Tá, é essa daí mesmo. Então eu vou entrar esse buraco de vidro castanha.

Ele entrou lá dentro e mulher carregou o vidro de castanha. Ela foi levar pra casa. Sapo tava dentro ainda castanha, esperando escurecer, esperando a noite. Ficava lá dentro ainda – sapo não anda de dia não... Só de noite ele canta.

Aí que via escurecendo e vai virar gente de novo. Aí sapo vai dormir junto de mulher. Ela, mulher, ficar todo tempo junto de sapo, né? E daí... sapo pediu pra mulher:

– Arruma arco pra gente!

Aí mulher falou:

– Tá bom, eu vou pedir meu pai.

Aí pediu. A menina pediu o arco, a flecha – duas flecha. Ela pediu dois flecha pro pai. O pai dela entregou flecha. Dois flecha e arco.

– Toma teu arco... Fica esse meu arco – pai falou.

– Tá bom – a menina respondeu – tá bom, eu vou matar agora bicho pra nós comer. E foi caçar: “Então vão embora!”

Aí sapo foi fazer tocaia pra esperar nambu – passarinho. Aí chamou passarinho nambu, né? nambu, mutum, jacamim, tucano, ele chamou. Matava um bocado bicho, né? Aí ele voltou.

– Vão bora, outro dia nós vem de novo – sapo falou pra mulher.

Aí trazer o bicho e entregou a mãe da menina.

– Mamãe, tu tá vendo que eu matei bicho?

Aí a mãe da menina ficou alegre.

– Ah, você sabe mesmo flechar, né? – Mãe da menina falou.

– Sei, aí...

Aí ele sapo pediu comer só pouquinho, porque sapo não tem barriga.

Aí começar de novo. Aí dormiu de mulher, né? Aí o pai da menina viu sapo tá dormindo a filha, né? aí pai tá pensando: “Quem esse homem tá dormindo minha filha?” – o cabelo muito grande... Cabelo desce até aqui na bunda de sapo.

Balançando rede, pra baixo do rede, cabelo tava descendo, né?

Ele vê, mas ele não sabe que é sapo não. Sapo foi caçar de dia.

– Vão bora caçar, mulher!

– Tá.

– Então vão bora!

E carregou vidro de castanha. Lá no mato ele vira gente. E daí que foi de novo fazer tocaia de palha. Aí ele esperava passarinho e matou mesmo passarinho. Aí voltou, ele cozinhava de panela de barro.

Daí mulher foi tomar banho no rio. Mulher dele

foi tomar banho. Mulher dele foi, ela deixou o vidro de castanha pra baixo da rede. Aí mulher que falou pra mãe:

– Mamãe, num vai varrer baixo meu rede...

– Tá bom! mãe falou.

Aí mãe dela fazer beiju. Assava (beiju é de farinha, né?) lá em cima do pedra quente. Ela pensava: “Por que meu filha falou comigo pra num varrer baixo rede dela...”

Aí varreu varreu varreu, jogar queimar lixo. Aí vidro de castanha rolou, rolando assim... Aí sapo foi, saiu do vidro castanha. Pulou... Aí mulher foi bater bater sapo. Sapo pulando... num bateu não. Depois queimou na costa, na costa sapo. Sapo correndo correndo, quer esconder debaixo de pedra quente e queimou costa. Por isso sapo tem costa parecendo velho.

Aí sapo subiu no cima do maloca. Ele gritou gritou, chamou mulher.

Aí mulher vem correndo, vem correndo por causa de grito, né? Aí ela ficou brava pra mãe:

– Mãe, por que você varreu baixo meu rede? Eu falei pra você não varrer... Esse daqui, esse homem, que mata bicho pra gente comer.

Aí mãe dela respondeu:

– Por que você não mostra? Se mostrar comigo, não tinha problema. Se mostrar num tem nada vê ele não. Fica escondido aí...

Aí menina ficou chorando chorando... vem chamando. Ele não vem. Foi embora. O sapo chorou lá em cima do maloca.

História do antigamente Cinta Larga é isso.

Até hoje que sapo só de noite, de dia não canta não, no oco de pau: ai... ai... ai.

A pencil drawing of a person lying in a hammock, suspended between two vertical posts. The drawing is rendered in a simple, sketchy style. The entire scene is framed by a large, irregularly torn piece of paper, which is placed over a background of faint, illegible text from another page. The paper has a light beige or tan color, and the edges are jagged and uneven, suggesting it was torn from a book or document. The person in the hammock is positioned in the center, with their head resting on a small pillow. The two posts supporting the hammock are drawn with vertical lines and some shading to indicate their form. The overall composition is centered and balanced within the torn paper frame.

Pichuuy

# TOTO

## OUTRAS HISTÓRIAS

Tem outra história agora, história de Toto.

Toto foi passeava no mato. Toto foi andava mato, passeava, caçando. Toto dormiu no mato. Daí que ele dormiu no mato, o ratão cantava à noite. Então quando rato cantava à noite, Toto falava rato:

– Você taí, né rato? – O Toto falou.

Rato falou:

– Tô...

O rato escutou quando Toto falava com ele. Ele falou assim:

– Eu conhece de mato. Eu passei meu mão, limpou meu mão na folha. Cê tá morando folha suja. Eu limpava meu mão no folha, aí. Cê não tá vendo não, rato?

Então rato ficou bravo com ele e mandou dormir muito. Então Toto foi, dormiu mesmo. Toto dormiu mesmo! Toto dormiu... daí rato pegou canela do Toto, ele cortou o pé do Toto. Toto dormiu muito. Ele não viu quando rato tava cortando pé dele. Sentiu dor. Sofrendo dor, Toto levantou. Não tem mais pé, cortou bem no canela dele.

Toto conversava com ele:

– Cortaram meu pé. Por que você cortou meu pé?

– Toto falou pro rato.

O rato falou pra ele:

– Por que você falou mal pra mim? Por isso eu cortei seu pé...

Toto chorava sofrendo dor. Aí Toto foi andando mesmo sem pé – foi andando perto do rio. Toto falava não lembrava mais pessoal dele. Qualquer índio falava da família com ele, ele não lembrava família dele. Então Toto armou rede por cima rio. Tem árvore perto, tem outra árvore outro lado. Toto armou rede, fica lá no meio do rio por cima água. E quando índio passava perto, tem medo dele. Índio falava assim:

– Ah, Toto taí.

– Eu tô aqui.

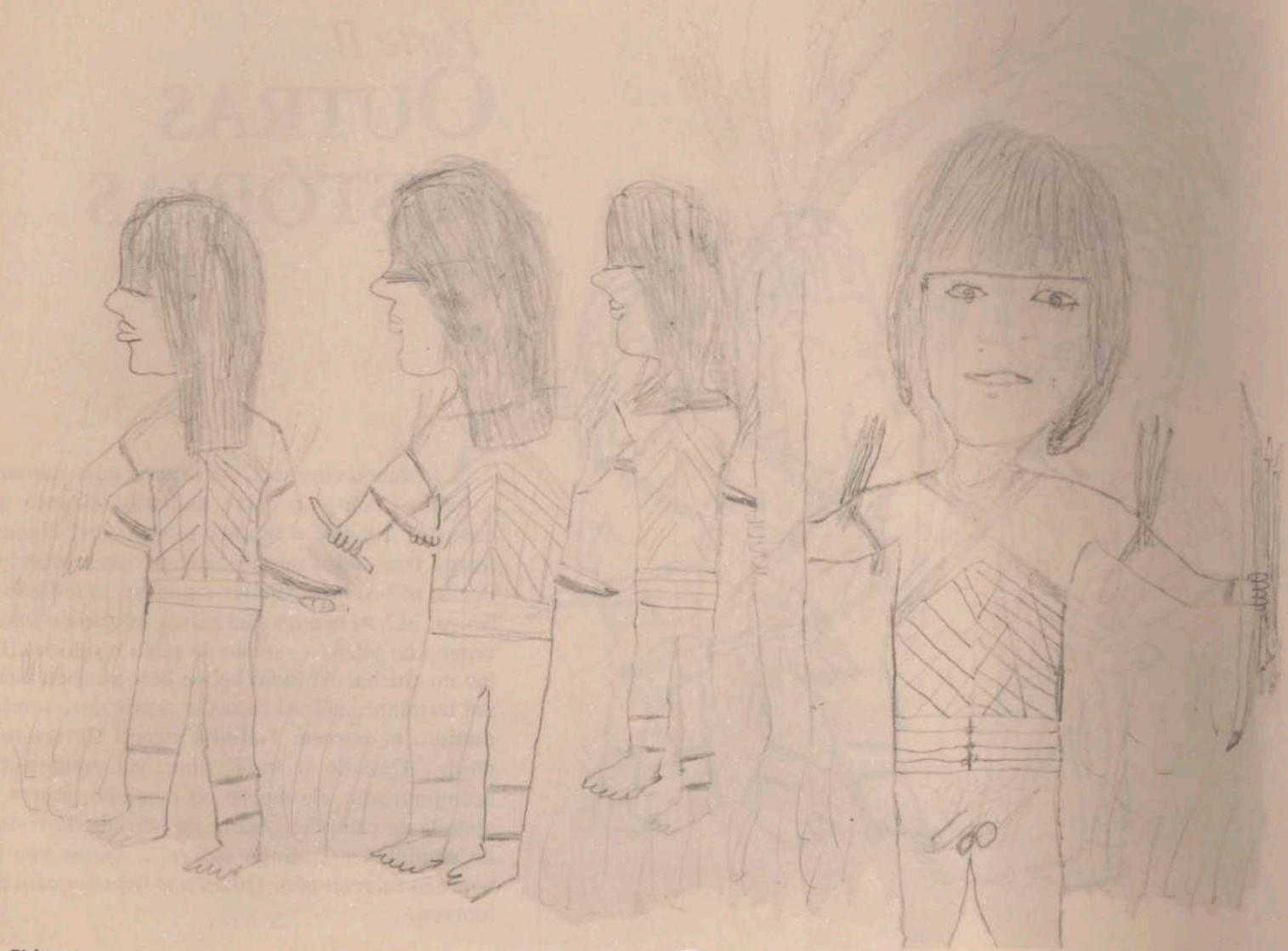
Toto não andava. Toto dormia muito, por isso rato cortou pé dele. É assim que rato fez com índio.

Então história do Toto foi assim. Toto foi, andava, passeava mato... bonzinho. Depois que falou mal pra rato, rato cortar pé dele. Assim que foi antigamente bicho fazia com índio. Por isso que eu tem lembrar como que foi história antigamente assim.



Parte II  
**OUTRAS  
HISTÓRIAS**

**A**í branco chegou... Aí branco quer namorar a índia. Chefe não deixa namorar. Branco que namorar a moça, a mulher moça, sabe? Naquele tempo tem muito mulher! Era bonita mulher! Cê já viu, né? Aí branco quer namorar, aí índio ficou bravo, né? Aí branco fica raiva. Aí que ele passou veneno no pilão, – veneno de pilão no chicha. Botar no chicha. Aí índio bebeu bebeu bebeu bebeu até terminar, né? Aí começar sentir dor, vomitar muito... aí morreu. Tudininho morre! Morreu tudinho!... Quando o índio quer vai embora pro acampamento, ele morre no caminho, morre no metade do caminho, morre no beirada da metade do caminho... Tudininho morre!... Quem não bebeu não morreu não. Quem não bebeu, quem não morreu.



Pichuvy

# FAZER COMO ANTIGAMENTE...

Agora eu vou contar história do maloca. História maloca, quem sabia fazer maloca. Então esses dias que nós esquecemos como faz de maloca.

Hoje dia eu mesmo que mandei fazer maloca pra aprender. Eu sei como é que vou fazer maloca. Porque o índio daqui esquecer como faz maloca.

Até a flecha aqui gente não sabe fazer... Então por isso que vou mandar fazer pra aprender, pra não esquecer. Festa também... artesanato também, pra não esquecer demais. Pra lembrar de história que fez maloca antigamente.

Antigamente gente velho que faz. Não é gente novo não.

Agora que nós queremos aprender fazer maloca, artesanato e flecha. Também chicha que mulher faz, no dia que nós fazemo a festa. Por isso que eu vou lembrar como é que nós foi antigamente no mato. É isso que nós queremos aprender, fazer como antigamente.

Então quando nós queremos festa, nós mesmo comunicar, convidar gente pra fazer festa. Pra visitar... Cadê agora uma aldeia vem de visitar gente? É assim que era antigamente na maloca. Esses dia que nós esquecemo de história do índio Cinta Larga. Então, primeiro, índio ia fazer artesanato, fazer colar, cocar, enfeitar...

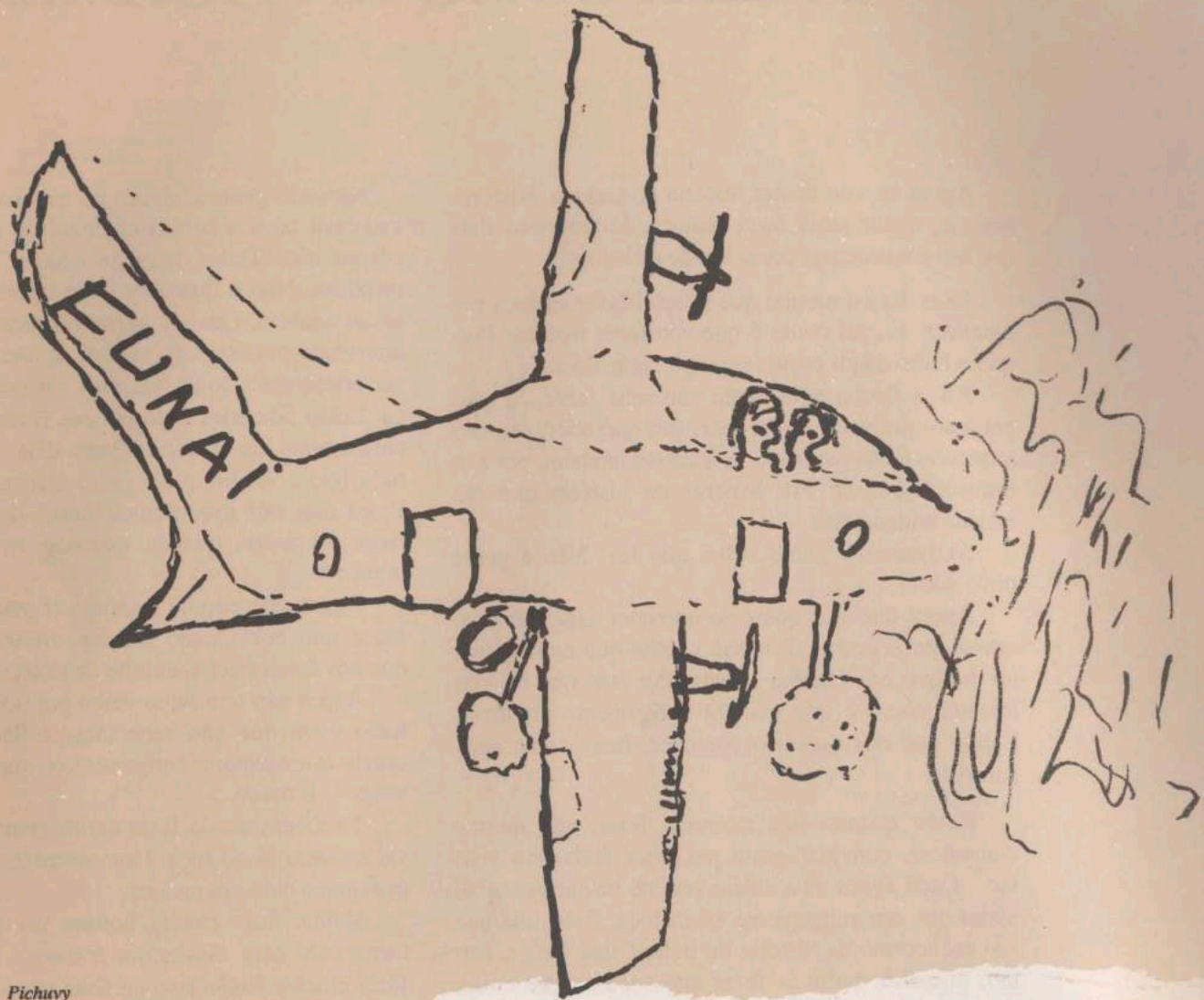
Quando gente chegava no maloca, dono de festa mandava fazer a bebida-chicha. Não é qualquer uma pessoa não. Tinha dono de maloca. Então ele que mandava. Não é qualquer índio mandava não. Então assim também. Quando gente vai fazer festa, ele leva artesanato pra dono do maloca. Então gente vem trazer artesanato. Dono fica, nós vai embora pro maloca. Então fica artesanato pra ele. É assim que nós fez antigamente de maloca. Esses dias nós esquecemo tudo isso... Assim que é índio antigamente na festa. Esses dias nós esquecemos tudo... do história Cinta larga foi antes, quando que não tem contato com branco.

Agora que eu vou mandar pra poder lembrar como é que nós fizemo maloca, artesanato... como é que nós fazeu flecha, enfeite de flecha de desenho.

Agora não tem índio velho pra fazer isso. Só tem índio novo que não sabe fazer a flecha. Agora eu queria fazer lembrar antigamente o que nós fez. Tudo amigo... É assim...

Também quando festa muito grande, nós mesmo vai arrancar lá no roça. Homem mesmo arranca cará, carregamo cará pra maloca.

Mulher fazer chicha, homem vai tira lenha e nós carregando cará. Assim que homem e mulher fez pra fazer chicha. Então isso de festa que antigamente foi assim.



Pichuy

# PRIMEIRO NÃO TEM BRANCO...

Três maloca quando morava mato. Tem uma maloca de solteiro, né? Tem uma maloca de casado. Qualquer um família mora lá maloca. Qualquer um família... Se o maloca de solteiro encheu, não tem jeito pra armar rede lá, solteiro vai morar lá no família, né? Tudo isso maloca... Muito tempo é assim, sabe?

Tem maloca fazer chicha. Num é muito grande não, pequena... Aí índio faz tudinho lá, sabe? Índio faz tudinho na maloca de fazer chicha. Faz lá tudo. Qualquer um pode cozinhar lá comida... cará... Eu vi essa maloca. Tem cozinha, cozinha de fazer chicha. Eu vi essa maloca quando eu nascer maloca meu aldeia, sabe?

Essa maloca de lá não é muito perto maloca de solteiro, sabe? É longe assim... Bem assim, mais ou menos cinquenta metros. Quando quinze anos assim, mais ou menos dezesseis... dezessete... a gente mora lá maloca de solteiro.

Índio ainda namorar lá dentro maloca de solteiro. Ninguém vê. Escondido sabe? Levava mulher escondido, solteira, né? Mas eu vi um índio namorando escondido. Não pode levar, não pode! Depois pai briga... Proibiu pra nós, sabe? Quando namora é castigo, sabe? Quando namorava assim mulher... Quando novo namora, índio não cresce mais. Quando namorar vai ficar baixinho Tu viu que Sapecado<sup>(1)</sup> namora

muito, aí ficou baixinho. Antigamente, agora não tem mais.

Outra aldeia tinha cinco maloca. Tinha cinco lugar, né? É perto assim. Não é muito perto não, sabe? Porque depois outro maloca quando pega fogo vai pegar mais junto. Por isso fica muito longe um pouco.

Uma vez que maloca queimou – menino brincava com fogo, né? Aí menino brinca fogo, pegou maloca fogo, sabe? Aí mesmo fogo pegou outro maloca de mãe do Antônio, mulher meu pai, sabe? Perdeu muita flecha. Muita flecha... perdeu muito artesanato, né? Colar... assim tudo coisa. Flecha de fazer guerra... queimou tudo. Perdeu tudo, sabe?

Aí depois que sem flecha, Suruí atacou nós lá, né?

Tem flecha outro aldeia. Não é só um lugar não. Tem chefe cada um lugar também, sabe? Cada lugar tem um Dzabiway. Tem muito chefe... Num tem branco também assim?

Tinha cinco maloca. Cada uma aldeia tem mais ou menos cinco. Lá mais longe tem mais maloca, sabe? Tem mais maloca. Não é só um lugar não. Um maloca não cabe não. Muito tempo era muita gente! Agora não tem mais... Cabou.

1. Sapecado - nome que o índio [Sabika] herdou ao matar o garimpeiro que tinha esse apelido.

Aí quando meu pai era dono da festa, né? aí meu pai que manda fazer chicha, né? Depois que o meu pai foi caçar, meu vô foi caçar... Suruí vem atacar. Aí flechou pai do Tatarezinho, mataram o irmão do Tataré, aí Suruí voltou. Índio Cinta larga foi atrás matar Suruí dentro maloca.

Primeiro que Cinta Larga vai... Não tem cacete deste tamanho assim? – pauzinho – Corta pedaço pau, gente entra lá sozinho. Sozinho... Depois muito índio entra lá dentro maloca.

Mata gente escondido. Aí tem três vem trazer fogo atrás, lá clareando pra lumiando no fogo, né? Aí quando fogo vem, vem devagar não, vem correndo. Entra lá... com fogo lá... no meio... Jogar fogo lá no meio do maloca. Aí quando fogo entra, aí gente mata.

Aí tava dormindo. Gente dorme, né? Bate um grita; bate um, pula outro, pula outro, assim. Aí depois gente pega fogo pra ir embora.

Suruí matou um Cinta Larga. Outro maloca tinha mulher criava filho, né? Aí ficar morando outro maloca escondido, né? Suruí fez assim. Aí índio flechou Cinta Larga. Flechou uma vez só. Matou. Aí flecha cabou, Cinta Larga deixou morto lá. Suruí comeu ele. Cinta Larga foi embora, né?

Aí que foi começar achar branco, né? Aí que garimpeiro vai aparecer lá no rio Roosevelt. Depois que gente pensava que Suruí mesmo tava garimpando, sabe? Aí garimpeiro apareceu. Tinha muito Cinta Larga. Muito cheio, sabe? Tinha flecha tamanho assim, bem feito mesmo, sabe?

Depois branco ficou amigo, né? Foi ficou amigo... Primeiro que o branco matava muito Cinta Larga, de tiro, de metralhadora... Depois que branco amigo gente de novo. Outro branco que matava, sabe?

Aí conversando... amigo... aí garimpeiro foi maloca, sabe? Aí deu facão tudinho pro índio, né? Eu não fui. Aí branco deu facão... Dá facão direitinho pra ele... aí branco foi ainda.

Aí aquele Manel, Cinta Larga, matou branco. Matou de revólver dele, sabe? Aí outro branco não sabe nada, né? Não sabe que ele morreu.

Aí outro foi na maloca visitar gente lá maloca. Tinha festa grande... Tinha festa muito grande!... Aí índio dorme. Não cabe maloca. Não cabe nem duas maloca não cabe o índio. O índio dormiu lá no mato tudo. Fazer acampamento tudo! Barracão tudo! Festa muito grande!...

Aí branco chegou... aí branco quer namorar a índia. Chefe não deixou namorar. Branco quer namorar a moça, a mulher moça, sabe? Naquele tempo tem muito mulher! Era bonita mulher! Cê já viu, né? Aí branco quer namorar, aí o índio ficou bravo, né? Aí branco fica raiva. Aí parece que ele passou veneno no pilão, – veneno de pilão no chicha. Botar no chicha. Aí índio bebeu bebeu até terminar, né? Aí começar sentir dor, vomitar muito... aí morreu. Tudinho morre! Morreu tudinho!... Quando o índio quer vai embora pro acampamento, ele morre no caminho, morre no metade do caminho, morre na beirada da metade do caminho... Tudinho morre... Quem não bebeu não morreu não. Quem não bebeu, quem não morreu.

Eu não foi não. Meu pai falou “Vão bora”! Eu falei “não”. Meu pai foi. Meu vô foi. Ele morreu de veneno de chicha.

Aí morreu morreu morreu morreu morreu morreu, aí cabou. Esse maloca cabou já. Não tem mais. Não tem vivo! Morreu mais ou menos trezentos índio... Acho que mais... quinhentos e pouco.

Aí tem outro maloca. Ele morre. Também morre mesma coisa. Depois outro maloca cabou. Outro maloca... parece que avião jogou bomba. Cabou na hora. Não precisa sentir dor de sofrendo não. Morre na hora. Morre assim gordo mesmo. Morre tudo! Aí outro maloca morre...

Meu maloca nunca atacaram não. Meu maloca muito longe... Mais ou menos cinqüenta quilômetros, sabe? Dois dias viagem ainda.

Aí meu pai ficou chorando e eu falei: "tá vendo, cê ia morrer também". Aí eu começar gripar também, tossindo tossindo tossindo... Eu ficou muito cansado, quase morreu também. Ficou muito bravo, meu pai. Aí cabou isso, sabe? Cabou isso de história de garimpeiro, sabe?

Aí eu foi atrás meu pai. Quem ficou vivo foi atrás garimpeiro, sabe? Aí matou um garimpeiro, aí eu foi embora pra maloca.

Depois que ele foi, o índio foi de novo olhar, lá no lugar pra matar garimpeiro. Aí veio FUNAI. FUNAI chegou, né? FUNAI chegando... chegando... rio, né? Primeiro veio o burro lá, sabe? Aí começar matar FUNAI. Mataram FUNAI causa do pessoal morreu, né? Pessoal morreu muito... morreu. Aí esquentou cabeça, que civilizado botou veneno. Por isso que mataram FUNAI, né? Eu fui lá, eu fui lá também. Eu tava lá FUNAI... Aí eu sentou lá, né? Tô muito fome, rapaz! Muito fome! Tem comida todo canto da FUNAI. Tem espingarda... Tô muito fome, rapaz! Eu não tem nada pra comer. Aí eu fui pro roça... roça de branco. Garimpeiro que fez roça. Eu achei milho, milho de branco. Assei lá, sabe?

Aí começou pessoal matar FUNAI. Falou que:

– Nós vai matar esse branco aí!

Aí eu falei:

– Pode matar!

Meu pai falou:

– Cê vai matar. Você falou "eu sou bravo", cê pode matar!

– Ah não! Eu não vou matar não! Eu sou pequeno... Eu não vou matar ninguém! Eu não tem força... Vocês que vai matar. Eu vou vê vocês matar. Se branco vai embora daí, eu vou embora no caminho. Se vocês não matar branco, aí branco vai avisar pessoal dele.

Aí eu sabia que branco vai embora, sabe? Aí pessoal seis horas, né? Seis horas matou branco. Muito fome... Eu fui lá olhar no cabana, depois voltar. Foi olhar...

Tinha pau dentro d'água. Pessoal tá lá esperando branco. Tava deitado... sentado... cheio de flecha. Eu tava dez anos ainda. mais ou menos dez anos. "Quando branco correr, eu vou flechar".

Aí pessoal foi ficar amigo, tudo bem assim, né? Então disse: "tudo bem, tudo bem?" – cercando o branco. Aí índio vai cortar o pescoço dele, pá... Cortaram cabeça de branco, sabe? Cortaram cabeça branco, aí cortaram outro braço... Eu não, os outros cortou, né? Eu vi. Aí cortaram cabeça dele que morreu, né? Outro correu. Outro correu, pulou lá, pulou lá dentro do água. Foi embora corredeira<sup>(2)</sup>.

Aí eu vem. Cheguei. Viu morto de branco. Eu fui lá, entrei na casa do armazém dele, eu pegou espingarda. Pegou cartucho, pegou foi embora. Aí queimaram casa, casa dele, foi embora. Queimaram comida tudo. Cartucho tudo explodiu lá dentro fogo. Mata-

2. Narração do ataque dos Cinta Larga ao P. I. Roosevelt, quando morreram Possidônio Bastos, jornalista e, Acrísio, radiotelegrafista da FUNAI.

ram o burro, foi embora.

Aí de novo FUNAI aparecer. Aí que eu ficou muito bravo ainda de novo. Eu falei:

– Por que o branco não vai embora por ai? Matou um pessoal, pessoal outro quer morrer de novo?

Aí eu falei com meu pai:

– Eu vou matar! Eu vou matar esse branco agora!

Aí meu pai falou:

– Não, você que não vai matar não! Branco vai matar você. Você não sabe matar...

– Eu sei, eu sei correr, eu sei flechar. – falei meu pai.

– Eu sei flechar!

– Não, cê num vai não.

Aí eu foi embora outra maloca. Lá longe... Rio Preto. Eu fui embora por causa disso. Eu fui embora Rio Preto. Eu foi... foi... meu pai foi atrás de mim. Eu fui embora Rio Preto. Aí quando eu voltei de Rio Preto<sup>(3)</sup>, aí pessoal foi de novo olhar no branco. Aí falou:

– Branco lá é amigo de novo, vão bora lá!

– Eu não quero não.

Aí pessoal foi, pessoal foi no branco. Aí FUNAI deu facão de novo. Facão, machado.. tudo isso! Espelho, munição, tudo isso coisa, sabe?

Aí cheguei lá, tudo amigo, sabe? Apoena, pai de Apoena<sup>(4)</sup>... Pai de Apoena ficou amigo, sabe?

Aí que meu primo vem. Voltou maloca, vê onde que branco vai amarrar facão. Aí meu primo atirou no peito de Apoena, sabe? de 22. Aí Apoena foi pro cidade tratar. Pai dele ficou sozinho.

Aí eu ficou no maloca, né? Aí eu vem pra ver, os outros já morava branco. Eu fica muito medo de morrer. Eu vem devagarzinho... longe já gritava. Os ou-

tros gritava: “Eh... vem, é amigo...”

Aí Sapecado<sup>(5)</sup> (não tinha Sapecado que morreu?). Aí Sapecado foi me buscar. Aí Sapecado fica amigo meu, sabe? Fica todo o tempo sempre comigo... brinca comigo... Aí eu olhando cara Sapecado. Eu conheci ele quando garimpeiro, sabe? Conheci olhando muito tempo! Muito tempo eu tava vendo garimpeiro. Aí eu olhava assim cara dele... “Será aquele cara esse aí?” Eu conhece cara me deu facão muito tempo, sabe? Eu pensava: “É esse cara mesmo”! Eu fica olhando assim... festa pra lá... pegar meu arco... aí ele dá facão.

– Ah amigo! você é amigo...

Aí eu olhando, fastando meu costa pra lá...

Aí chamou pai de Apoena. Pai de Apoena avisou:

– Vou mandar avião pra cá. – mandar avião.

Sabe que vai atacar lá. Pessoal vai atacar lá. Aí avião ficou lá. Avião do João Piloto tá lá ficando. Aí depois foi embora.

Aí depois que ele comer comida dele. Eu não que comer. Faz mal... Aí dá ele pra comer primeiro. Quando ele dava comida pra mim, eu falava pra ele:

– Cê come primeiro, depois eu come. Cê come primeiro, ne? Cê come primeiro.

Aí eu mete colher lá na boca de branco, pai de Apoena.

3. Rio Preto – Posto Indígena próximo ao Igarapé Ouro Preto, onde há grande concentração de aldeias Cinta larga. É a área mais tradicional de ocupação Cinta Larga.

4. Francisco e Apoena Meireles, sertanistas que participaram das frentes de atração dos Cinta Larga, Suruf e outros grupos indígenas da região.

5. Sapecado - Garimpeiro temido na região, ex-funcionário da FUNAI. Contam que tinha este apelido porque incendiava os índios que atacava. Foi morto recentemente por um Cinta Larga, quando estava a caminho do P. I. Roosevelt.

– Pode comer, depois eu come.  
Cozinheiro também que cozinhas lá comida, né?  
Ele dá prato pra mim.  
– Quero não!  
Eu não sabe falar, eu só sinal assim...  
– Não quero não! – meu língua.  
Eu fala assim:  
– Você come!  
Ele falou:  
– Pode comer.  
Aí eu pega colher mete boca do branco. Aí ele  
comer... comer... aí eu come.  
Deu banana, eu mete na boca dele primeiro.  
Aí eu falei:  
– Tá bom!  
Aí depois que branco falou:  
– Ah, esse índio sabido com medo de morrer.  
Aí eu pegar facão, facão no meu costa pendurado  
aqui... fósforo...  
Tem palito de fósforo, aquele chapéu amarrado,  
cinturão... amarrado aqui. “Será que esse branco vai  
matar?”  
Aí eu pensava que outro índio, ne? Olhava outro  
índio: “Será que esse meu irmão que roubaram?” Assim,  
assim não. Ele não entende, ele não sabe que  
roubaram meu irmão.  
Aí eu acostumado já branco. Quinze anos, por aí  
assim... Eu tava no meio dos outro. Outro tem cora-  
gem. Ele tudo come. Tudo! Os outros comeu tudo  
comida de branco, só eu que não come.  
Piu, ele é meu companheiro. Sempre que ele an-  
dava comigo. Por isso que ele gosta muito comigo.  
Eu criado junto Piu. Eu fala:  
– Piu, nós vamo matar esse branco! Cê sabe que  
teu pai morreu, teu mãe morreu, teu irmão morreu...

Por que nós vai morar com branco? – eu falei assim,  
eu falei com ele:

– Por que nós vai morar branco? – Meu vô mor-  
reu causa de doença de branco... Tem que matar, Piu!  
– Eu vou matar branco! Cê num matar, morre aqui  
causa de doença de branco. – falei pra ele – Eu num  
quero morrer aqui no meio de branco aqui não. Eu  
vou embora pro maloca. Maloca que tem bom! – falei  
pro Piu – vão bora pro maloca, Piu?

Piu não quis...

– Cê quer morrer aqui mesmo! Cê pode morar  
branco, no meio de branco... Eu não vou morrer aqui  
não. Tu sabe que seu pai morreu, Piu? – eu falei com  
ele – Vão matar, vão matar, Piu! – falei com ele – Eu  
vou matar!

Aí Roberto Carlos, Cinta Larga, chegou e falou:

– Ah! esse índio quer atacar vocês. Eles vai ata-  
car vocês.

Aí FUNAI mandou mais civilizado ainda. Muito  
civilizado ainda, sabe? Naquele tempo é pra frente de  
atração.

Tem rádio, sabe? Eu ia pra estragar rádio, sabe?  
aí o chefe não deixava entrar lá. Eu falei pra Naku-  
sapiap:

– Vão estragar esse rádio, vão jogar fora rádio no  
rio? – eu falei com ele – tu sabe que ele chama tudo  
civilizado esse rádio? Você não escuta ele falava que  
chamava avião? Aí, depois que ele falou, avião che-  
fou. Aí eu falei pro Piu:

– Quando ele falou rádio, depois que é a tarde,  
avião chegou aí trazer gente...

Eu ficou bravo pro Roberto Carlos, sabe? Ficou  
bravo muito!

– Roberto Carlos, – eu falei – você sabe que eu  
sou pequeno, ne? Você é amigo de branco... O bran-

co é seu pai? – falei com ele – Você sabe que o branco matou seu pai lá... lá na fazenda? Cê sabe que o branco cortou seu pai? Cachorro comer seu pai... Tu lembra isso? Cê lembra isso?

Roberto Carlos balançou a cabeça:

– Eu não lembra mais não. Ele morreu, pronto!

Eu falei:

– Se o branco não matava, seu pai vivo ainda. Seu pai vivo ainda...

Aí índio ficou olhar de mim... meu pai olhava... índio ficou tudinho com nós, sabe? Aí eu foi embora pro maloca. Depois eu voltei de novo. Aí eu morava.. Já acostumei lá. Aí morava muito... morava... Aí branco quer mandar trabalhar comigo, quer mandar trabalhar comigo, né? Aí eu não vou trabalhar não.

– Cês sabe que eu cheguei agora do maloca... – eu falei no meu língua – cês sabe que eu sou índio... Não sou amigo não! – falei na minha língua.

Gavião e Arara<sup>(6)</sup> contou pra ele que eu falei, ne?

Ah! aquele índio não quer trabalhar não. “É que não sou amigo de branco”.

Civilizado todo tempo pendura revólver aqui na cintura, na cintura... tudo cintura... Aí o índio ficou muito bravo, sabe? Aí o índio contava: “Rapaz, índio vai atacar você. Muito cuidado serviço!”

Aí ele foi lá na maloca. Ele foi onde que Apoena trabalhava... olhava assim... aí Zebel chegou. Zebel amigo de Apoena. Aí abraçava muto comigo, sei que tal... eu olhava assim... cara dele... muito amigo, ne? Aí costumei costumei. Aí ficou amigo. Aí acabou. Não quis mais matar. Aí foi embora branco...

Ai que o crente chegou depois. Aí que eu não sabe que é gravador, né? Eu pensava que o gravador chamando outro branco. Eu escutava assim, grava-

dor, e falava meu língua:

– Pra que isso aqui? Isso chamar branco? – na minha língua, né? Isso aqui chamar branco lá no fora?

Gavião Arara tava perto de mim, crente falou com ele:

– Perguntar você pra que esse rádio? Pra que isso?

Aí Gavião contou pra mim.

– Isso aí é só pra gravar pra gente rir.

Aí falei:

– Se você chama lá fora, eu ia jogar lá no rio.

Aí branco falou:

– Não, isso aí não, não é nada.

Aí comecei a brincar... brincar... eu olhava assim, pessoal jogar bola lá... branco jogar bola, né? Aí falei:

– Eu vou, qualquer dia eu vou matar!

Aí cabou conversa. Outro índio chegou conversou comigo:

– Ah! esse branco... não é esse aí que foi matar de seu parente não?

– Esse aí é da FUNAI, sei que tal... Eu sabe que é da FUNAI.

Aí eu falei:

– Como que é da FUNAI? É da FUNAI, é nosso pai?

– Esse aí que ajuda gente... cuida de nós. – Índio falou.

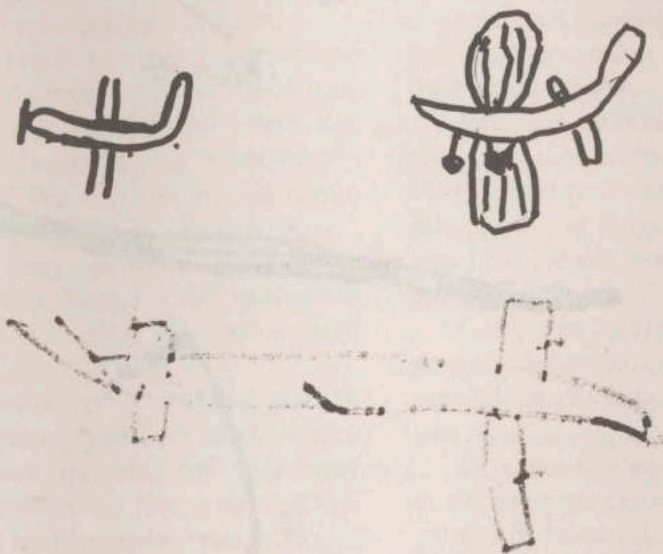
6. Gavião – [Digul] – Grupo indígena do tronco Tupi, família Mondé. Foram os primeiros a entrar em contato com os brancos, servindo de intérpretes nas frentes de atração dos Cinta Larga.  
Arara – [Karo] – Grupo indígena do tronco Tupi, família Rama-Rama. Convivem com os Gaviões na área indígena do Igarapé Lourdes.

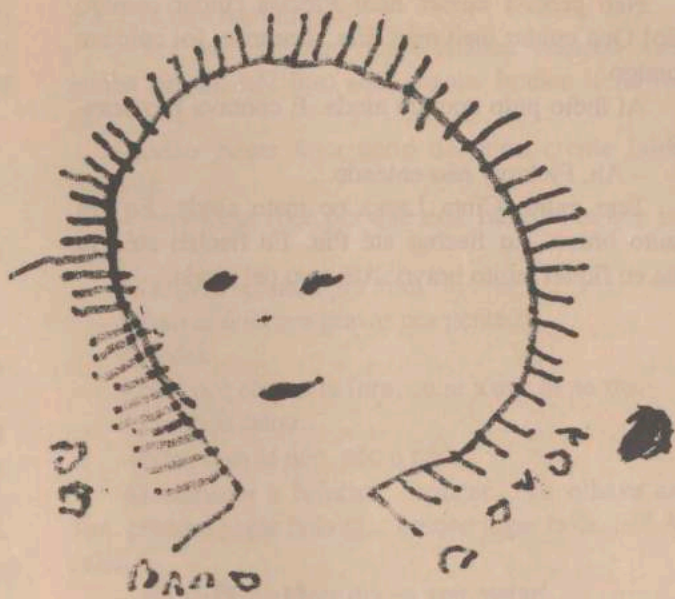
Não precisa cuidar não! Precisa cuidar comigo não! Que cuidar meu mãe. Ela, meu mãe, foi cuidava comigo.

Aí índio puto comigo ainda. E contava pro branco.

– Ah, Pichuvy não entende...

Tem muito Cinta Larga no mato ainda. Eu era muito bravo. Eu flechar até Piu. Eu flechei até Piu que eu fiquei muito bravo. Até meu pai ainda...





Maíba

# MEU MÃE É OUTRO ALDEIA

Eu vou contar da história segunda vez foi guerra. É assim contavam pra mim. Sobre meu mãe que foi pegada outra aldeia.

Quando índio foi fazendo guerra outra aldeia. Daí Cinta Larga pegou meu mãe. Assim que contavam pra mim.

Quando índio foi fazer guerra, mãe de menina cobriu ela. Tinha panero... ela escondeu menina baixo do panero. Então ela escondeu lá dentro, quando Cinta larga abriu lá, viu meu mãe tava lá dentro.

Então Cinta Larga pegou meu mãe pra levar maloca dele. Depois que é grande, meu pai casou com ela. Depois meu pai fez eu, primeiro filho dele. Ela falava assim comigo: "eu sou filha de outro índio - índia de outra aldeia." Por isso que eu fica assim, que eu não tô sabendo qual é aldeia meu mãe.

Tem muito Cinta Larga espalhado, outro lugar tem outro índio espalhado. Ninguém sabe qual aldeia meu mãe. Meu pai é Cinta Larga. Meu mãe é outro aldeia.

Quando eu tava nove anos, meu mãe morreu. Meu mãe falava pra mim: "Vão bora procurar meu família no mato". Eu era pequeno... não sabia matar bicho também. Por isso que eu ficava aldeia Cinta Larga. Por isso que eu até hoje lembrar meu mãe...

Eu gostava muito meu mãe. Gostava muito dela. Depois que ela foi morrer. Antes encontrar branco.

Depois que eu dez anos, tinha mais dois irmão meu. Branco já tinha... Invadiu esse terra de reserva nossa. Irmã meu, tudo dois, sumiu no mato. Roubaram meu irmão. Até hoje não descobriu nada. Nem notícia irmão meu até hoje. Por isso eu que tem lembrar meu mãe, meu irmão. Assim que meu mãe falava comigo: "Quando eu morrer você tem que lembrar eu, teu irmão..." Meu mãe, quando ela viva, falava comigo é assim.

Uma vez, quando eu tava triste assim, eu tem vontade chorar causa meu mãe. Porque meu mãe não tinha nenhum parente aqui Cinta Larga.

Meu mãe contava de história comigo, quando tinha nove anos. Depois que ela, meu mãe, morreu. Meu vô, ele criava minha mãe. Então quando minha mãe morrer, eu ficou meu vô. Meu vô criava no maloca dele. Depois meu vô morrer de doença de branco, eu ficou morando meu pai.

Daí que eu foi encontrar branco. Quando cheguei no meio de branco, encontrei branco, eu falava muito meu língua pro branco: "Foi você que roubaram irmão meu?"

O branco não entendia quando eu falava. Depois de dez anos que morava branco, aí aprender pouco de palavra de branco. E depois que eu falava um pouco língua de branco, eu contava pra ele assim: "Meu irmão sumiu no mato".

# VELHO QUE CONTA HISTÓRIA DE NOITE

Mas tinha muita gente, né? Tinha muito criança, muito índio... criança, menino, né? Aí quando gente brinca lá fora, velho não conta história ninguém ainda não, sabe? Aí quando chega hora pra dormir no casa, aí velho conta pra gente, né? Que é, como que é a história, como foi, como é que o bicho foi aparecer, né? Aí velho fala pra gente como que bicho foi aparecer, né? Ngurá foi fazer o mundo primeiro. Então velho fala pra gente primeiro esse história, né? Pra gente saber de história. Então que ele falava pra gente outra história de depois que bicho apareceu, que pegava coisa, artesanato, né? Então o velho contava pra gente saber, né? Depois que gente grande sabe também contar história.

Aí depois velho, de noite, conta pra gente, né? Conta pra gente grande não, sabe? Só menino, criança mais inteligente que aprender, né?

Assim perto mãe, pai, tudo deitado na rede. Grande escutava também. Todo mundo mora junto, né? Então por isso que o mais velho que foi o primeiro que aprendeu história, ele mesmo fala pra gente quando a gente novo, né? Gente novo não sabe. Então quando eu era criança, eu entende um pouco como é que meu vô falava comigo. Então quando gente dormia já madrugada madrugada, cinco horas, ele mandar acordar para contar história de madrugada, sabe? Pra gente já saber do história. Quando gente vai dor-

mir, não quer escutar, né? A gente vontade sono, dorme. Então velho vai balançar rede da gente pra escutar história, né? É assim... Toda noite. Alguma noite não conta. Aí quando era inverno e tinha frio, o velho falava pra gente: "Vocês vai tomar banho cedo. E quando vocês voltar eu conta história". Ele falava assim pra nós.

Frio desse, tem sereno tudo, aquele vento de frio! Então gente vai tomar banho e quando voltar, ele vai conversar... falar de história, sabe? Aí aprende um pouco, né?

Quando eu era pequeno, eu queria aprender muita coisa, né? Então aí não deu pra mim aprender porque depois que eu tá sabendo um pouco de história que o velho falar, velho morreu, deixou nós. Então de história que ele contava pra nós eu saber como é que eu foi nascer, como é que o bicho pegou artesanato - coisa pra ele mesmo. Então que o velho falou pra nós assim que o bicho pegou coisa pra ele mesmo.

Eu tô fazendo livro pra nós saber história como é que foi. Velho morreu não tinha nada...

Agora branco chegou, né? Atrapalhou vida, cabeça do índio. Não conta mais história... perdeu tudo... tudo perdido cabeça, né?

Eu acha que eu tá certo, né? Eu fala, eu fala... Todo dia não fala não. Quando pessoal dorme maloca

meu, aí eu conta. Conta sim. Eu conta pessoal. Tatarezinho sabe pouquinho. Eu conta Tatarezinho também. Tatarezinho... Piu... Eu conta tudo assim que meu vô falava antigamente pra nós. Então pessoal tá sabendo um pouco. Não é tudo história não. Eu sei pouco, né? Eu é mais velho, mais eu... Rondon sabe... Mineiro novo... Mineiro Novo era pajé. Agora não é mais não.

Meu menino não sabe ainda. Mas algum dia eu conversa com ele de história, né? Contar de histórias pra ele, mas ele não entende bem.

Meu pai... não sei que meu pai sabe. Meu pai sabe pouco mas não conta, sabe? Ele esqueceu tudo de história. Menino de aldeia não sabe mais história. Nenhum índio conta pro filho assim. Nenhum conta não. Não conta mais...

Agora eu... eu lembrava tudo história, né? Assim que foi. Sabe por quê? Porque era pra mim ficar pajé no lugar do meu vô, né? Por isso que meu vô, todo velho, contava pra mim, sabe? Aí ele me contava como que foi nascer primeiro gente.

Conta todo mundo, mas outro esquece como é que foi, né? Eu lembrar até hoje, como meu vô contava comigo, né?

Pra mim ele ensinava ser pajé. Dzabiway também. Meu avô era chefe muito grande. Sabe o que é Pangobit? É chefe mais forte, né? Pangobit é que manda muito trabalhar, ele manda fazer coisa, plantar roça, fazer flecha... Mandava todo mundo. Ele que manda escolher se vai fazer guerra. Aí quando ele mandar fazer guerra, ele mandar fazer festa grande! Caçar, pessoal vai junto caçar... Não é? Só isso, mais nada.

Ele me criava. Não morava meu pai não. Eu mo-

ra fora, outro aldeia. Então esse meu vô me criava. Meu vô, velho, mais forte ainda que Pangobit.

Ensina ensina pro menino ser chefe que ele vai saber tudo. Porque se não sabe e vai se Dzabiway, não adianta né? Dzabiway tem que saber fazer flecha, saber fazer artesanato... Meu vô mandar ensinar pra mim ficar Dzabiway. Tem que mandar fazer casa... Eu fica Dzabiway só quando mandar fazer casa, porque Dzabiway é o dono da casa. Então quem não sabe de tudo fazer, não fica chefe não.

O problema de minha aldeia é fazenda de branco.

Primeiro não tem branco no aldeia, né? Não encontrar branco. Agora tem fazenda tudo. Branco invadiu tudo terra, né? Então quando era nós primeiro, morava na aldeia, não tinha nem contato com branco. Agora branco procurar atrás de terra. Então branco quer terra pra criar boi, de vaca... Aí branco atrás de terra, então esses dias agora tem fazenda na aldeia. Branco, né?

Ele sabe que é terra de índio. Ele sabe, gente já falou pra ele que é reserva nossa, mas ele pensa que nós tá falando errado, né? Mas não é, né? Branco invade terra procurando pra ele morar. Tinha picada na estrada. Picada de demarcação de reserva nossa. Era picadinha, quando era reserva pequena. Aí mato foi cresceu, criou capoeira no mato. Então quando mato cobriu picada, aí o pessoal invadiu, entrou pra dentro. Então quando nós vem olhar de picada, não tinha mais picada, né? Já sumiu picada. Então nós vem de acompanhar picada. Tem muita fazenda pra dentro. Aí quando nós vai chegar, nós falar pro cara que "é nossa reserva, você tava aqui!" Aí cara não acredita, né? Por isso que o branco tá aí reclamando gente, né? que o índio é ruim, né? Não é!... O branco que é er-

rado de entrar no aldeia, a terra do índio, né? Então quando a gente vai falar pro fazendeiro e colono assim, branco pensa que nós é ruim. Mas não é.

Mas tinha outra coisa, garimpo também. Garimpeiro também quer quer garimpar lá, procurar de outro. Lá tem garimpo no 14 de abril também. Ele é garimpo de cassiterita. Branco quer garimpar cassiterita lá, sabe? Disse que tem muito cassiterita, né? Então esse aí também dentro reserva, né?

Também tem madeireira tirando madeira, mas ela tá errado também. Gente vai falar também pra branco no madeireira: "Cê tá tirando a madeira nossa também!" Aí cara acha ruim pra gente também. Branco foi abrir estrada, né? Disse que puxaram toda madeira que caiu, né? Derrubaram tudo – porrada igual roça – Então a gente sabe que ele derrubaram árvore tudo, né? Mas quando gente vai falar, cara acha ruim.

Eu que preocupar tudo isso, né? Mas não é só eu não. Acho que os outros também tudo aldeia, sabe?

Estraga tudo, né? Mato não nasce mais... Quando derruba árvore, o toco não nasce mais. Se tirar tudo, ele acaba, né? Não vai tirar mato mais... rio é só pra segurança de árvore. Que água corre na sombra de mato, sabe? E quando abriu mato, fez derrubada assim, não tem mato mais, não tem rio mais. Acho que sombra é pra não secar água. Agora, quando água seca, aí não tem árvore, sabe? Só areia assim, água não vai ser bom não.

Bicho também tá começando acabar. Agora é difícil pra pegar bicho. Pra matar bicho, né? Agora já sumiu tudo bicho. Agora só tem macaco. Macaco, passarinho... mais ninguém. Já tudo acabando já. Tudo assim do aldeia.

Branco tem muito, né? Branco tem muito! Índio

tem muito pouco! Depois de índio acabar, comé? Vai acabar mesmo! Porque branco disse que o índio é ruim. Branco quer mato, então mata os índios também por causa de terra, porque quer morar terra dos índios, né?

Índio não deixa né? Não deixa o branco entrar no reserva, né? Se o branco entrar, ele mata árvore tudo, né? Caba logo, não é?

O branco quer é procurar terra pra ganhar dinheiro, né? O índio não precisa de ganhar dinheiro. O branco quer ganhar muito dinheiro! Índio precisa caçar... índio precisa pescar... tirar mel, não é? Só isso que índio precisa. Mas não tem negócio de derrubar árvore não.

Mas eu podia ser branco, não é? Mas não ia derrubar árvore não. Árvore não. O branco derrubar tudo árvore. Eu tá falando assim, sabe? Se eu fosse branco, eu não derrubava. Eu precisava caçar... brincar lá na sombra... não é?

Então negócio é assim. É ruim pros índios, né? mas índio não derruba não! Não derruba de árvore... não faz muita roça não. Roça grande não. Não precisa fazer roça todo ano ano, sabe? Isso aí índio fazer assim:

Depois que capoeira vai crescer, ficar terra nova, aí gente derruba de novo. Tem muito mato mas não precisa derrubar não. Índio vai andar mato. Não precisa cortar galho pra abrir caminho grande. Precisa não. Índio precisa só andar sem caminho. Por isso que mato não estraga pra índio. Índio não estraga mato.

Ninguém do índio mata muita coisa assim bicho não, sabe? Índio mata um bicho já vai embora, né? Depois outro dia mata outro.

Agora quando nós caça esse dia agora, nós mata não sei quanto! Estraga bicho! Mata só à toa bicho, sabe? de tiro assim... de flecha não. Quando de flecha, bicho não sabe que vai morrer. Quando barulho de tiro, aí bicho some, né? Some sei pra onde e não. Tinha bicho que não acabava. Tinha muito bicho! Tinha muita gente caçando, mas não acabava. Num acabava não! Agora com barulho de tiro – espingarda – bicho some, sabe? Some, vai embora outro lugar. Agora de flecha não. Flecha a gente mata, quanto quiser matar. É assim, né? Assim que índio foi primeiro, antes contato branco. Agora não, esse dia gente já estragou a vida do índio, sabe? Até eu, eu não sei mais... Até eu, hoje, eu não quero nem saber do índio mais...

Porque pessoal branco veste roupa, usa roupa, por isso índio acostumou, né? Por causa disso que índio não quer saber da vida do índio. Por causa de roupa, né? Índio quer ficar igual branco.

Se a gente fica vivo, não deixa acabar reserva. Só isso que índio quer: segurança. Negócio de história que velho contava, isso aí índio não tá sabendo. Índio só querer a vida do branco...

Quando nós tava antigamente... antes primeiro contato branco, aí nós não querer nem saber da vida do branco, sabe? Depois que o americano chegou, que o missionário chegou pra atrapalhar cabeça da gente. Que ele mandou fazer igreja tudo, né? Aí que perdeu a vida do índio.

Antigamente tem festa, tem tudo, no meio do branco ainda. Então esse americano, missionário<sup>(1)</sup>, chegou, né? Aí gente acredita, cabou. Aí índio quer virar crente, mas quando depois americano foi embora, deixou tudo igreja, né? Então ele atrapalhar cabe-

ça de índio.

Não tem jeito, já acabou! Pode ser, né?

Quando eu não era Dzabiway, americano fez contato comigo. Aí americano foi embora. Aí depois, mais dois anos, que eu fiquei – Dzabiway.

Então eu falava pra índio que o branco tá errado. Aí eu voltei no aldeia meu. Aí mandar festa, né? Aí que começou dançar outra vez, sabe? Os outros não mandava dançar festa. Então, quando eu cheguei, eu falei pessoal: “Vamos dançar!” Então pessoal ficou alegre, né? Foi começar brincar...

Então quando eu falava pessoa não quer dançar causa que americano missionário falou não pode beber... não pode dançar... Foi isso que americano deixou pra nós, sabe? Aí nós acreditava, sabe? Agora não, agora esqueceu que o americano falava.

Tem festa índio, mas de dança de branco eu não sei também. Agora eu... eu dança de dança de índio também. No maloca nova tem festa grande. Mas não é dança de branco não. Dança de nosso mesmo! Vem gente de outra maloca... Então quando era nós que fazer festa, a gente vai avisar outro maloca longe... Dois dias de viagem. Então quando pessoal aparecer... chegava... ele tocava no taboca de chegada, né?

De história que foi primeiro assim, sabe? Primeiro nós era muito, mas cabou. Era muito velho... gente muita, sabe? Agora cabou...

Tinha maloca perto... mesmo roça, né? Tinha quatro, outro lugar tem cinco.

Não é tudo Kakin não. Tudo misturado, né? Vocês não tem misturado? Mesma coisa: tudo é Mâm, Kabân, Kakin... tudo misturado.

1. Americanos do Summer Institute of Linguistic que estiveram no P. I. Roosevelt traduzindo a Bfblia.

Eu sei que eu sou Kakin. Mãe, Pâpep é gente preto. Pâpep gente vê que é gente preto, índio preto, né? Rondon e toda família de Rondon é Pâpep. É gente preto, sabe? Não sei como que foi aparecer não.

Não tem isso dividir terra não. Mesma terra, né? Gente acha ruim gente de fora assim... branco...

Sabe que índio lá morava. Depois do primeiro contato a gente com medo que branco é bravo e vai matar. Assim que começa brigar.

Não é marcado terra nada. Tem nada! Só caminho-picada, né? Ninguém vai ir lá. Não tem nem caminho de lá longe não. Só caminho de maloca nossa. Cinta Larga, né? Só Cinta Larga tem caminho. Mas Suruí assim, branco, não tem caminho não, pra ir não. Mas gente saber tudo. Já tudo rodando assim, sabe? Quando demorava muito tempo, um pouco da gente vai outro lugar derrubar roça. Então assim que foi espalhar Cinta Larga muito assim no terra, sabe? Um ficou pra trás, outro vai ficou pra frente. Outro vai pra não sei pra onde é, sabe?

Eu nunca fui pra Serra Morena. Eu já fui lá no Rio Preto antes que tem branco. Eu fui no Rio Preto, eu voltei pro Roosevelt, aí depois eu encontrei branco lá. Aí hoje não tem mais. Tudo invadido já. Mas não tem mais mato... Acabou, né?

Agora esse dia não precisa fazer assim mais.

Tinha roça primeiro, depois fazer maloca. A gente mora acampamento – barraquinho tapiri. Depois fazer roça. Quando roça queimar, a gente fazer maloca grande. Então é assim que o índio faz. Faz derrubada grande pra toda maloca. Todo mundo plantar junto, né? Não precisa pedacinho... assim não dá.

Só que Dzabiway manda plantar tudo uma vez. Todo mundo pode comer. Índio não precisa puxar pé de macaxeira, né? Aí outro nasce de novo. Aí vai ficar muito tempo... muitos anos ainda.

Agora branco arranca pé de macaxeira... Puxa, arranca... Pronto, caba! Índio não faz assim não. Índio quando tinha raiz roxo na terra, estalando assim, o índio cavar, tirando lá no pé, aí nasce outro bem no mesmo raiz. Aí outro macaxeira. Aí fica muito tempo...

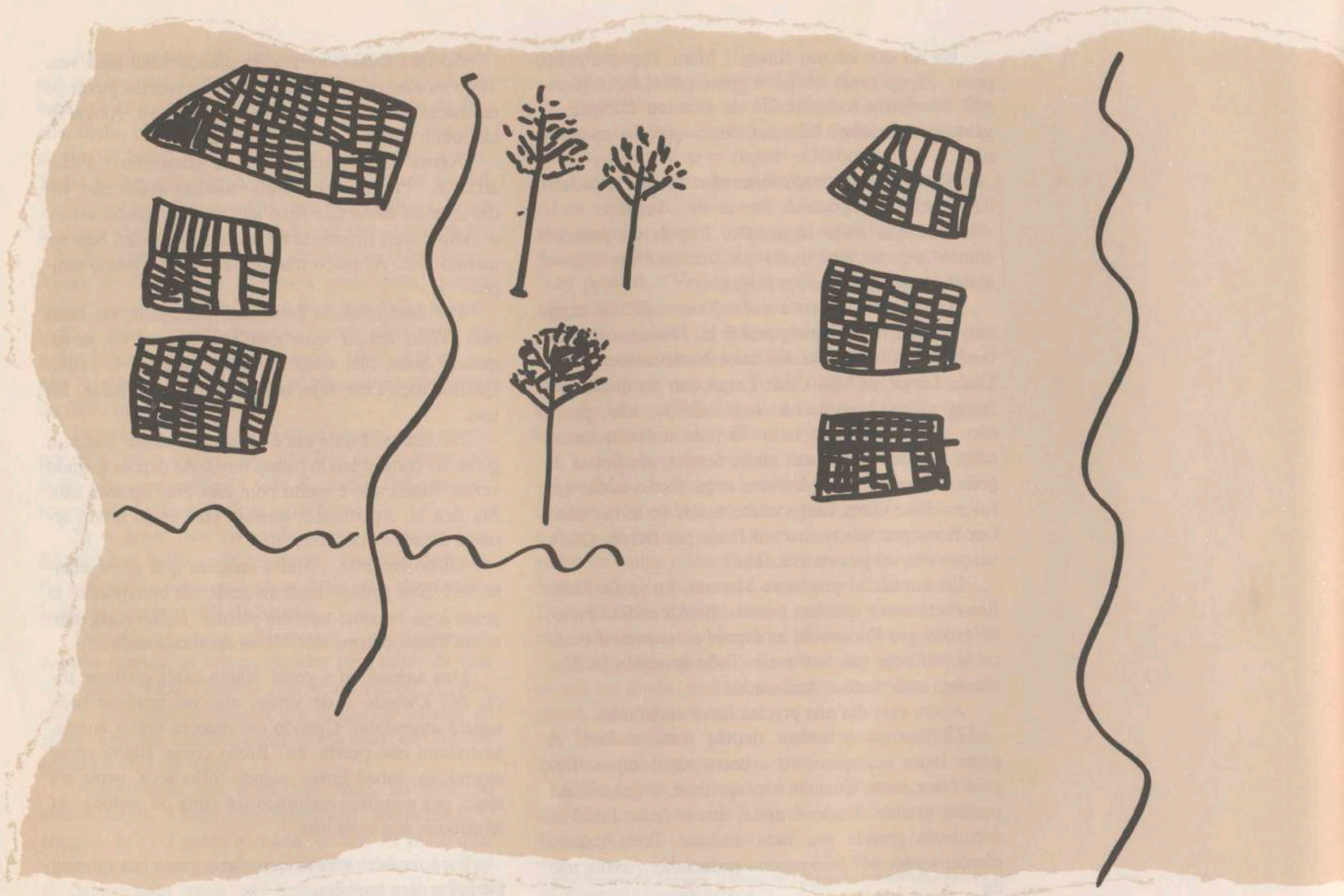
Por isso nenhum índio fica fome não, no mato não. Todo tempo mandioca vai crescer de novo, mesmo outro raiz nasce de novo, nasce... É assim. Quando roça ficar suja, né? gente roça por baixo. Só isso.

De batata, batata ela é mais ruim ainda. Batata a gente só come quando batata novo. Aí depois quando verão, batata não é muito bom não. Não arranca não. Ela fica lá. Apodrece... quando chover de novo, arranca de novo pra comer, né?

Milho semente... Milho semente que gente planta, né? Com pedaço madeira gente faz buraquinho, aí gente joga semente também plantar. Milho mais duro assim muito tempo, sabe? Num apodrece nada.

Mas amendoim a gente planta antes queimar roça, né? Quando é de verão, nós vai arrancar tudo aquele amendoim. Quando ele demora muito tempo, amendoim não presta, né? Bicho come. Bicho come amendoim, sabe? Então quando folha seca, gente arranca pra guardar pendurado em cima do maloca. Aí amendoim não caba não.

Cará também mesma coisa que gente tira quando ele folha seca também.



# BRANCO DERRUBA ATÉ NO SERRA...

Branco que foi atrapalhar a gente, né? Então índio não precisa que derrubar muito a roça, né?

Então cará, a gente planta cará aonde que tem terra bom, sabe? Onde tem terra bom. A gente vai procurar terra bom. Não é qualquer um lugar pode plantar não, sabe? Então índio vai andava no mato... procurar lugar onde que vai ser bom. Então o índio vai procurar mais lugar bom e escolher terra bom onde que cará vai ser bom, milho vai ser bom, que nasce, né? E quando gente planta qualquer um lugar terra, não nasce bem, sabe? Não nasce nada! Aí o cará não vai dá nada! De macaxeira também não nasce nada! Aí o cará não vai dá nada! De macaxeira também não vai dar. Então gente, primeiro, derrubar só um pequenininho, – derrubadinha – sabe? Aí gente toca fogo. A gente planta um pouquinho pra ver que tem terra bom. Aí cará não deu, não pega bem, o milho não vai crescer bem, a gente não vai derrubar mais. A gente vai procurar onde tem mais lugar bom. Vai escolher mais lugar bom. Entao esse daí que vai mesma coisa, né? Não deu, tem terra vermelha, aí planta pouquinho, mesma coisa... Então aquela vai deu um pouquinho. Se não deu muito forte cará, aí gente vai procurar onde tem terra preta – terra roxa. Então aquela terra vai deu bom, então gente vai derrubar pouquinho. Aí o cará vai deu, milho vai ficar muito forte e tudo coisa... batata vai ficar grande.

Quando cará, ele também, sabe? A gente vai morar lá. Então essa onde que terra roxa cabou, quando terminar dessa terra preta, então aí que nós vai procurar outro lugar onde tem mais outra terra bom. É assim que índio fazer roça, sabe? Não é derrubar uma vez assim qualquer um lugar tudo não. Aí índio planta planta planta... Aí derrubaram mato. Aí quando aquela terra bom, nós derruba metade de novo. Aquela não vai dar mais. Aí índio pensava que não tem terra mais. Acabou essa terra onde tem criado de cará, sabe? Cará gosta de terra onde tem bom lugar. Cará num gosta... macaxeira... tudo comida não gosta de onde não tem terra bom. Onde tem terra bom ele gosta de criado bem, sabe? É assim que índio faz, não é?

Mas branco, sei não... Branco pensava que o comida nasce todo lugar bem, sabe? Branco pensando assim, branco derruba até no serra; assim em cima do serra branco derruba, sabe? Mas não tem isso não! Índio não tem isso não! Índio não tem serra, não tem nada... Índio vai procurar aonde não tem serra. Índio vai procurar aonde tem barro preto, terra roxa. Aí gente derruba aonde tem igarapé mais forte ainda, sabe? Onde tem igarapé que não seca. Quando de verão não seca, aí gente morava lá.

Primeiro lugar quando eu morava, meu pai derrubava beirando o rio, né? Aí quando derrubavam de

novo, aí nós morava ainda, sabe? Aí tem muito carapanã, aquele ferra gente, né? chupar o sangue gente. Então meu pai não foi queimando roça não. Só derrubaram. Aí nós deixou só derrubado, foi embora outro lugar. Derrubar outro lugar roça mais longe do rio. Aí que foi positivo. Não tem mais carapanã, sabe? Aí que não tinha cará bom, sabe? Aí depois nós volta onde que meu mãe morreu, sabe? Aí fez roça de novo.

Morava beirada rio grande não. Nós precisa morar rio grande não. Nós precisa igarapé pequeno assim... tem peixinho...

Quando o rio secar, gente bate timbó matar peixe... e quando o veneno cipó vai matar tudinho peixinho, aí nós comendo peixe, sabe?

E quando outro, quando rio encher, mês de fevereiro, peixinho vem de novo subindo de novo... Peixinho não acaba nunca não. Num acaba quando bater timbó não. Acaba só quando de verão, né? Quando rio encher de novo, outro vem. É assim que índio come peixe também, sabe?

De verão num pegar rastro bicho não. Só quando chover. Gente escuta barulho de bicho, gente escuta barulho de bicho e tinha folha seca... tinha barulho de bicho vai correndo, gente escuta, né?

Agora no mês da chuva que gente pega rastro de bicho. Que bicho atravessou assim caminho, aí gente vai até atrás de rastro até encontrar bicho. Aí gente mata. O tatu também pega rastro. Onde tem buraco de tatu a gente mata tatu de fumaça. Botar fogo no buraco, a gente soprar. Aí tá esperando três horas, a gente ficava lá na boca do buraco. Aí Tatu vem saindo a gente mata assim tatu.

Tocaia também gente faz. Tocaia é só passarinho, nambu, sabe? Bicho grande não. Bicho de porco, anta, não faz assim não. Só matar passarinho nambu, mutum, jacu, tudo isso, não é?

Gente pega rastro de anta também. Quando anta vai deitada, gente chegar devagarzinho... num faz barulho... até chegar de anta.

Caça de dia só. Por enquanto gente mata de noite, só no barreiro, né? Quando lua clara a gente mata anta de noite na flecha, né? Precisa um flecha só. Um só. Acertar aqui no costela. Eu já matei duas antas de flecha, já, rapaz! Dois não, três. Matei três anta de flecha.

É bom! Flecha não entra lá na costela, sabe? Porque onde tem mais mole daqui assim e pra trás assim, mais mole, né? Porque pra trás flecha não entra não. Porque couro dele grosso, né?

Eu não tem espingarda... eu caça flecha. Eu não gosta de tiro não. Só meu irmão tem espingarda.

Então é assim que nós fazer primeiro, né? Agora, os outros não quer nem saber de flecha. Eu, Mineiro Velho, Rondon e Negão, mais um bocado de índio flecha só caçando, né? Agora os outros não; os outros é espingarda. Quer saber tiro. Eu não, eu não gosta de tiro de matar bichinho. Eu gosta de sem barulho, de flecha. Depois que muito pensava assim... Depois que cara quer me matar, onde que eu tava, barulho que vai me assustar lá... lá no mato. Por isso eu com medo assim... Flecha não tem barulho... Quando gente flecha não tem barulho. Aí depois que cara mata qualquer irmão meu, aí eu vem pegar espingarda meu. Aí eu fica bravo, né? É assim que eu pensa isso, né?

Bicho, Cinta Larga pode comer tudo, né? Capivara pra nós num come. Agora que nós come capivara, né? Quando encontrar branco, né? Cobra não come... sapo não come... Macaco gente come tudo...

Antigamente a gente não come macaco preto. Agora gente come macaco preto. Comer ele faz mal pra gente, né? Porque macaco era Dzabiway, primeiro chefe. Porque agora nós come macaco – esse dia agroa. Nós aprendeu pros outros índio pra comer macaco também. Costumou que a gente comeu.

Mulher, quando menino nascer, aí não come nada. Ela come só sopa, né? Come sopa doce, mel, galinha... só bicho de pena: mutum assim, nambu... Até menino vai ficar crescendo um pouco, sabe? Já tinha três meses... cinco meses assim...

Homem pode comer tudo. Quando nascer menino, aí não pode beber água. Só dez dias. eu pode comer, né? Esses dias eu come tudo, meu menino grande já. Antigamente gente não come macaco. Quando menino nascer não come macaco, nem tatu; tudo bicho carne não come. Só bicho pena: nambu, mutum... aí gente come assim antigamente. Agora não. E dá quando menino ficou andando, aí gente come tudo, né? Aí nós come... Demora mais de um ano ainda...

Não pode matar bicho. Quando menino nascer num mata não. Passarinho gente mata. Passarinho não faz mal não. A gente espera só tocaia de caçar pouquinho, mas já vê bicho grande não mata não. Até menino andar gente não mata. Quando vê porco, gente não quer ele matar, macaco também não. Depois espírito macaco mata neném. O espírito dele mata espírito de neném. Que o espírito macaco vai

matar espírito dele na flecha mesmo, sabe? Por isso que o índio proibiu assim sabe?

Pra nós agora, nós não tem isso mais não, rapaz! Não tem isso mais... Por isso que índio viver muito doente... Talvez, né?

Não pode tomar banho água... Só água quente, né? Tudo... homem e mulher. Pode tomar banho quente... não pode cruzar o rio...

Nasce neném lá dentro maloca. Só não pode andar. Mulher não pode andar. Homem, pai, não pode andar. Fica uma semana, né? Uma semana só fica dentro de casa. Quando gente vai lá fora, levar fogo, né? De dia ainda... pra espírito de bicho vai fastando... vai embora pro fogo, né? Aí nós vai levar fogo pra sair assim... de dia ainda – levar fogo. É assim que eu vi. Eu vi antigamente pessoal. Ninguém mais.

Num pode transar também até neném andar. Num arruma namorada não. Depois que eu transar outro mulher, aí menino vai provocando, vomitando, sabe? Aí mulher sabe que pai transou outro mulher. Então, por causa isso, num transar qualquer mulher não. Até neném andar. Verdade! Agora não tem mais isso não. Pra nós não tem mais. Cabou. Agora vida de branco.

Fica demorando um ano ainda pra esperar neném. Num é toda hora transar não. Espera logo não. Pode transar gestante à vontade. Eu pode, mulher pode. Tu quer saber? Quando menino pequeno assim no colo não pode não.

Então só isso, viu? Meu irmão, Grilo, cresceu meio de branco, rapaz! Ele nasceu, cresceu de maloca não. Hoje garotinho desse tamanho, doze anos assim mais ou menos, transa mulher! Tu pensa que esse

o índio ficou bobo agora mais? Até o Ratinho<sup>(1)</sup> já transou! Até o Ratinho já transava, rapaz! Mulher do Velho. Aquele Velho. Mulher Velha! Ah! não dá... Até ele já fala igual homem já. Só garganta, ele fala igual homem grande... Falava assim grosso... Por isso índio não pode transar quando ele pequeno não. Quando ele, índio transa tamãezinho, ele já fala grosso. Igual gente falar assim. É... É verdade!... Tô brincando não!

Pois é, Ratinho dois. Irmão dele também, tudo transando mulher. Gêmeo criava dois. Ratinho nasceu maloca. aí pegar trazer pequenininho no colo branco, no meio do branco. Então Ratinho cresce no meio de branco. Ele é gêmeo de Ratão. Ratinho, ele nasceu maloca, eles dois. Então ele vem no colo do mãe. Quando mãe chegou aí no meio de branco, mãe morreu. Dois gêmeos vive, aí, pra que vai matar? Zoró mata um. Não é só mãe cuidar não. Vô dele também cuida. Cuida na rede. Mãe aguenta, rapaz! Aguenta!

Aleijado nasce não. Só quando... cumé que gente fala que o cara não fala? Mudo? Só isso que tem. Tem muito não. Tem cego não. E o cara mudo eu vi, só tem três. Escuta! Mas ele fala só dedo mão. Surdo não! Esse aí num tem isso não. Tem nada!

Doença de branco que faz mal pra vocês. Índio tem remédio pra quando criança vai ficar aleijado. Quando índio esperava neném num pode comer tudo qualquer coisa não! Num pode comer o macaco... nem pode comer qualquer um peixe tem dente, num pode comer não, sabe? Tem bicho sem dente num estraga coisa, aí mulher pode comer: peixe, passarinho, nambu... Depois quando barriga grande, aí come, pode comer.

Primeiro é, né? muito forte na guerra. Agora não tem mais... É bom de flecha – treinar muito, né? Porque os outros não tem flecha, né? Os outros só cacete de pedaço madeira... Por isso que o Cinta Larga mata de flecha, né? De cacete também, né? Quem não tem flecha, cumé que ele vai flechar a gente? Eu sei cumé que é. Eu acho que outro índio tem medo de nós.

Antigamente Cinta Larga era muito... Agora não tem mais isso não, né? Tinha mais Cinta Larga... Muito mais...

Conhecia antes de branco, Zoró, Gavião, Arara, Suruí, Nambiquara<sup>(2)</sup> e Canoeiro<sup>(3)</sup>. Só isso. Mas amigo não tem não. Ninguém chega no aldeia, sabe? Só no guerra. Só fazer guerra só. Ninguém lá conversar... Ninguém chega assim... fulano que é amigo.

Índio quando chegava tinha raiva mas não fala, sabe? Num fala. Depois que eu falava: “Eu tem raiva de você”. Aí índio vai fica sabendo tudo, sabe? Quando fica quieto assim... conversando quieto... aí índio mata, sabe? Mata no maloca. Outro aldeia, outro índio Cinta Larga ainda foi assim, sabe? Matava companheiro assim, amigo dele, sabe? Fica escondido de fora maloca. Então gente fazer acampamento de fora – fora de acampamento de maloca. Esperar de noite, né? Escurecer... quando gente dorme, né? Aí gente chega no maloca, cercar maloca devagarzinho, sem barulho nada. Então fila a gente faz no meio do maloca. Então quando já tinha entrado tudinho, aí

1. Adolescente Cinta Larga, tinha na época aproximadamente doze anos.
2. Nambiquara – Tribo vizinha, de língua isolada. Os Cinta Larga os chamam de Ngóin Terey – os que dormem no chão. Foram inimigos dos Cinta Larga.
3. Canoeiro – Rikbatsa – Grupo indígena que habita a região do Rio Juruena. Foram inimigos dos Cinta Larga.

*concluído o / outros índios*

que tem trazer fogo, vem atrás lumiar – gente lá. aí que quando fogo vem entrar, gente dá cacetada outro índio.

Tudo... tudo brigava. Kakin, Mãm, tudo mistura-do. Foi Cinta Larga também assim sabe. Mataram Cinta Larga também. Bocado muito... Era amigo. Foi o cara que foi matar o irmão do outro no maloca. Por isso parece cara de lá – família dele tudo – vem matar aquele que foi matar o irmão dele. Mata tudo, sabe? Ele matava por causa ciúme de mulher.

Maloca meu pai, foi só no guerra de Suruí, de Tubarão, mais de o Zoró. Foi fazer guerra só isso, mas Gavião nunca foi guerra não. Arara também não.

Suruí briga muito porque Suruí quer morrer. Suruí quer acabar, sabe? Sabe por que? Esses dias que o Suruí vai... Índio pensava cumé que nós vai fazer, sabe? Índio pensava: quando o Suruí matar qualquer um parente, Gavião vai chamar a gente e Zoró pra matar Suruí. Ajuntar pra matar Suruí, né? Suruí até hoje que fazer guerra, mas nós num quer, sabe?

Nós amigo: eu, Zoró, Gavião... Suruí quer ficar amigo não... Por isso que Suruí quer brigar quando pessoal chega no Riozinho... quer brigar... cacetar de os outros... Então... Cinta Larga ganha as briga.

Então eu vi falar que o Suruí falou que vai fazer guerra do Zoró ainda depois. Então e quando Suruí vem, Zoró vem chamar a gente. Porque o Zoró é parente nosso, né? Mesma língua nosso, e o Gavião também mesma língua Cinta Larga, sabe?

Então Zoró vai chamar o Gavião e nós pra fazer guerra de Suruí. Suruí disse que vai dar conta de brigar com nós. aí outro dia que eu falei pra Anine e Idiaraga<sup>(4)</sup>. Aí eu falei pra eles: “você quer continuando pra brigar? Só uma aldeia não vai brigar com

você não. Nós três que mesmo língua nossa, sabe?”

Anine falou que não tem medo não. Disse que Suruí mais tem forte. Suruí tem mais tudo assim: espingarda, revólver, tem tudo.

Aí eu falei: “Não tem nada disso não; não tem nada você tem revólver tudo; não tem nada você fala isso não. Pra nós tem também. – falei assim.

Esses dias não vai brigar ainda não. Quando Suruí vem guerrear a flecha, nós leva a flecha, né? Então aonde tem mais gente, muita gente assim, nós vai atirar espingarda, né? Quando pouca gente de flecha, aí gente num sabe que pessoal tá guerreado lá.

Até hoje Suruí tá com medo, correndo pra Riozinho. Suruí, rapaz! Suruí tá com medo, por isso quer matar Zoró tudinho!

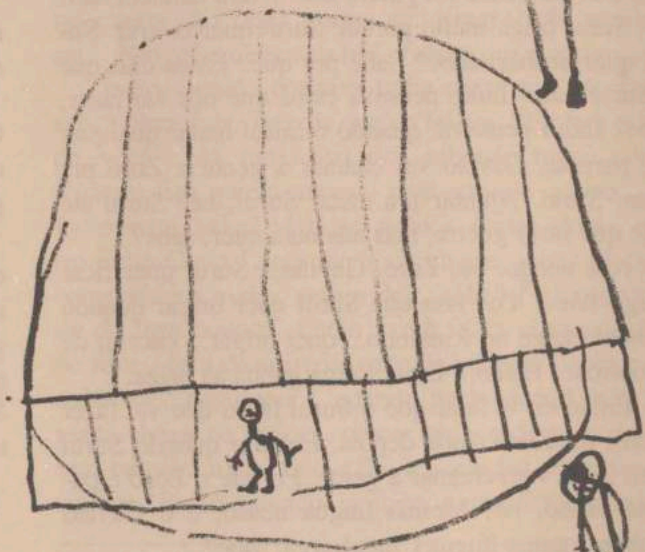
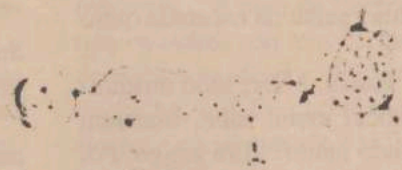
Tu sabe que Suruí quer brigar tudo: branco, Cinta Larga, Zoró, Gavião... Até aldeia dele, Suruí quer brigar, rapaz! Até pessoal dele, Suruí quer brigar. Suruí amigo não! Tá com medo também.

Suruí é muito burro. Suruí com medo porque ele, Itabira<sup>(5)</sup>, matou um bocado Zoró, né? Então, por isso que Suruí com medo que Zoró vai voltar pra pegar matar outro Suruí. Então é isso que Suruí com medo. Zoró não tem pensa isso não. Nem pensa que Suruí foi mataram parente dele não. Eu morava quatro anos com eles. Zoró não pensa isso não.

---

4. Anine e Idiaraga - Líderes Suruí.

5. Itabira - Líder Suruí.



# CABOU VIDA NOSSA DE ÍNDIO

*Texto interessante*

*contato c/ MISSIONARIOS*

Mas teve tempo bom pra Cinta Larga no mato ainda. Gente muita, maloca grande...

Gente num morre, num fica doente nada... Nem malária, nem gripe, nem TB.

Índio muito mesmo! Tudininho alegre cantava música de noite no terreiro, tomava chicha...

Depois, agora, nós tá pouquinho, bicho pouquinho também... Nós tá aqui agora, né? Mas não precisa branco não. Nós sabe tudo de mato. Se pudesse que nós voltava pra lá. Que nós não precisava branco nada!

FUNAI chegou, não é? Branco chegou...

Primeiro chefe de posto é ruim, bate nos índio... Batia com cacete de pau. Comida nossa mesmo ele joga prato fora. Queria todo mundo pra trabalho, até mulher.

Outra vez, que derrubava índio tá dormindo. Corta corda de rede. Aí índio com raiva, quer matar branco.

Aí Apoena chegou, mandou branco parar disso. Pessoal quer ir embora pro mato, foi embora tudinho! Eu ficou... esperando meu família arrumar bagagem.

Chefe de posto encheu muito canoa, encheu de água, dois irmão meu morreu... uma mulher morreu...

Peão FUNAI chega, quer mexer transar de índia. Até chefe de posto namorar índia. Mulher mesmo conta. Primeiro com medo, depois conta.

Agora não tem mais isso agora não.

Chefe de posto achava que nós tá errado, né? Só quer gente faz tudo igual branco. Trabalhar muito, ganhar dinheiro... Por isso que índio aprendeu assim, não quer fazer artesanato nada...

Aí que chefe de posto dava sabão, né? Manda vestir roupa...

Mas aí que Apoena não é assim, sabe? Apoena é bom. Cinta Larga já até baleou ele e Apoena é amigo ainda, rapaz!

Agora, missionário americano vem de atração. Vem acompanhando FUNAI, sabe?

Quando gente vem de visitar branco, missionário trapalhou cabeça gente.

Gente não sabe ainda rezar, né?

Depois outro missionário chegou, falava língua nossa. Falava de pecado, de não pode dançar, ele não pode beber nem makaloba, nem bebida nossa mesmo.

Aí sim, cabou vida nossa de índio. Esse daí ficou dois anos no Roosevelt morando. Falava palavra de Jesus, batizou tudinho na água. Daí índio acredita, né?

Também Brígido, chefe de posto, que mandava casal fazer de casa, pequenininha separada. Este também bateu muito índio! Puxava revólver... É... puxava.

Agora problema invasão também. Junto de pica-

da tem fazenda. Sessenta família pra dentro de picada. Três fazenda tem no Rio Kermit pra dentro Roosevelt.

Tem tirando madeira também.

Pessoal do exército disse que vai fazer picada grande pra gente conhecer picada nossa. Disse que vai sim! Picada pequena nós num sabe bem certo, aí para de brigar.

14 de abril tem dez fazenda também pra dentro. Nós tá esperando picada. Aí quando pronta, se FUNA num tira, nós mesmo vai tirar branco. Nós tá cansado já. Cabeça quente já tudo índio.

de um Terceiro. Quando alguém vai dentro de casa,  
de fora lá está um ao Rio Xarnit pra dentro. Não  
está.

Tem o outro mundo também.

Quando do mundo lá fora vai fazer alguma  
grande pra gente. Quando alguma coisa. Dizer que  
vai sim, faziam alguma coisa não sabe bem certo, aí  
pela de fazer.

14 Quando vai dar alguma coisa em pra depois  
de aí alguma coisa. Aí quando alguma, se EU  
NÃO quiser, não faz alguma coisa. Não se  
consegue. Não consegue alguma coisa não faz.

MARIA EDUARDO TIBRELA  
LUIZ CARLOS  
CALLE FERRAZ  
BRASIL

Este livro foi arte-finalizado e impresso nas oficinas  
da SEGRAC – Sociedade Editora e Gráfica  
de Ação Comunitária, sediada  
a Rua Catumbi, 191 - Caiçara - Belo Horizonte-MG,  
em dezembro de 1988.



Pichuvy

## MANTÈRE MA KWÉ TÏNHIN

**MANTÈRE** - *Passado, antigamente*

**MA** - *Nossa*

**KWÉ** - *Fala*

**TÏNHIN** - *Pintado, registro, escrever*

Mitos de criação do mundo, de como as coisas passaram a existir. Histórias do dia-a-dia dos índios Cinta Larga. Relatos do contato / conflito com o branco. É disto que nos fala Pichuvy neste livro, forma paradoxal de tentar fazer sobreviver a cultura de um povo ameaçado.

“Quando eu morrer, pessoal que tem lembrar de mim: que Pichuvy contava quando era vivo é assim”.

E Pichuvy morreu, vítima do processo que denuncia.

Em junho de 1988 dirigindo uma Toyota que recebera de um madeireiro, ele choca com um caminhão e tem morte instantânea.

Ele que sempre lutou para preservar a terra e a cultura de seu povo, não resiste ao aliciamento, aceita entrar no jogo e, como não poderia deixar de ser, sai perdedor.

Ler “Histórias de Maloca Antigamente”, é conversar com Pichuvy vivo e tornar possível a concretização de seus objetivos.